

COMPRAS
- ABK. 1940

SERÕES



LIBRARIA FERREIRA =
= 132, R. do Ouro, 138
LISBOA

= N.º 30 =
DEZEMBRO

Summario

MAGAZINE

PAG.

MARGENS D'UMA REPRESA EM PARANHOS

Photographia de MANOEL TEIXEIRA MONTEIRO (Porto) **FRONTESPICIO**

A PAIZAGEM PORTUGUEZA

(19 illustrações e uma vinheta) 383

ALBUM DE EXOTISMOS JAPONEZES

(11 illustrações) por WENCESLAU DE MORAES 395

CANTIGAS

Por ALÍPIO MACHADO 402

MELANCOLIA

(7 illustrações) por M. DUARTE D'ALMEIDA 403

AS MINAS DE ALJUSTREL

(6 illustrações) por JOÃO GOUVEIA 407

FERRAZ DE MACEDO

(20 illustrações e uma vinheta) por FIALHO D'ALMEIDA 415

A SOMBRA DE ASTRÉA

Por TEIXEIRA DE PASCOAES, 430

A ARCHITECTURA DA RENASCENÇA EM PORTUGAL

(12 illustrações e 1 vinheta) por ALBRECHT HAUPT 433

O MEU FATO NOVO

(4 illustrações e 1 vinheta) 440

SERÕES DOS BÉBÉS

(12 illustrações e 1 vinheta) 445

QUINTO CONCURSO PHOTOGRAPHICO DOS SERÕES

Azenha do rio Homen (Caldellas) — Menção honrosa — Photographia do Sr. ANTONIO MANOEL LOPES, Villa Verde (S. Pedro de Goães) 449

ACTUALIDADES

(19 illustrações) 450

OS SERÕES DAS SENHORAS (28 illustrações)

CHRONICA GERAL DE MODAS pag. 81 LAVORES FEMININOS pag. 92

Os NOSSOS FIGURINOS » 83 CONSULTORIO DE LUIZA » 94

A NOSSA FOLHA DE MOLDES » 88

A MUSICA DOS SERÕES

NATAL DE JESUS

De JOAQUIM A. C. NUNES, versos de MANUEL ANCÁ 4 paginas



Charada

(Saudação)

Como um guerreiro ativo e triunphante
Tostado pelo sol das madrugadas,
Eis-nos na lucta viva e delirante
De versos d'ouro em lyras prateadas.

Serão mil sonhos só n'um sonho amante
Desperto entre orações apaixonadas, — 2
E de peitos de jaspe palpitante
As esp'ranças de noites estrelladas.

Salvé **Serões**, eu canto a nova gloria,
A mais nobre, talvez, da vossa historia,
E d'ellas a mais rica e longa ainda. — 2

Sêde feliz e grande como o mar
Espalhando a alegria em cada lar
E seja a vossa estrada bella, infinda!

(Porto).

ZILFE.

Logogripho

Em terras distantes, pranteia saudoso
alguem que, de magoa, se sente morrer:
«Quem dera estes mares de novo sulcar,
quem dera ave ser... — 7-5-6-6-2

Soffri da miseria o bafejo polluto;
provei dos desgostos amargo travor;
cancei n'este exilio, mercando o meu pão
com rude labor!... — 4-10-3-9-2

Mas ai! a saudade... a saudade é tormento
bem mais cruciante... veneno lethal!
Fugi pensamentos! Quem dera que eu fosse
irracional! — 1-8-6-7-2

Ou menos! Descendo os degraus da natura
não ver, não sentir este fado terrivel...
Ser barro, ser terra, ser pó d'uma estrada,
materia insensivel! — 4-5-6-9-2

Quem dera! Mas, pobre de mim, não esqueço
do berço as venturas!
Ai! montes altivos... ermida modesta,
occulta em verduras!...»

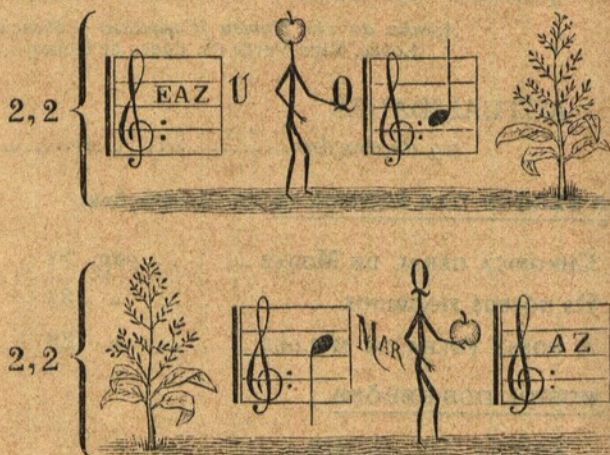
E. R. Q. (Michaelense) — PORTO.

Charada

Felix Pinto Pavão,
Por mui carambolar
Tornou-se um sabichão
No jogo do bilhar.
Ninguém com elle joga!...
Se á primeira tacada
Logo a partida afoga
Com todas d'enfiada!!!
Um dia, diz-me assim:
Vá lá uma lição?
Ninguém vae contra mim
Vou eu dar protecção
Toma o taco, oh! Vareta. — 2
Anda lá meu pechote
Marca ahi trinta á preta
P'ra te dar um capote.
— Quarenta de sahida...
'Stá a cousa arranjada...
— P'ra n'uma só tacada
Dares cabo á partida? — 2
Vá lá mas, é sem chá...
O partido é bastante.
Então *queijo* e biscoitos
Que é jantar d'estudante.

VARETA — ANGRA.

Charadas novissimas pittorescas



JOÃO DIABINHO (Madeira).

Annuncios dos «Serões»

A empresa dos **Serões**, com uma importante tiragem e uma larga circulação em Portugal e Brazil, offerece as paginas supplementares de annuncios nas condições seguintes, por uma unica inserção:

Annuncios não illustrados

1 pagina	10\$000 rs.
$\frac{1}{2}$ »	5\$500 »
$\frac{1}{4}$ »	3\$000 »
$\frac{1}{8}$ »	1\$500 »
$\frac{1}{16}$ »	\$800 »

DESCONTOS

Anno 20 0/0, semestre 15 0/0, e trimestre 10 0/0.

Annuncios illustrados

UM ANNO

1 pagina	150\$000 rs.
$\frac{1}{2}$ »	100\$000 »
$\frac{1}{4}$ »	70\$000 »
$\frac{1}{8}$ »	50\$000 »
$\frac{1}{16}$ »	35\$000 »

Semestre 60 0/0 }
Trimestre 40 0/0 } Ao preço do anno

PEQUENOS ANNUNCIOS

Para commodidade dos annunciantes, a empresa estabelece ainda uma secção de **pequenos annuncios**, os quaes são pagos segundo a seguinte tabella:

Annuncios até 5 linhas, em columna de $\frac{1}{3}$ de largura de pagina, 400 réis por cada inserção. Cada linha a mais, 80 réis.



A Nacional

Companhia Portuguesa de
Seguros de Vida

CAPITAL 500:000\$000 réis

Seguros em caso de vida e em caso de morte

Seguros contra desastres pessoais

Seguros de viagem

7, Rua do Alecrim — LISBOA

EPILEPSIA!!!

pretenção de curar todos os epilepticos nós recommendamos os

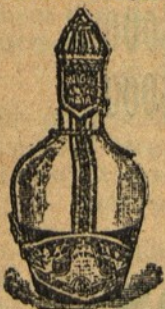
E' com a mais completa franqueza, com a maior lealdade que sem ter a

DRAGÉES GELINEAU

Confeitos Gelineau que teem durante trinta annos, dado ao seu auctor completa satisfação e que lhe tem valido o reconhecimento e inalteravel amizade de numerosos doentes; que sempre **nos casos ordinarios dão a possibilidade do triumpho e pelo menos a certeza de melhoras nos casos difficeis**

J. MOUSNIER, SCEAUX, Seine (France) e em todas as *Pharmacias*.

ORTIGUIL
FOR THE HAIR



900 RÉIS

DEVE ESTAR EM
TODOS
OS TOILETTES,
EVITA A QUEDA,
FACILITA O
CRESCIMENTO
E TIRA A CASPA.

PERFUME ESQUISITO

Vende-se nos bons es
tabelecimentos de Por
tugal.

DEPOSITO
PERFUMARIA BALSEMÃO
R. dos Retrozeiros, 141
LISBOA

Obras primas

D. Quichote de la Mancha

Edição illustrada em 3 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

Ultimos dias de Pompeia

Edição em 2 volumes

Brochado, 200 réis — Encadernado, 300 réis

A' venda na livraria

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{DA}

132, Rua do Ouro, 138 — LISBOA

Chamamos a attenção dos nossos leitores para as condições de assignatura, que inserimos ao fim da pagina 8.

RENASCENÇA

REVISTA MENSAL DE LETTRAS, SCIENCIAS E ARTES

Editores-proprietarios E. BEVILACQUA & C.

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

Publicada sob a direcção de

RODRIGO OCTAVIO e HENRIQUE BERNARDELLI

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS PARA O ANNO DE 1906

Estrangeiro.....	20\$000	Registro.....	5\$000
Rio de Janeiro e Estados	18\$000	»	3\$000
Centro Commercial	15\$000		
Numero avulso: Capital 1\$500. Estados 1\$700. Numero atrazado 3\$000			

PREÇOS PARA PORTUGAL

Assignatura annual	6\$000
» com registro.....	8\$000
Numero avulso.....	\$600

Os editores não respondem pelo extravio devido ao correio, havendo todo o cuidado na expedição da Revista. Para evitar os extravios, lembramos aos Senhores assignantes, ao reformarem suas assignaturas, auctorisarem-nos o registro mediante o augmento, em assignatura, da importancia de Rs. 3\$000 para o interior e Rs. 5\$000 para o exterior.

O assignante que, no correr da sua assignatura, mudar de endereço, queira fazer acompanhar seu aviso da importancia de Rs. \$500.

AO LEITOR. As reclamações, assignaturas, collaboração e tudo quanto diga respeito á nossa Revista, queiram endereçar sempre e simplesmente

Á Administração da Revista RENASCENÇA

Rua do Ouvidor, 151 — RIO DE JANEIRO

IMPORTANTE

OS SENHORES ASSIGNANTES QUEIRAM INDICAR OS NUMEROS DAS SUAS ASSIGNATURAS

Na Administração da Renascença — Rua do Ouvidor, 151 — compra-se o n.º 2 da Revista a Rs. 5\$000 o exemplar em perfeito estado de conservação.

Vende-se a collecção do 2.º, 3.º e 4.º volume a Rs. 22\$000 o volume, e Rs. 40\$000 a collecção do 2.º anno que termina com o presente numero.

Vantagens aos assignantes da RENASCENÇA

Os Senhores assignantes da RENASCENÇA até á importancia de suas assignaturas, á vista do recibo, terão o abatimento de 70% em musicas da nossa edição, compradas de uma só vez.

LIVROS DE LEITURA

Para as escolas de instrução primaria, organisados por

D. João da Camara, Maximiliano de Azevedo e Raul Brandão

Eis os preços d'estes livros, novamente approvados officialmente para o triennio de 1907-1909:

1. ^a classe	100 réis
2. ^a e 3. ^a classe	300 »
4. ^a classe	300 »

Não obstante os livros terem sido muito augmentados e melhorados, os seus organisadores, para corresponderem ao excellento acolhimento obtido no triennio anterior da parte do professorado, da imprensa e do publico em geral, **reduziram o preço da 1.^a classe de 120 réis a 100 réis**, e o da 2.^a e 3.^a e o da 4.^a de **400 a 300 réis**, a fim de tornar a compra mais facil para as familias pouco abastadas.

A' venda em todas as livrarias de Lisboa, Porto e provincias.

Pedidos aos editores

LIVRARIA FERREIRA & OLIVEIRA, Lim.^{da}
132, RUA AUREA, 138



AGUA CASTELLO

Minero-gazozza, lithinada natural

— DE —

— **MOURA** —

Refrigera os sãos e cura os doentes

A melhor, a mais pura e a mais barata das aguas de meza do Paiz.

Agradabilissima ao paladar, tomada simples ou misturada com cognac, leite, whisky, vinho, etc. — premiada na Exposição de S. Luiz e no Palacio Crystal do Porto.

ESCRITORIO E DEPOSITO

123, RUA DA CONCEIÇÃO

Telephone 880

Empreza das Aguas de MOURA ASSIS & C.

LISBOA

ANTHERO DE FIGUEIREDO

Recordações e viagens

SUMMARIO: Gosto de recordar — Na City — Três cemiterios italianos — Uma casa minhota — Na Franconia — Nas aguas de Capri — O Bom-Jesus-do-Monte — Entre Southampton e Vigo — Uma aldeia espiritual (Assis) — Lisboa — O mosteiro do Canigou — O Minho pesaroso — O Valle do Tet no Rossilhão — Unhaes da Serra — Davos-Platz — Uma tarde em Biarritz — Nos Avants — Um amigo da sua terra — Paginas de um «Bloc-notes» — Post-Scriptum.

Um volume in-8.º br..... 600 réis

FERREIRA & OLIVEIRA, L.^{da} — LIVREIROS-EDITORES

132 — Rua do Ouro — 138
LISBOA

GRANDE DEPOSITO

— DE —

Moveis de ferro e colchoaria

— DE —

JOSÉ A. DE C. GODINHO

54, Praça dos Restauradores, 56

LISBOA

LIVROS A VENDA na Livraria Ferreira & Oliveira, L.^{da}

Henrique Lopes de Mendonça

NÓ CEGO

Peça representada em D. Maria

1 volume em 8.º..... 300

Conego Anaquim

O genio portuguez

aos pés de Maria

1 vol 600

SERÕES

LIVROS, REVISTAS E JORNAES

RECEBEMOS E AGRADECEMOS:

Historias simples, por J. Reis Gomes — Lisboa, 1907 — O sr. Reis Gomes, illustre director do *Heraldo da Madeira*, colligiu em volume uns sete contos, de variados generos, mas todos animados por uma bella inspiração romantica e traçados em linguagem por vezes cheia de energia. Sobrelevam os que versam sobre assumptos madeirenses, illuminados por uma intensa côr local, sobretudo os *Dois irmãos*, drama commovente e vivo.

● **Economista Brasileiro** — *Revista semanal de Economia, Finanças, Politica e Literatura* — Vol. II — n.º 25 — Director: Felisbello Freire — Escriptorio e Redacção: R. da Alfandega, 114 — Rio de Janeiro.

Alma Feminina — *Revista semanal illustrada* — Redigida por algumas das mais notaveis escriptoras portuguezas e estrangeiras.

A Construcção Moderna — *Revista illustrada* — Redacção e Administração: Rua Maria Andrade, 10, 2.º — Lisboa.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa. Fundada em 1860 — Séde da Associação: Rua Garrett, 95, — Lisboa.

Boletim da Assistencia Nacional aos Tuberculosos — *Instituto Rainha D. Amelia* — Rua 24 de Julho.

Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 4.ª Serie — Tomo XI n. 3.º — Director: Gabriel Pereira.

A Vinha Portuguesa — *Revista mensal de viticultura e de Agricultura Geral* — Dedicada aos progressos agricolas e principalmente viticolas, do Paiz. Publicada e dirigida por F. d'Almeida e Brito — Redacção e Administração: Rua do Arco Bandeira, 22, 1.º — Lisboa.

Estudos Sociaes — *Revista catholica mensal* —

Anno III, n.º 10 — Outubro de 1907 — Summario: Roads to Rome, por Gomes dos Santos — O dever do apostolado social. Conferencia feita no salão da Veneravel Ordem Terceira, de S. Francisco, de Lisboa, em 21 de junho de 1907, pelo Padre Luiz de Sousa — Movimento social e III Congresso nacionalista, realisado em Braga nos dias 27, 28 e 29 de outubro, por G. S. — Chronica scientifica, por Mariotte — Decretum de sponsalibus et matrimonio iussu et auctoritate SS. D. N. Pii Papae X a S. Congregatione Concilii editum, dos *Documentos e Factos Sociaes* — Bibliographia — Redacção e Administração: Rua Lourenço Azevedo — Coimbra.

Boletim da Associação de Lojistas de Lisboa — n.º 34 — 3.ª serie — Outubro de 1907 — Redacção e Administração: Largo da Abegoaria, 29.º 1.º — Lisboa.

Portugal Reclame — *Revista annunciadora — Publicação Semanal* — Distribuição gratuita — n.º 33 — N.º 1 da 9.ª serie — Novembro de 1907.

Luz do Oriente — Anno 1 — N.º 3 — Outubro de 1907 — Redacção e Administração: Ponda-Goa.

Revista de Manica e Sofala — *Publicação mensal illustrada* — 4.ª serie — N.º 45 — Novembro de 1907 — Redacção e Administração: Rua Castilho, 27, 3.º á Avenida da Liberdade, Lisboa.

Caixa Escolar do Lyceu da Lapa — Relatorio e Contas da Gerencia de 1907 a 1907 — Outubro a Junho. E com o parecer do Concelho Fiscal.

La Lectura Revista de Ciencias y de Arte — Año VII — N.º 83 — Novembro de 1907 — Sumario: La politica centralizada del Conde Duque, por Martin Hume — El Greco, por Manuel B. Cossis — Mexico en 1907, por Alejandro Villaseñor y Villaseñor — Crónica americana, por Manuel Uga te. *Libros, etc.*

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURA

Pagamento adeantado

Portugal, Ilhas e Colonias		Brazil	Estrangeiro	
Anno	2\$200	Anno (12 numeros)	Anno (12 numeros)	
Semestre	1\$200			
Trimestre	600	Moeda fraca	12\$000	Frs. 15,00

Numero avulso em Portugal: 200 réis

No Brazil e Colonias o preço do numero será marcado pelos nossos agentes

Quinto concurso photographico dos "Serões"

— . . . —
MENÇÃO HONROSA



MARGENS D'UMA REPRESA EM PAFANHOS

(Photographia de Manoel Teixeira Monteiro — Porto)

A PAIZAGEM PORTUGUEZA

(Inquerito aos homens de letras e outros artistas)



Serões continuam hoje o seu inquerito sobre qual seja o mais pictoresco de Portugal. As respostas que hoje publicamos, algumas bem interessantes, são assignadas por muitos dos mais cotados nomes do nosso mundo artistico. Inutil será frisarmos que nenhuma ordem, mais do que aquella em que foram recebidas as respostas, se adoptou na formação do artigo.

Bulhão Pato, o adoravel revivedor das *Memorias*, o solitario do Monte de Caparica, deu-nos a sua opinião. Como veem, no ponto preferido do homem que tem atravessado as ultimas gerações, privou com Herculano, tomou do braço Garrett, e envelheceu a escrever e a recordar, patriota como raros, grande artista e figura inolvidavel, ha ainda muito de... saudade. Não é uma paisagem que se recorda, é uma epoca que se evoca. Não é um sitio que desapareceu, mercê da invasão da casaria, que transborda, é um tempo que não volta mais. Bulhão Pato fez uma paisagem do seu tempo. Fel-a com todo o amor que pode ter um coração que envelheceu a amar a sua terra e só para ella ser grande lhe consagrou toda a grandeza da sua alma e a fulgencia da sua penna d'oiro.

The philo Braga deu-nos a paisagem maritima, tão querida de um povo aventureiro, que teve o imperio dos oceanos por direito de audacia e de conquista. Theophilo Braga é açoreano. Ora o açoreano tem, como ninguem, o sentimento do mar, a visão dos horisontes coruscantes e afogueados ou dos melancolicos poentes das tintas mais supremas. Do ceu elle conhece todas as grada-

ções; do mar todos os habitos. Viu-o repou-sante, calmo e espelhado; viu-o nevralgico e borrascoso; e viu-o finalmente vergalhando a rocha, açoitando a penedia, taciturno e misterioso batalhador indomito e cruel. Por isso o açoreano e o mar são duas entidades que se completam. Depois, em Theophilo, a sua obra tem alguma cousa de um grande oceano, em que cada novo livro, em que cada volume novo é uma vaga que surge, para atraz d'esta outra surgir, e outra e outra, porque como o mar não tem descanço a sua actividade extraordinaria.

João Penha, o irrequieto cantor da bohemia coimbrã, poeta dos raros e artista dos bons, prefere o Bom Jesus de Braga, que parallelisa com o Bussaco. João Penha vive em Braga, e o Bom Jesus está-lhe defronte dos olhos. Ha annos que as arvores seculares do Bom Jesus conhecem o artista requintado da *Sylvia*, e adoram-no. Como vêem João Penha retribue-lhes. Junqueiro prefere o Bussaco, que é a paisagem para os *Ensaioes Espirituaes* do grande poeta. João Penha, prefere o Bom Jesus, que é a paisagem dos versos lyricos das suas *Novas Rimas*. O Bussaco ensina a rezar. O Bom Jesus a amar. E o Bom Jesus está, agora que o poeta nos deu o livro das suas lyricas, para João Penha, da mesma forma que para Junqueiro está esse bosque secular, sagrado e religioso que é o Bussaco.

Candido de Figueiredo é dos que ficam em casa. A sua paisagem é familiar. E realmente como queriam os senhores que elle tivesse conseguido os quarenta ou cincoenta mil vocabulos novos, que registrou no dicionario; como queriam que elle soubesse tudo o que sabe; que elle tivesse a aucto-

ridade scientifica que tem, se elle andasse a passar e seu tempo olhando os pontos bonitos do nosso Portugal? Entre dois vocabulos novos e authenticos e um passeio a uma linda quinta, Candido de Figueiredo opta pelos vocabulos. E ahi está a razão.

Julio Dantas prefere os campos de Coimbra. Ha um certo ponto de contacto entre a sua paizagem e a sua obra. Julio Dantas é um espirito de artista que teve a desventura de nascer n'uma epoca de industrialismos. Coimbra tem historia, tem lendas; os seus campos tem poesia, tem encantos e tem paizagem. A que mais pode aspirar e desejar um grande artista?

Jorge Collaço, um espirito de patriota, prefere um dos mais bellos recantos de Portugal, Valença, o artista risonho do lapis, Braga, com todas as suas virtudes e todos os seus defeitos.

Augusto Gil; quem falla em Augusto Gil lembra logo:

*«Amas a nosso Senhor
Que morreu por toda a gente,
E a mim não me tens amor
Que morro por ti somente.»*

e mil outras quadras que a guitarra do Hylario gemeu pelas vielas de Coimbra, soluçando aos astros os mysterios da sua capa negra, e as raparigas decoraram, porque fallavam de amores e eram do Augusto Gil, o companheiro do Affonso Lopes Vieira, do Guedes Teixeira, do Carlos de Lemos e de muitos outros. Mas Augusto Gil, iamos dizendo, quer o Mondego, perto da sua terra, o Mondego que vem depois, nas mil ondulações da agua corrente, retratar as tricanas e escutar com os poetas as mil queixas da desventurada Ignez, que soluça entre os salgueiros.

Alfredo de Mesquita, o nosso *globe-trotter*, das letras — elle foi á Hespanha, á Hollanda, a França, ás Ilhas, á America, a toda a parte — prefere a Ilha. E elle que tem visto mundo, e que tão cathegoricamente, tão praticamente pretende que vizitemos aquella paizagem, é que lá tem as suas razões.

Mas, já dissemos quasi tudo: Não queremos demorar, mais a vossa curiosidade, que não é de todo infundada, como vereis.

Meus senhores e minhas senhoras: Está aberta a... paizagem.

De BULHÃO PATO

Poeta

Conheço as paisagens de Hespanha, um pouco as de França e Italia, as do meu paiz — com a Madeira e Açores! Mas não quero sair dos retiros esparecidos de Lisboa. Vamos para as bandas de Arroyos; vamos para as hortas... que estão a desaparecer!

Na linha ondeada do horizonte, ao nascente, a Penha de França, o Monte, a Graça, o velho castello, e precipitando-se para o valle extenso e fundo, casas, vivendas, quichosos e pomares, batidos pelo sol quando declina sobre o ponente!... Vejam e admirem.

A luz é quasi tudo na paisagem; ali ha alguma coisa mais do que o desenho e a luz: a nora gemendo, os bordões e as primas da guitarra nacional, na morbida cadencia, acompanhando a letra onde ha versos que rebentam do coração como estes:

Puz um pé na sepultura,
Uma voz me respondeu:
Ah! cruel, que estás pisando
Um amor que já foi teu!

Com o ceu e as auras das tardes estivas, as vistas de terra e mar pelos suburbios de Lisboa, são, para mim, do maximo encanto.

Monte de Caparica. 1907.

Bulhão Pato.

De THEOPHILO BRAGA

Escriptor

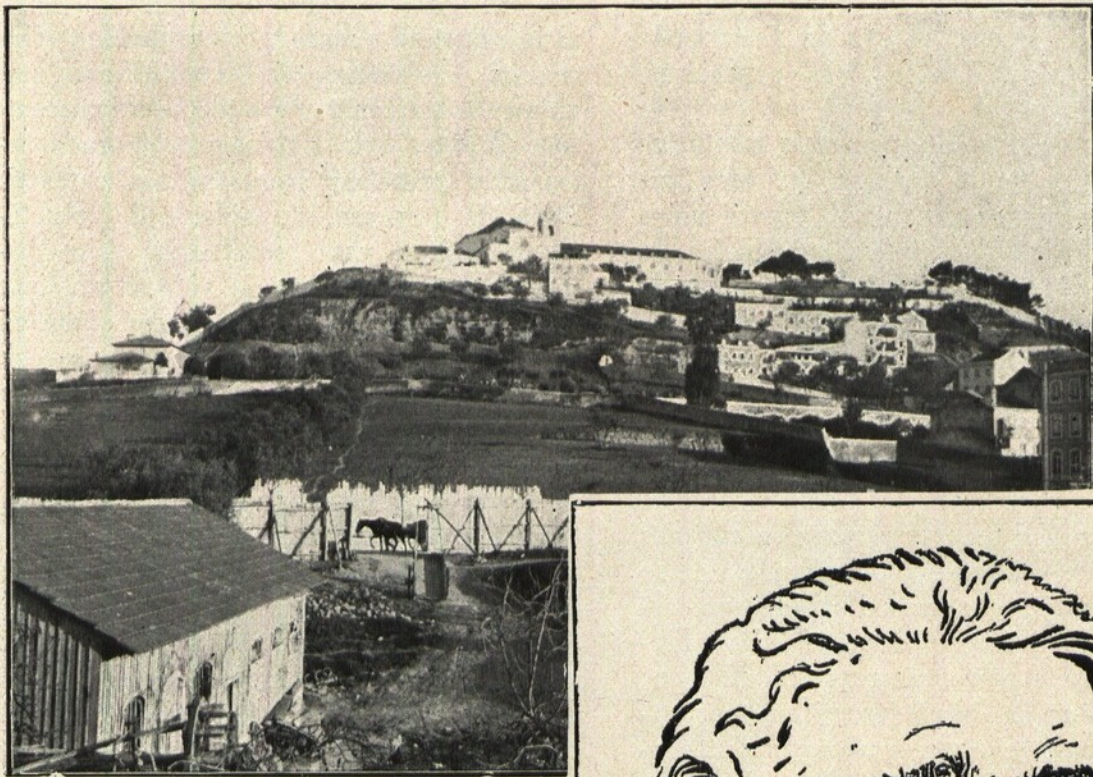
A paizagem portugueza é como quem diz um aspecto moral exprimindo o genio d'este povo, ou um reflexo objectivo da sua alma.

Temos uma paizagem que os nossos olhos contemplam inconscientemente, mas que só os estrangeiros souberam comprehender na tonalidade da luz opalina dos pintores portuguezes e na tonalidade singela das nossas melodias populares. Montanhas e horisontes, valles, encostas cobertas de vegetação, aguas correntes, tudo recebe os effeitos da luz que lhes dá desenhos e relêvos, um sentido melancholico ou sorridente consoante a sua intensidade; é por isso que o nosso céu, a luz opalina que nos envolve dá-lhes a ex-

pressão particularíssima que bem merece chamar-se — a paizagem portugueza.

Paiz estabelecido por uma raça soffredora e resistente sobre a orla occidental de Hespanha, e em contacto activo com o Oceano Atlantico, — o mar é a paizagem suprema.

paizagem é o mar. Nascido em uma ilha (archipelago dos Açores) a algumas centenas de passos do Oceano Atlantico, só me falla á alma a paizagem que revele o effeito da nossa luz, d'este céu incomparavel, ou me deixe vêr o mar «a grande soidão me-

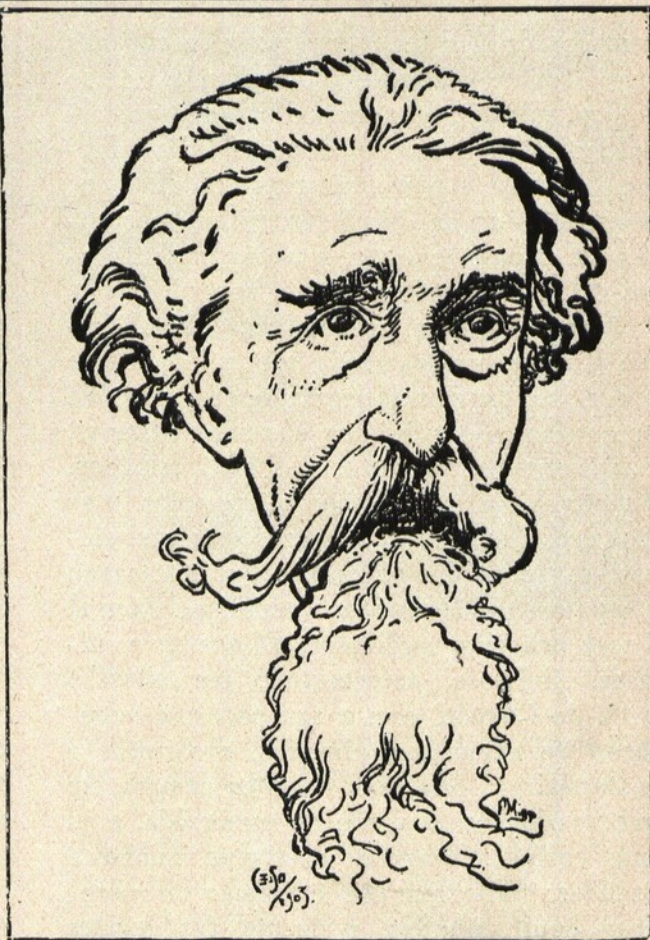


A PENHA VISTA DE ARROYOS

que nos subjuga e fascina. Se toda a nossa historia, independencia nacional e descobrimentos, deriva do mar que nunca para Portugal foi barreira defensiva, mas prolongamento do territorio e caminho de acção, a nossa vida sentimental e poética acha no mar a mais concentrada e deliciosa emoção, a mais profunda inspiração poética, como se patenteia nos *Lusiadas*. Passam os annos, vêm as decepções, envolvem-nos as tristezas, até as paizagens que nos encantaram tornam-se inexpressivas; disse-o Gonzaga:

São estes os sitios,
São estes, mas eu
O mesmo não sou...

Ha uma paizagem que nunca se apaga, porque tem infinitas expressões em que se compraz todo o estado psychico; e essa



BULHÃO PATO

lancholica das aguas» que accordou o genio de Garrett.

Theophilo Braga.

De JOÃO PENHA

Poeta

Para que a heide eu ir buscar ao longe, nas minhas recordações de viagem, se a tenho aqui, no Bom Jesus, defronte das minhas janellas?

Por esse vasto mundo, e sobretudo na Italia, e na Escossia, a verde Erin, pode talvez havel-as eguaes, mas superiores, não.

A partir do sopé do monte, *la montagne enchantée*, como lhe chama um escriptor francez, alonga-se em frente, e para um e outro lado, até á primeira cordilheira de pequenos montes, quasi todos arborisados ou cobertos d'um manto de giestas floridos, uma vasta planicie, o val d'Este, onde não ha um palmo de terra sem vegetação, de cores variadas até ao infinito, desde o verde claro até ao sombrio, desde o amarello pallido até ao roxo cinzento. Campos, prados, demarcados nos seus extremos por enfiadas regulares de castanheiros, em que a vide se enlaça, dão-lhe o aspecto d'um immenso taboleiro de xadrez, cujas peças, disseminadas por toda a parte, são representadas por pequenos burgos, herdades, pittorescas casas de campo, chalets, e choupanas cobertas de telhas, onde o musgo reverdece.

Para o sudoeste, estende-se a antiga Braga, já agora rejuvenecida sob os influxos do progresso, burgo relativamente enorme, onde predomina a côr branca das suas casarias, e a vermelha, retinta, dos seus telhados. As torres dos seus numerosos templos, e as chaminés fumegantes das suas fabricas, elevam-se acima dos arvorêdos que a cercam, e que, em grande parte, a occultam. Para lá d'essa primeira cordilheira de montes e collinas, divisa-se, entrecortado por ellas, o velle do Cávado, com a sua poderosa vegetação de carvalhos, ulmeiros, sycómoros e castanheiros; com seus ridentes campos, em que predomina o verde de esmeralda, e as suas casinhas brancas; com seus moinhos e azenhas; valle que fez exclamar ao marechal Soult, quando, á frente das legiões francezas, descendo de Lanhoso, chegou aos Carvalhos: «Como Deus foi pródigo com estes barbaros!» Para além d'esse valle, estende-se uma cordilheira de mais altos montes, que, para o lado do norte, se prolonga até ao Gerez, ramificação dos montes da

Catalunha, e sobre elles, ao oeste, uma facha azul-esvaído, no ceu: o mar!

Essa paisagem? E' preciso contemplal-a n'uma manhã clara, ao raiar da aurora. Por vezes, um nevoeiro baixo, unido, branco de leite, cobre todo o valle desde o sopé do monte até á ultima cordilheira: parece então um grande lago, e a illusão é tanto mais completa quanto o mórro de Montariol, com as suas edificações, se nos affigura uma villasinha marginal. Para logo o sol nascente tudo desfaz; toda a paisagem, dourada pelos seus primeiros raios, se nos patenteia cheia de frescura, de vida, e de voluptuosa nitidez. A esse espectáculo, unico, parece que a nossa propria vida se reanima, cheia de confiança no futuro, embalada em sonhos indecisos de aventuras cor de rosa.

E' preciso, sobretudo, contemplal-a ao pôr do sol, quando elle se atufa no mar sobrebranceiro aos montes distantes. Uma sombra de mysterio vae descendo gradualmente sobre toda a paisagem: as linhas tornam-se confusas; campos e prados mudam d'aspecto: dos casaes sobe o fumo dos ultimos repastos; os cães de quinta ladram, com voz rouca, á lua, que vem seguindo das partes do oriente; as arvores, rumorejando, trocam entre si as ultimas impressões do dia, e quando o carrilhão do templo lança no espaço a sua melancolica toada, quedamo-nos n'um silencio absoluto, meditativo, e sentimos que a alma da paisagem está, n'esse momento, consubstanciada com a nossa.

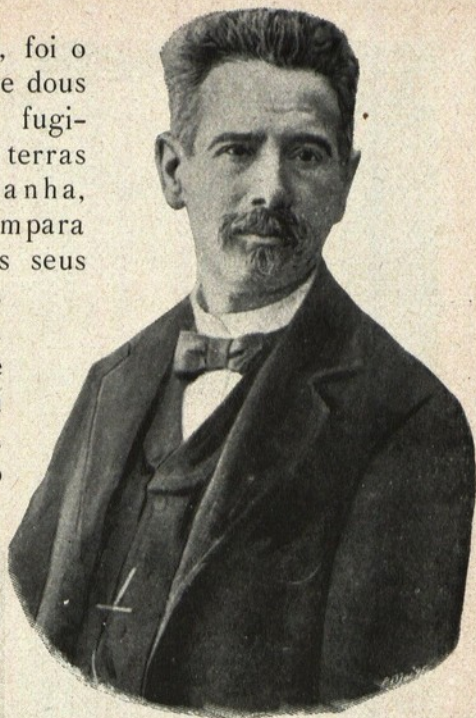
Os pinceis de Hobbema, de Ruysdaël, e Corot, seriam impotentes para, com as mil cores das suas paletas divinas, nos pintarem essa paisagem, porque é uma paisagem cheia de vida, e a vida não se pinta.

A do Bussaco, essa é outra.

Depois d'uma penosa e desagradavel ascensão á Cruz Alta, a impressão que se sente ao deparar o grandioso panorama que d'ahi se avista, é, nos primeiros momentos, a d'uma profunda admiração, a do assombro, tal é a vastidão da planicie que de todos os lados se estende até ao horisonte; mas logo essa impressão se transmuda na d'uma vaga tristeza, que nos enche a alma de funestos pensamentos: é que é uma planicie morta, embora, em parte, cultivada, sem collinas, sem accidentes de terreno, fria, lúgubre; em que predomina a terra amarella, argilosa, a terra dos cemiterios; onde

se não vê um boi que paste, uma choupana d'onde se eleve uma espiral de fumo, um carro que chie, um cão que ladre, uma voz humana que entoe uma alegre canção; e essa tristeza que nos invade, longe de se dissipar, nunca mais nos deixa, e aumenta ainda, ao vermos, ao descer, o sitio em que nos achamos: uma montanha separada do mundo, coberta d'uma velha e sinistra floresta impraticavel, ninho de corujas e morcegos; sem possibilidade de distrações, a não ser a d'um passeio á deploravel Fonte Fria, e a d'um triste repasto no seu unico hotel, fe-

santuário, foi o monte que dous amantes, fugidos das terras de Hespanha, escolheram para ninho dos seus poeticos amores. E' o que relata um soneto, gravado



Theophilo Braga



PAIZAGEM MARITIMA

chado a maior parte do anno! Ao Bussaco é ir e fugir. Dous noivos poderiam ahi permanecer algumas semanas, porque viveriam na contemplação um do outro; mas quem, por fatalidade, ahi fosse obrigado a viver demoradamente, ou se suicidaria, ou se faria monge.

O Bom Jesus é outra cousa. Ao Bom Jesus é ir, e ficar, Já antes que um arcebispo de Braga, o Julio II ou o Leão X, em pequeno ponto, d'essa vetusta cidade, lançasse n'elle os primeiros fundamentos do actual

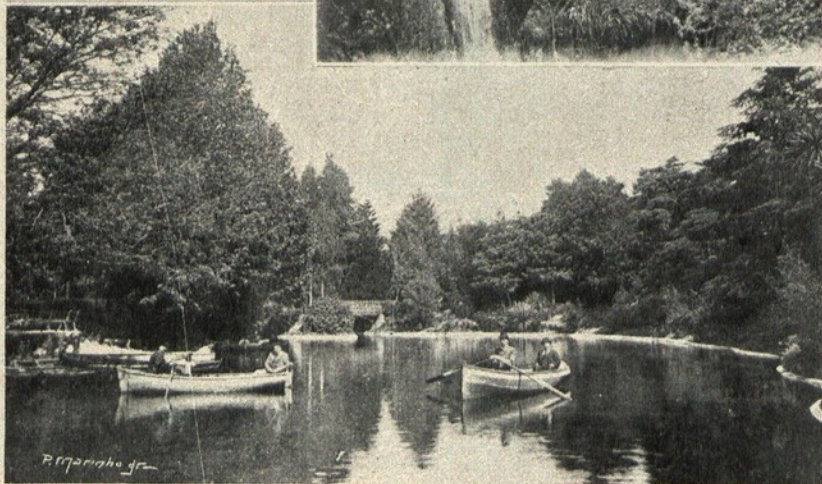
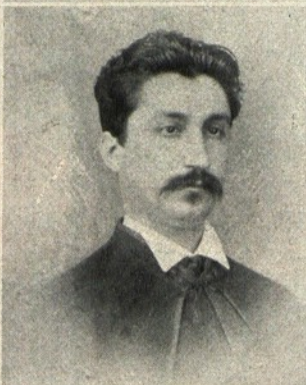
n'uma lapide, irreverentemente collocada de-
traz da fonte do *Hotel do Sul*:

«Passageiro, este chão que vês diante
Na encosta d'este monte desabrido
D'um castelhano foi que perseguido
Aqui se recolheu co'a terna amante.

Quebrantando por ella a fé constante
Que havia ao esposo eterno promettido,
Trocou por êrmo agreste e desprovido
Uma cella mimosa e abundante.



mitiva, é um monte civilizado, com um frondoso parque, cortado, em todas as direcções, por extensas avenidas e alamedas, com lagos, cascatas, grutas, e pequenos jardins á *Le Nôtre*, sotopostos uns aos outros, onde em taças em que se movem legiões de douradas da China, a agua dos re-



JOÃO PENHA — ASPECTOS VARIOS DO BOM JESUS

A era em que isto foi vae inda perto.
Mas da choça que aos dous prestou abrigo
Nem sequer um calhau se aponta ao certo.

Tudo o tempo varreu, levou consigo,
E só da tradição no livro aberto
Se encontra o caso que eu aqui te digo.»

Agora, esse monte desabrido, designado,
por uma ficção piedosa: Hierosolima Santa,
sem ter perdido a sua religiosa feição pri-

puxos canta, entre alecrins, flores e murtas,
a sua eterna canção.

À 15 minutos de Braga, a capital do Minho, a 5 quartos d'hora do Porto, esse fauburgo commercial d'aquella cidade, nada lhe falta, por um lado, das exigencias do moderno conforto; e, por outro lado, é para uns o Lugar Santo das beatifi-

cas visões, e, para outros, a poetica e incomparavel estancia do amor, da saude, da consolação e da paz.

Ao Bussaco é ir, ver e fugir; ao Bom Jesus é ir, ver e ficar porque o Bom Jesus prende.

Já é digno da maravilhosa paisagem que defronte se lhe desenrola.

Bom Jesus do Monte, 4-IX-07.

João Penha.

Do DR. CANDIDO DE FIGUEIREDO**Escriptor**

Mas a preferencia de uma paisagem não é coisa que se justifique, como um theorema geométrico. Depende de accidentes vários, da feição esthetica do observador e, nomeadamente, do seu estado de alma. Portanto, posso eu, e podem outros, preferir uma paisagem, que, no conceito geral, não valha a

do alto do Marão. A perspectiva é realmente grandiosa. As lombas escavadas e sombrias fazem lembrar os toscos e ultimos degraus, por onde os Titães queriam escalar o céu. Lá em cima, parece á gente que estamos acima da humanidade e perto do mistério da immensidão.

Ha inda outra paisagem, em que repouso a vista, se não com deleite, ao menos com a tranquillidade e o abandono, que são ás ve-



CANDIDO DE FIGUEIREDO NO SEU GABINETE DE TRABALHO

pena consignar-se e, muito menos, recomendá-la a paisagistas e forasteiros.

E é o que provavelmente succede no meu caso.

Conheço todas as provincias portuguezas, mas nunca viajei por prazer, como não passeio para me distrahir.

Creio que não é peccado confessar a própria misanthropia; e, se o inquérito dos Serões não obriga a uma confissão auricular, obriga, ao menos, a uma confissão escrita, e por isso me confesso.

Não admiro nem amo o campo. Quando os amigos me levam até lá, sinto a nostalgia do lar.

Ainda assim, conheço, em nossa terra, uma paisagem que me impressionou e que a minha memória mantém: é a que se observa

zes os pródornos do êxtase: é qualquer praia, de areias fulvas, suavemente beijada pelas ondas, numa silenciosa noite de luar: o baloiço cadenceiado das vagas fosforescentes transporta-me ao berço infantil; cerram-se-me as pálpebras, e esqueço-me de mim, sonhando...

Menos trivial, e talvez imprevisita, há porém outra paisagem, que eu prefiro a todas, por não dizer a tudo.

O que eu não sei é se lhe posso chamar paisagem. Pelo menos, os pintores não lhe chamariam assim.

E contudo é uma pequena região, onde há frutos, flores, cachoeiras estrepitosas, arroios sussurrantes, harmonias eternas, opulentas réstias de sol...

Tem apenas seis metros quadrados, mais



CAMPOS DO MONDEGO



JULIO DANTAS

pequena decerto que os jardins de Academo; mas nella encontro cuidados, affectos e lazêres. Cada vez que o sol reponta, encontra-me ali moirejando, estudando, amando. Se o turbilhão da vida a revêzes me arranca da pacifica faina, lesto a reasumo com devoção e amor.

Fazem-me ali honrosa companhia, falam-me, educam-me, os mais altos engenhos de todos os seculos. Em céu azul e profundo pairam águias de envergadura desmedida, que não têm nome na ornithologia, mas que se chamam David, Valmiki, Homero, Vergilio, Dante, Camões, Pascal, Shakespeare, Goethe, e quantos, e quantos!

Pelas quebradas da minha encantada paisagem, ouve-se a espaços a tuba sonora e bellicosa do *Ramãiana*, da *Iliada*, dos

Niebelungen, dos *Lusíadas*... A's vezes, é um murmúrio suavíssimo, como aragem que se cõa por balsas perfumadas: são vozes de Saadi, de Tibulo, de Petrarca, de Campoamor, de João de Deus... A distancia, um fragor de cachoeira, que espadana luminosa e cristallina: é o eco do Sermão da Montanha, do estridor da Aguia de Pathmos, das apóstrofes de Bossuet e Vieira...

Não sei se me autorizam a chamar paisagem á pequenina região que eu prefiro a todas. Os estranhos chamam-lhe bibliothecazinha, gabinete de trabalho, ou coisa assim; mas o nome, em tal caso, pouco importa: a realidade é que, cotejando, observando, medindo, não vejo em terras de Portugal paisagem que eu prefira a esta.

Os meus amigos não têm nada com a minha preferência, não me acompanham nella, não me dão o seu voto, bem sei; mas, solicitada a minha confissão, não andaria bem avisado, se lhes não falasse com o coração nas mãos.

E cá volto á minha... paisagem.

Candido de Figueiredo

De JULIO DANTAS

Escriptor

Não é muito facil responder á sua pergunta, meu caro amigo.



JORGE COLAÇO

Como hei de eu dizer-lhe qual é o ponto mais pittoresco do paiz, se, como bom portuguez que sou, não conheço ainda todo Portugal? Entretanto, para não deixar de acceder ao seu desejo, indico-lhe o que mais me tem impressionado, de tudo quanto conheço de paisagem de uma terra:—os campos de Coimbra, vistos do velho castello de Montemór, pela ruina de uma das janellas da alcaçova das Infantas. São uma maravilha!

Julio Dantas.



UM ASPECTO DA REGIÃO DO DOURO

De JORGE COLAÇO

Pintor

Na minha opinião, o ponto mais pittoresco do «Jardim da Európa á beira-mar plantado», é o rio Douro, sobretudo nas proximidades da Régua. E tão grandioso, tão phantástico, tão variado, e até tão arrojado por vezes, que se diria um symbolo petrificado da Historia de Portugal.

Feitoria, 4-7-907.

*Jorge Colaço***De AUGUSTO GIL**

Poeta »

Porque sou um sertanejo, a região portugueza que eu prefiro é a parte central da Beira: com as suas montanhas desnudadas, ao alto, e ensombradas nas encostas por castanheiros sollemnes, pinheiraes tragicos, olivedos melancolicos; com os seus povoados somnolentos e aconchegados, nas eminencias, em torno de

castellos em ruinas, ou na cova dos valles que um retalho de céu cobre; com as suas temperaturas extremas, de calores abraçantes no estio, e ventos fortes, frios intensos, sudarios de neve, no inverno.

A ter que marcar nella, mais pormenorizadamente, algum sitio de maior predileção, escolherei o divino e ignorado valle do Mondego, ao poente da Guarda. Não está ainda, graças a Deus, desvirginizado pelo excursionismo. Não vem desenhado em albuns, não anda photographado em *kodaks*, nem os roteiros, d'elle trazem descrição. E' um parenthesis de lirismo idillico, numa pagina d'elegia: um pomar virgiliano — alacre e fertil — ladeado por altas serras de cimos violáceos e nitidos perfis. A fita clara do rio desdobra-se lenta, entre salgueiros pen-

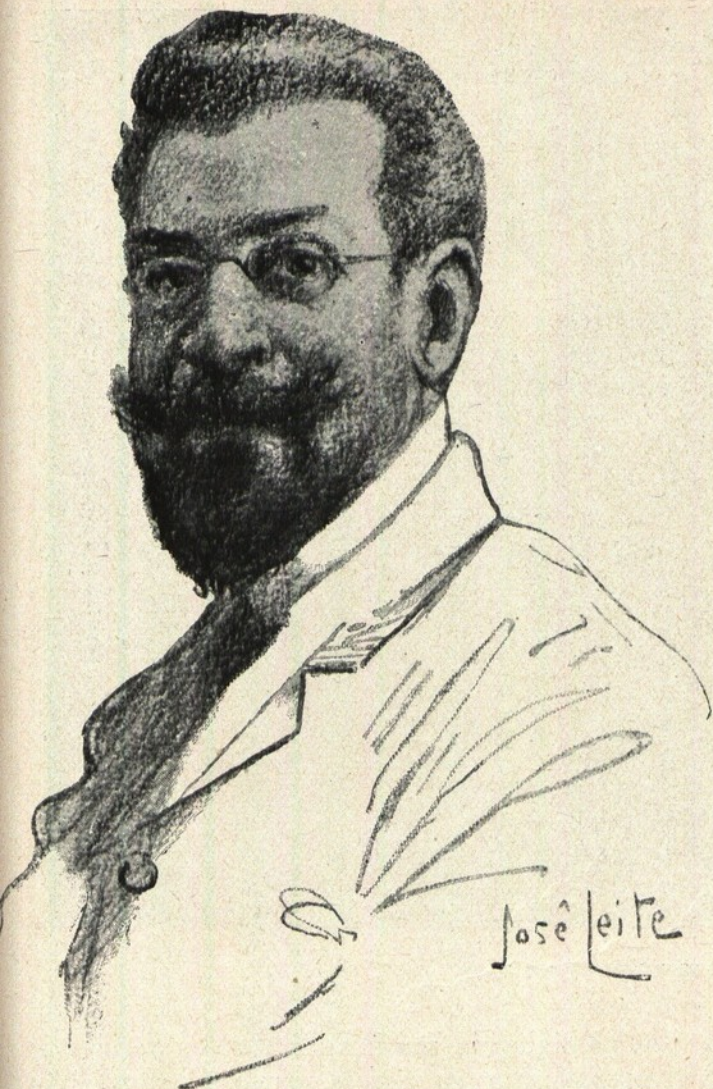
dentes que lembram Musset e choupos leves que dão saudade de Antonio Nobre. Esparsas, aldeolas laboriosas e minúsculas, de casas feitas com granito escurecido e duro, e de gente de gleba que amanha a terra á



AUGUSTO GIL



ARREDORES DA GUARDA



burguezia citadina, cuidando-lhe das flores na quinta, das couves na horta, das fructas na veiga. E numa curva luminosa e ampla, por sobre as altitudes das montanhas, o azul ferrete do céu, um azul brunido, de esmalte, onde os mochos reaes e as aguias passam, num vôo dominador e placido.

Augusto Gil.

De **ALFREDO MESQUITA**

Escriptor

Meu amigo:

O que ha de mais pittoresco em terras de Portugal é o Valle das Furnas, na ilha de S. Miguel. Todas as respostas á pergunta dos *Serões*, que não forem a mesma que eu lhe dou, partem de quem nunca lá esteve.

Seu muito affeioado

14 de novembro.

Alfredo Mesquita.

De **FRANCISCO VALENÇA**

Caricaturista

Valença, o Valença que todas as semanas com o brilho da sua graça e



ALFREDO DE MESQUITA — O VALLE DAS FURNAS



AVENIDA DOS SOBREIROS NO BOM JESUS



FRANCISCO VALENÇA

os prodígios do seu lapis illustra as paginas do *Supplemento do Seculo*, prefere Braga. Não Braga como nós a conhecemos e como nós sabemos que ella é. Valença prefere uma Braga que elle inventou, Braga sem padres, sem gente embiocada, sem defeitos emfim, uma Braga ideal. Ainda assim prefere-a porque acha Braga uma cidade tranquilla, pacata, d'onde ha perto esse colosso de verdura, esse Atlantico de vegetação exuberante, magnificante, soberanissimo, que é o Bom Jesus.

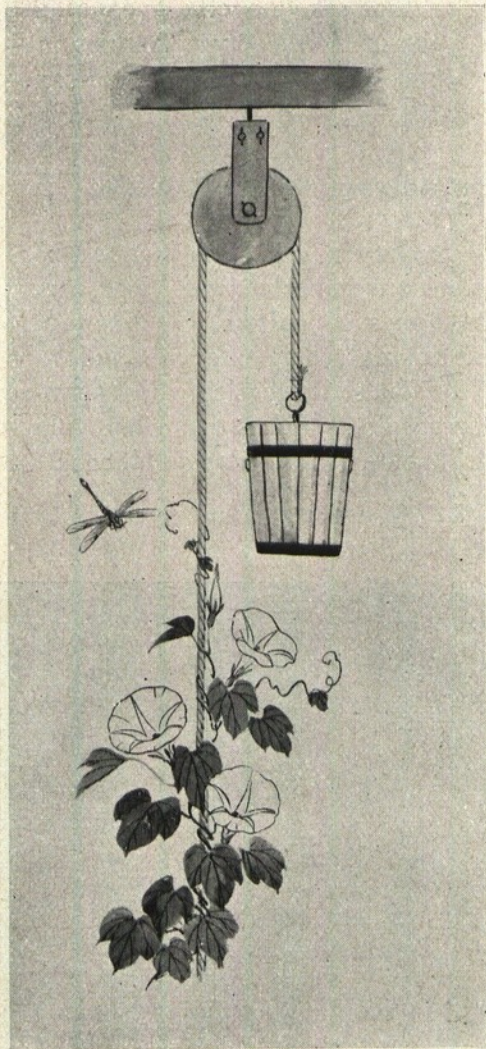
E aqui teem o que prefere Valença, o artista cujo lapis tantas vezes já tem feito sahir do seu serio a maioria dos nossos mais serios leitores.

Passar alli as tardes encantadas dos bons dias estivaes, não tendo pagina que fazer, não tendo maçadores que aturar, que delicia! Amigo do «claro sol amigo dos heroes», achando a vida boa, um tudo nada alegre, se Braga lhe é lembrança, o Bom Jesus é-lhe predilecção. Que, valha a verdade, não sabemos quem possa recusar o seu voto ao Bom Jesus. Um caricaturista tambem tem direito a considerar um dia, e Braga e o Bom Jesus são optimos sitios para isso.

II

(Mais algumas paginas soltas)

No n.º 20 dos SERÕES — se me não engano — deu-se amavel publicidade a um artigo da minha lavra, com este mesmo titulo. N'elle — quem ha-de gabar a noiva?... — eu proprio prestava culto á ideia luminosa que o inspirára. Pois prosigo, accrescentando algumas paginas soltas ao album em começo.



A TREPadeira

A Trepadeira

Eu já me referi, algures, ao que agora vou dizer; mas, como não foi nos SERÕES..., talvez aos leitores de então, e talvez aos leitores de agora, passe despercebida esta repetição, com certeza de mau gosto.

E' conhecido o ineffavel amor dos japonezes pelas coisas creadas; traduzindo-se por um piedoso enternecimento pela terra, pelas aguas, pelos bichos, pelas arvores, pelas hervas, por tudo emfim, sem comparação com outros povos. Um antigo poeta, interpretando deliciosamente esta condição de sentimentalidade nipponica, escreveu a poesia que vae á margem.

Não perceberam? Bem; vou então empregar os caracteres romanos:

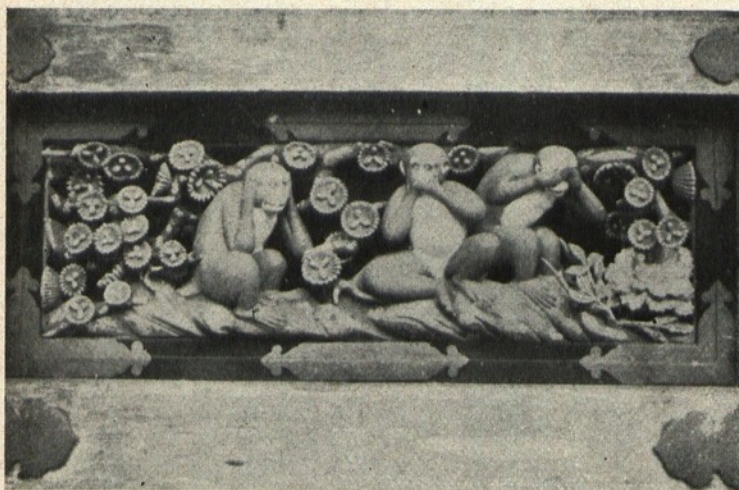
Asagao ni
Tsurubé torarete.
Morai mizu...

あ
さ
が
お
に
つ
る
ぶ
え
と
ら
れ
て
も
ら
い
み
づ
...

Ainda não perceberam? Ora — estão adivinhando, — eu pretendia esquivar-me á traducção dos versos, por ser ardua a tarefa; mas, visto que se im-

põe a necessidade de fazel-o, aqui vae ella, chocha, conforme posso dal-a:

A trepadeira, p'la corda
Do poço, poz-se a trepar.
Vae-se pedir agua fóra,
Para não a incomodar...



UMA ESCULPTURA EM NIKKÔ

O dia do macaco

Segundo o antigo calendario japonéz, cada dia é representado por uma curiosa denominação. Assim é que, de sessenta em sessenta dias, se repete o *Dia do Macaco*, cuja commemoração graphica, profusamente gravada em grandes pedaços de rocha que se encontram avisinando alguns templos ruaes, consiste n'um grupo de trez macacos, havendo um que tapa os olhos — o macaco cego, — outro que tapa as orelhas — o macaco surdo, — e outro que tapa a bocca — o macaco mudo; — admittindo-se por esta fórma que o sagrado quadrumano, patrono de tal dia, não verá coisa alguma má, não ouvirá coisa alguma má e não dirá coisa alguma má... symbolo tocante da paz da creação e da pureza das consciencias. O assumpto serve de motivo, como é sabido de *touristes*, para a famosa escultura em madeira que encima o estabulo do cavallo branco, ao serviço do deus, n'um dos templos de Nikkô; e ás vezes as *musumés*, que não

differem muito dos macacos no respeitante á graciosidade das momices, aproveitam o gesto, arremedando a trindade simiesca a que alludi.

Shôjô

Na fabulogia satanica dos nipponicos, figuram uns estranhos figurões, os *shôjô* — especie de diabos marinhos, de fórmãs extravagantes, de longa cabelleira encarnada, muito dados a libações de *saké*, o vinho indigena. — N'um recommendavel diccionario que consulto sobre o caso, diz o auctor, que é francez, as seguintes significativas expressões, que devéras me impressionaram o bestunto, levando-me a transcendentés lucubrações do pensamento: — «A legenda dos *shôjô* é de origem chinesa; mas pretendem alguns estudiosos que ella apenas data da primeira apparição, nos mares da China, dos anglo-saxo-nios...» —

Os selvagens cabelludos

Não abundam em geral, no japonéz, barba e bigodes; o imberbe, aos vinte annos, aos trinta annos, é vulgar. Os ainos, pelo contrario, são extremamente cabelludos; o rosto alvo, quasi caucasico, desaparece n'uma floresta de cabellos; e as suas mulheres, naturalmente desprovidas de bigodes... pintam-n'os!...



AS MUSSUMÉS ARREMEDANDO OS MACACOS

Os ainos são, como é notório, o povo autochtone do Japão; ou, pelo menos, aquelle que os japonezes encontraram estabelecido no solo que invadiram, travando com elle longa



SHÔJÔ

lucta, indo escorraçando-o pouco a pouco para o norte, em cujos confins ainda hoje residem alguns raros individuos d'esta raça; na exposição de Osaka, ha quatro annos, uns trez ou quatro d'estes ursos humanos figuravam, em palhoças suas, como uma jaula.

Ora, das circumstancias apontadas, resultou, por parte dos japonezes, um natural desprezo pela barba, característica da tribu barbara inimiga, que venceram e humilharam. Quando os japonezes começaram travando conhecimento com os europeus, chamavam-lhes *ketôjin* — os selvagens cabelludos, — para differencal-os dos chinezes, *tôjin* — os selvagens. — A denominação persistiu e ainda persiste; não sendo raro que os gaiatos, ao avistarem-nos em certos bairros pouco tolerantes, se ponham a gritar: — «*ketôjin, ketôjin!*...» —

Posto isto, porque será que os missionarios catholicos francezes, estabelecidos no Japão, deixam em regra crescer longas barbas biblicas, incultas?... Na moirama, onde a barba é venerada, percebia-se; mas aqui...

A borboleta branca

A borboleta branca das nossas terras, a qual, invadindo as hortas vicejantes, accusa gulosas preferencias pela folha de couve, tambem é conhecida no Japão; mas aqui, onde as couves raream, é para os campos de colza que ella dirige especialmente o vôo caprichoso. Em fins de abril, estes campos de colza esbrazeam em florescencias amarellas, atapetando planicies enormes, a perderem-se de vista; e então as borboletas brancas, por centenas, por milhares, circumvagam pelo espaço, n'um banho de perfume. A pequenina *musumé* das aldeias, ao ir de manhã para a escola, pára por momentos á beira das culturas, embevecida nos aspectos do scenario; e, estendendo as mãositas ao enxame, murmura esta cantiga popular:

*Chôchô, chôchô, ná no ha ni tomare;
Ná no há gá iyenara, té ni tomare...*

Que quer dizer:

Borboleta, vem poisar
Na tenra colza; ou então,
Se te não agrada a colza,
Vem poisar na minha mão. .



UMA FAMILIA DE AINOS

No convite ao insecto, transparece — valha a verdade — um inconsciente orgulho pelos encantos da epiderme propria. Faltam-me dados bastantes de observação para julgar se a borboleta obedece ao chamamento. Se eu fôsse borboleta, não hesitaria na escolha: — abandonára a colza, para ir morrer de fome sobre os dedos setinosos d'aquella mãosita de *musumé*. . . —

Kurumaya

Kuruma é o ligeiro vehiculo japonéz, tão popularizado aqui por toda a parte, em cidades e aldeias, e invadindo já outros paizes. Quando eu viajava, ha muitos annos, o *kuruma* fôra adoptado na China e passára a Singapura e a Ceilão; agora, deve ir bem mais longe.

Kurumaya é o homem que puxa o *kuruma*. O *kurumaya* vem da ralé, vem das infimas camadas sociaes, posto que haja exemplos de alguns filhos de nobres, cahidos na miseria, haverem ganho cobres no mister. Em regra, estes *kurumaya* são gente má, prompta em provocar desordens, em chasquear do transeunte, prompta em extorquir dinheiro ao incauto pelo exaggerado preço de um serviço, sobretudo se o freguez é europeu. Joga, bebe; dir-se-hia que tem todos os vicios. E, não obstante, o *kurumaya* accusa subtis delicadezas: — a urbanidade, a honestidade até, o brio profissional, etc. — e é isto que se torna interessante conhecer; mesmo porque, cuidando de investigar a indole de um povo, não é nos principes que devemos ir estudal-a. Ajustado o preço da corrida, podeis sentar-vos, livre de preocupação, no comodo vehiculo, confiando-vos ao *kurumaya* que o transporta. Activo, intelligente, infatigavel, eil-o que parte a todo o galope das suas pernas musculosas, desviando-se

habilmente dos obstaculos, do povo que examêa, e tambem por caridade, dos cães vadios e das gallinhas; e attento em tudo que respeite o conforto do freguez, quasi que com carinhos de mulher para servir-o. Não consta que jamais o *kurumaya* levasse o estranho a um campo ermo, para alli o roubar. Com os marujos bebados, de algum cruzador inglez ou americano, é cheio de desvelos. Se alguém no caminho vos provoca, tendes no *kurumaya* um defensor. Em longas e demoradas excursões, bem depressa encontraes n'elle um quasi amigo, palestrando comvosco, narrando-vos a historia dos sitios de percurso, colhendo flôres que vos offerece, indicando-vos confortaveis poisos de descanso.

Ha cerca de dois annos, utilisei-me por quatro ou cinco vezes dos serviços de um *kurumaya* meu visinho. Logo ao começo convenci-me de que o homem estava tísico, pela tossinha secca e impertinente que serve de documento em tal estado. Acontecia então que, quando em ladeiras, o misero começava a tossir com mais frequencia; e eu preferia apear-me, alliviando o carro do meu peso. Contava-me o *kurumaya* que acabava de regressar da campanha contra os russos, onde servira como soldado reservista; e, da Manchuria, trouxêra aquella raleira nos pulmões. Coitado . . . escapo das balas inimigas, vinha com uma condecoração e com uma tísica! . . . Mas o que mais me commovia eram os esforços, os tregeitos, os disfarces, de que usava, para reter a tosse, no proposito evidente de fazer-me esquecer os seus achaques, poupando-me ao incommodo de apear-me e de juntar alguns cobres á gorgeta . . . E que foi feito d'elle? Que seria d'esse desgraçado? Não sei, perdi-o de vista. Morreu por certo, atrelado ao seu vehiculo, suffocado pela hemoptyse como um cavallo arrebetado . . .



A BORBOLETA BRANCA

O prazer da agua

O aceio, a limpeza dos japonezes, são coisas proverbiaes. No entretanto, se alguém pensa que profundos estudos de hydrotherapia, seguidos pela massa da população, implantaram assim habitos de hygiene, está muito illudido. Não me fallem em hygiene, que é palavão inventado pelos sabios do Occidente, para estimulo de discussões de academia, de conferencias recheadas de rhetorica, de humanitarismo, em artigos de fun-

tos, lavando roupa, ou banhando-se, ou pescando, ou em simples contemplação esthetica. No rio Yodo, que atravessa a cidade de Kyoto, corre uma tenue veia de agua crystallina; durante o estio, collocam-se largas mesas, cobertas de esteira, sobre o leito do rio; e é então um encanto relancear a gente, á noite, o deslumbramento do espectáculo, illuminado por milhares de lanternas, animado pela multidão compacta, que se assenta sobre as bancas, rindo, cantando, tocando, bebendo, petiscando; as *musumés*, no



KURUMA E KURUMAYA

do de jornaes. O japonês, pela sua prodigiosa affectibilidade pelas coisas, sente n'um alto grau o prazer da agua; e eis tudo. Educado, pela configuração especial do seu solo, nos espectáculos do oceano, dos lagos, dos rios, das torrentes, das cascatas, dos charcos, a agua é para elle uma doce companhia, imprescindivel na paizagem. O nipponico é, afinal de contas, um amphibio, como a rã, como a salamandra; o que basta para explicar-lhe os habitos de aceio, de banho, de limpeza, dos quaes faz mesmo ritos cultuaes.

Onde houver uma gotta de agua, ficae certo que lá entrará um japonês ou uma japoneza, ou lá estarão dois, ou trez, ou mui-

enlevo da agua, deixam por vezes pender a perna nua, indo a pontinha do pé branco acariciar a lymphá... Mas, sem ir até Kyoto, em qualquer jardimzinho domestico será facil surprehender as raparigas, em bando, em volta do lago, seguindo com o olhar amoroso as circumvolacões dos peixes escarlates...

Umeko

Umeko quer dizer em portuguez: — a pequenina flôr da ameixeira. —

Umeko é o nome de uma *gheisha* de Kobe, muito em voga. Com ella estive de companhia duas vezes, em festivos jantares que alguns japonezes offereciam a europeus; a



EM VOLTA DO LAGO

primeira vez ha dez annos, a segunda vez recentemente. De sorte que pude vel-a ainda menina, simples *maiko*, exhibindo-se em pueris passos de dança; e agora, após longa pratica no officio e classificada por exames, feito o seu doutorado — como poderíamos dizer, — vejo-a já verdadeira *gheisha*, possuindo todos os segredos da arte, todos os requiebros da graça, dedicando com mestria no *shamisen*, que é a guitarra do paiz.

Da sua historia, sei, por acaso, que é filha de um barbeiro, alli de Motomachi. Não me consta que ella tenha filhos, e ainda bem se não os tem, porque a sua profissão errante, exercida pela noite,

cerca de japonezes foliões, não se casa com o encargo de ser mãe. No entretanto, revêla-me uma photographia a seguinte inno-

cente indiscrição: — a ineffavel ternura da maternidade, latente em todas as mulheres, incluindo as virgens e até as creanças, exerce-a ella junto de uma boneca que possui; quando a cinge nos braços, quando encosta a fronte á face de gesso do mostrengo, os olhos humedecem-se-lhe de affectos, de dedicações inconfessadas!...

E notorio o amor pelas bonecas nas japonezas de todas as idades, em especial n'aquellas que ainda não são mães, e mais ainda nas velhas que perderam de todo a esperança de



UMEKO E A SUA BONECA

poderem vir a sel-o...
Pobres velhas!...

De joelhos

Conta Edmond de Goncourt (mas leiam os seus deliciosos livros *La maison d'un artiste*, *Outamaro*, *Hokousai* e outros ainda...) conta Edmond de Goncourt que em certos banquetes japonezes a solemnidade é tanta, que as criadas servem os hospedes de joelhos.

Ora, em assumpto referente a este paiz do Dai-Nippon, Goncourt tem a vantagem do seu temperamento artistico, finissimo, e da alta sympathia que professa pela arte japoneza; mas offerece a desvantagem de nunca ter cá vindo, conhecendo os japonezes apenas pelo que d'elles lhe contavam e pelos *kakemonos* e gravu-

ras que de aqui se espalharam pela Europa.

Pobre ingenuo!...

Todas as criad-nhas vos servem de joelhos. Quantas e quantas me têm assim servido o caldo!...

Verdade é que tambem eu me encontro ajoelhado.

Se a posição de joelhos implica, n'esta terra, ritos de solemnidade e devoção — e assim será talvez, — então a inteira existencia japoneza, passada no lar e sobre esteira, não é mais do que uma continua successão de praticas

religiosas, exercidas no sacerdocio da mutua cortezia... pois que a cortezia é quasi uma religião para os nipponicos, que elles respeitam deveras.



SERVINDO O CALDO



A HERVA

Um proverbio japonéz

Os japonezes dizem: — «*kusa ga kazé ni nabiku*;» — proverbio que pode quasi literalmente traduzir-se, conservando até a mesma ordem nos vocabulos, por esta certa phrase — A herva ao vento se inclina. — Este proverbio nipponico, exemplificando o caso da herva que verga sob as bofetadas das brisas, é pois a synthese, eloquentemente sentida e expressa, da suprema lei universal que é a obediencia do fraco pelo poderoso, á qual a inteira vida humana, a inteira vida animal, vegetal, mineral, se submettem sem appello. Para o homem e para todos os seres vivos, a obediencia impõe-se desde o nascimento até á morte... Até á morte? sim, para recommençar após, na con-

tinua e interminavel successão das coisas — chave do tremendo mysterio universal. — Nem ao atomo inerte é concedida a independencia. Ser escravo é a lei de todos e de tudo.

Na vida corriqueira do homem, nos pequeninos nada que constituem a sua existencia emocional, registamos a cada instante o sacrificio dos seus impulsos individuaes á obediencia, ora votada a um outro ser imaginario ou real, ora votada a uma força, ora votada a um principio, — fonte de mil bens e fonte de mil males... — A uma tal obediencia chama-se então, entre mil denominações, — religião, respeito, amor, prudencia, commedimento... —

Kusa ga kazé ni nabiku, a herva ao vento se inclina...

Kobe, julho de 1907.

Wenceslau de Moraes.

CANTIGAS

A Antonio Corrêa de Oliveira.

*Meu coração é pomar
A' espera de passarinhos,
Bem podias tu encher-o
Co'as aves dos teus carinhos.*

*Coração, não saltes tanto,
Tanto d'aqui para alli:
Tu saltas por causa della,
Ella nem olha p'ra ti!*

*Tu juraste de ser minha
Eu jurei de te querer;
Ainda que sejas falsa
Não m'o dês a perceber.*

*Os cachos dos teus cabellos
Pelo teu dorso a rolar,
São velludosas serpentes
Que envenenam sem picar.*

*Teus olhos são dois abysmos
Teus olhos são claros céus:
Têm demonios, têm anjinhos,
Só não têm pena dos meus...*

*Tua bôcea é mar de rosas,
Com escolhos de marfim...
Ah! feliz do marinheiro
Que morrer num mar assim.*

*Oh! que mangueira tão alta,
Curvada com tanto gosto!
Quem dêra fosse eu mangueira.
Para não ver o teu rosto...*

*Andorinha fugitiva
Que eu eriei com tanto geito,
Que ha de ser do pobre ninho
Que te armei dentro em meu peito!*

*Quando vires alvas garças
Seguindo-te em alto mar,
São meus olhos que te buscam
Cançados já de chorar...*

*Juraste que voltarias,
O' andorinha celeste!
Já se foi a primavera...
Que é das juras que fizeste?...*



Melancolia

*Ho visconde de Carnaxide,
meu amigo de infancia.*

*Na nossa infancia, inda pequenos,
Juntos nos íamos brincar,
Correndo á sôlta pelos fenos,
Colhendo amoras no pomar;
Dias de paz, dias serenos,
Vimos contentes deslisar,
Mirando, á tarde, a estrella Venus,
Ouvindo historias, ao luar,
Na nossa infancia, inda pequenos,
Quando nos íamos brincar.*

*Depois, rapazes já crescidos,
Já com prosápias juvenis,
De estudos mais desenvolvidos
Mostrando, já, certo verniz,
Mas sem ciumes nem pruridos
De triumphar por meios vis,
Nunca de cêra, envaidecidos,
Quiçemos pôr falso nariç...
Depois, rapazes já crescidos,
Já com prosápias juvenis.*



Mais tarde — o tempo não perdôa!
 Toldam-se os ares para mim;
 Em dobres fúnebres echôa
 Da adolescencia o amargo fim...
 De espectros mudos se povôa
 A minha «Torre de Marfim»;
 Dos sonhos meus o enxame vôa,
 Como ao rebate de um clarim...
 Mais tarde — o tempo não perdôa!
 Cerrou-se a noite para mim...

Raiou-me, emfim! nova esperança
 No lar que eu proprio cimentei.
 — Feliz aquelle que descansa,
 Vivendo o sonho que eu sonhei!
 Sonho de rústica bonança,
 De rei-pastor de amada grei,
 Pondo no oiro da balança
 O coração sustendo a lei.
 Raiou-me, emfim! nova esperança
 No lar que eu proprio cimentei.

Mas — esperança fementida!
 Em breve, o sonho se desfez...
 A grei — ceifada, dividida,
 Longe do aprisco onde se fez;
 A paz — num pélago sumida;
 Na alma — a noite da viuvez...
 Tal é a synthese da vida,
 O tragi-cómico entremez:
 — Uma esperança fementida,
 Sonho que breve se desfez...

Vólvo os meus olhos ao passado
 E... sinto as lágrimas correr,
 Como no rosto do soldado
 Que, heroicamente a combater,
 Caiu vencido, aniquilado,
 E nem sequer pôde morrer!
 Já, do presente, ennauseado,
 E no futuro sem já crer,
 Vólvo os meus olhos ao passado
 E... deixo as lágrimas correr.



*Que vejo eu lá, nessa distancia,
Que inda me afaga o coração?
Que grata e cêlica fragrancia
Me traz, de longe, a viração?
Vultos de olympica elegancia,
Lábios frementes de paixão,
Jogos pueris, quadros da infancia,
Sombras amadas, no caixão...
Que vejo eu lá, nessa distancia,
Que me entenece o coração?*



*Memórias puras de outra idade,
Memórias santas do meu lar!
Só vós «viveis na realidade»
E em vós me quero amortilhar. .
Só vós, á trágica anciedade,
Que nunca viu piedoso olhar,
Trazeis um bálsamo — a saudade,
Daes um consôlo — o de chorar...
Memórias puras de outra idade,
Memórias santas do meu lar!*





O resto... phantasmagoria!
 Pura comédia, convenção...
 A peste egoísta contagia
 O mais venusto coração.
 No meu caminho, dia a dia,
 Vejo cair uma illusão...
 Só tu, saudade! e tu, poesia!
 Me inda embalaes numa canção...
 O resto... phantasmagoria,
 Pura comédia, convenção...

Cantaes-me ainda um ritornello,
 Á moda antiga, de solau,
 Como ninguém cantou, mais bello,
 Da còrte em fúlgido sarau;
 E, prèso á vida por esse elo,
 Tal como ao lôdo a velha nau,
 Sósinho, vou — de alto castello
 Descendo o último degrau...
 Ainda ouvindo o ritornello
 Do tempo antigo do solau...

Setembro, 28 — 1907.

M. DUARTE D'ALMEIDA.





POÇO EYBEN — LOCAL D'ONDE SAHIRAM OS FERIDOS NO DESASTRE DO MEZ DE JANEIRO

As Minas de Aljustrel

(Conclusão)

A contramina

(OS TRABALHOS MODERNOS)

E fácil suppôr-se o que sejam os aspectos tenebrosos dos trabalhos no fundo d'uma mina; transportados a essas profundidades, não temos surpresas nem desilusões: é o que havíamos supposto; mas ha pormenores, nas coisas de mais facil alcance, que escapam á previsão, e a curiosidade em regra tem sempre razão de ser. Por estas razões nos decidimos a fazer uma coisa que nenhum perigo tem, mas que intimida muita gente: descer á contramina.

Oito horas d'uma manhã esplendidamente clara. O ar conserva ainda toda a subtileza e frescura dos largos espaços, d'onde a *maré* o arrasta n'uma onda de vida misteriosa,

limpida e leve; apenas, nos longes orientaes ainda se evaporam as ultimas góttas da madrugada facheando de finissima gaze o azul desmaiado do horizonte.

Espera-nos o descensor para nos transportar a 100^m quasi, de profundidade, pelas entranhas da terra, para o desconhecido, para a treva, e não podemos evitar um olhar commovido de despedida á belleza da luz, que vivifica e alegra o vasto campo industrial que se desenrola em torno.

Entre o madeiramento quadrangular do guindaste, abre-se um poço com 3^m,35 de comprimento por 1^m,30 de largo. A vista pouca alcança para o fundo que se perde em trevas a poucos metros da superficie. Esperamos os engenheiros M. Perbos e M. Brunel que dão as ultimas ordens aos capatazes que vão *bai-xar* em outros poços. Uma multidão de mineiros transporta pesadamente os *wagonet-*

tes de minerio extrahidos durante a madrugada.

O trabalho é continuo. Mil e oitocentos operarios divididos em turnos, agitam-se sem cessar no ambito larguissimo da mina, desde as pedreiras á cimentação e desde esta ao fundo das contraminas.

M. Perbos annuncia a descida para a casa da machina e indica-nos o Poço: *le puits d'Eyben*; foi baptisado com o nome do nosso administrador em chefe. — Tomamos logar no tejadilho do descensor, agora razo com o solo, e esperamos um momento. Ouve-se um signal de campainha enferrujada; subitamente falta-nos o chão, o ar parece escapar-se e a cabeça entontece. Olhamos para o alto e vemos um pequenino quadrado de ceo azul, onde gira uma roda com gotteira, de que pende o fio que nos sustem e que parece ter a grossura d'um cabello.

M. Perbos intervem: — *C'est dangereux de regarder là haut.*

A descida continua com a mesma velocidade, mal se podendo ver o escoramento de madeira que veste interiormente o longo e estreito tunnel. Os toros do escoramento são troncos d'azinho e de pinho rijo com 0^m,30 de diametro e o folheamento de madeira, que encosta nas paredes terreas, tem 4 a 5 centimetros de espessura, o que garante a solidez.

Escoa-se finalmente um lapso de tempo minimo que parece infinito; o andamento affrouxa e o tejadilho raza com o segundo pavimento, a 60^m de fundo. Para oeste abre-se um tunnel de 2^m,30 de alto por 2^m de largo, de corte elyptico com revestimento de pedra sobreposta, calçada e batida d'aspecto solido. Cada um de nós accende o indispensavel candil para a marcha subterranea. M. Perbos toma a frente e avança para a escuridão profunda que se vae rasgando. O chão está em lama; a temperatura baixa ligeiramente; a respiração faz-se á vontade.

A' claridade bruxuleante dos candis que nos acompanham, onde a luz se achata e sobe marcando a cadencia do passo, rasgam-se — é o termo — pedaços da galeria, que se alarga e cresce com as intermittencias da luz, e M. Perbos, que caminha com passo seguro em nossa frente, avulta como um gigante á entrada d'uma enorme caverna.

Peço uma pequena paragem junto de uma galeria transversal. Tenho a impressão de fadiga de uma longa marcha e sinto um ca-

lor suffocante que difficulta a respiração. M. Brunel indica o sitio em que se está fazendo a oxidação das pyrites, causa da grande elevação de temperatura. De novo em marcha por uma galeria que se abre a L., sentimos em breve uma lufada d'ar vivificante e fresco; mais alguns passos e sente-se frio; a humidade filtra pelas paredes. No madeiramento do tecto apparecem manchas nevadas como grandes flocos d'algodão. E levo o candil surprehendido pelo mysterio de inopinada curiosidade. Alastradas sobre as madeiras ha largas folhas d'uma brancura lactea, lançando ramunculos como tentaculos de polvos, que por sua vez se espalmam n'outras folhas que rebentam em flores esphéricas, opacas, d'um aspecto gelado. Colho algumas com infinitos cuidados, porque o mais pequeno toque as melindra.

M. Perbos baptisou-as sorrindo: — *Fleurs des ténèbres!*

E das aguas, ajuntei. E' realmente a humidade sobre a madeira que faz germinar aquella exquisita especie.

Mais adeante a galeria apresenta uma facha azulada. Crystaes de cobre e de ferro vestem o tecto e as paredes que rebrilham com as irisações das miriades de facetas. n'um silencio de gruta d'encanto cavada em pedras preciosas.

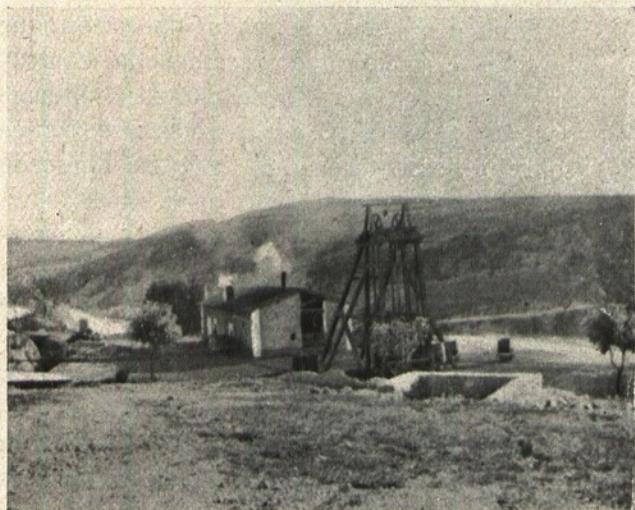
A agoa formou pequenas estalactites de sulfato de cobre que gottejam pingos de ceo azul. Nas abertas dos toros superiores, por entre os schistos sulphatados apparecem pequenos blocos de talco, gemmado, em palhetas finissimas, phosphorescentes, onde se espalham crystaes ferreos, — soluveis com grande difficuldade — que apresentam faces limpidas, regulares, reflectindo os tons magnificamente sombrios da amettista. E' surprehendente esta pequena facha de minerio que mede apenas dez metros.

Os mineiros

Chegámos á galeria principal em cuja parede oeste termina o filão mais largo. Ao fundo repercutam-se ruidos confusos. Vamos enfim surprehender o homem no trabalho mais rude que por certo existe.

O ruido cresce. Distinguem-se agora as bicadas da picareta na rijeza da pyrite. Abre-se á nossa esquerda uma galeria; mais alguns passos e ao fundo, á luz incerta

e frouxa dos candis, agitam-se formas vivas entre uma nevoa bastante densa, formando um conjunto, que, sem a grandeza do soberbo esforço com que «Os mineiros» de Meunier trabalham, apresenta uma humanissima dôr de maldição, humilde, mesquinha talvez, mas infinita, singular, que nenhum artista ainda interpretou. Dão-nos a impressão de malditos lutando corpo a corpo com a rocha. As scentelhas espirram da pyrite ferida pelo aço, e pequenos blocos rolam com sons metalicos. Junto do tecto, cosidos com a rocha, seguros como que por



POÇO SANTOS — MINA DE S. JOÃO

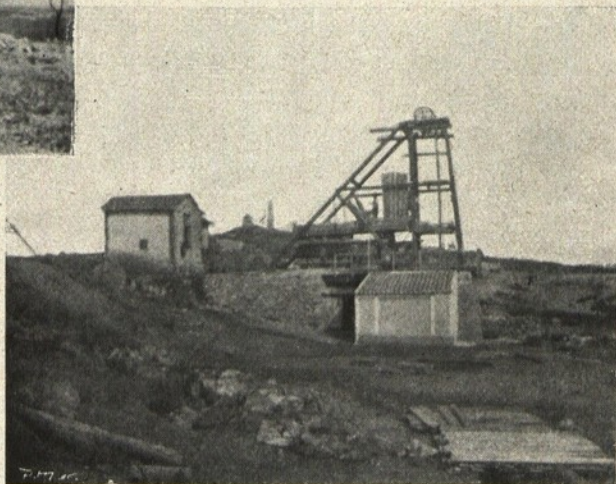
milagre, dois mineiros occupam-se em brocar a pyrite, formando um grupo que attinge proporções cyclicas á luz vagueante dos candis. E' este o trabalho mais perigoso da contramina. Enquanto um d'elles segura sobre a rocha um broca ou barrena d'aço, o outro bate compassadamente a marreta de ferro na extremidade. Não ha o minimo cuidado, da parte dos mineiros, n'este perigoso trabalho; nota-se facilmente uma indiferença inconsciente que afflige e sobressalta.

E' necessario, para prevenir desastre, não entrar n'uma galeria d'exploração sem haver a certeza de que as explosões da dynamite não deixaram pedra alguma semidesligada ameaçando queda, e para isso dever-se-ha pegar n'uma palanca d'aço e com ella, a distancia, sondar os tectos afim de desagregar os blocos pouco solidos. Antes de principiar o trabalho deve o mineiro cer-

tificar-se de que o terreno em que vae trabalhar é bastante solido para não sobrevir um desmoronamento ao choque da barrena.

Todos estes bons conselhos estão affixados nas galerias d'exploração, mas a verdade é que aos operarios a leitura é uma coisa vedada, havendo alem d'isto da parte d'elles uma manifesta indiferença pelos conselhos que os engenheiros não cessam de preconisar.

M. Brunel convida-nos a descer ao pavimento inferior e a descida effectua-se por meio de escadas, ao longo d'um poço circular que tem 1^m de diametro, cujas paredes convenientemente escoradas apresentam a maior solidez; no entanto, a 80^m de profundidade, n'um espaço tão acanhado, não podemos furtar-nos a pensar que em volta de nós ha uma formidavel massa de rochedos e terras que tocadas d'um ligeiro abalo podiam partir, triturar o mais forte escoramento e esmagar-nos. A falta de *habito*



POÇO DO VAL-D'OCCA

dá todos estes pensamentos sinistros, alheios áquelles que no seio da terra trabalham dia e noite.

Chegados ao piso 80^m, encaminhamo-nos para o sul, vagarosamente, enquanto M. Perbos nos descreve n'uma linguagem sobria e segura, a construcção das gallerias, os processos seguidos nos diferentes trabalhos de perfuração, accidentes, causas e maneiras os evitar.

«A abertura de tunneis nos schistos rijos, não offerece grande perigo, nenhum quasi,

se houver algum cuidado, porque em trabalhos tão rudes ha sempre perigos; um dos que não tem sido possivel evitar apesar dos avisos dos conductores e capatazes, é aquelle que provem do pessimo habito que tem os mineiros de descansar as mãos sobre os rebordos dos *vagonettes* onde se descarregam blocos de pyrite ou schisto, o que tem sido causa de triturações graves — e aponta-nos um regulamento affixado. Mas, não ha maneira de os convencer do perigo. Hontem, despedi um operario por um motivo muito mais grave: recommenda-se que nunca do barreno falhado se tente extrair a carga, nem depois de passadas duas horas da ordem para se approximarem os operarios; pois hontem na minha visita da manhã fui encontrar um operario a extrair a dynamite d'uma broca não explodida. E' gravissimo isto

«Na extracção de minerio por outro processo estes perigos desapparecem; ha porem perigos accidentaes, como desabamentos, que infelizmente não podemos prever em certos casos.

«Procedemos da seguinte forma: abrimos galerias transversaes de 3^m a 2^m de largo conforme a especie e consistencia do terreno, e cujo comprimento obdece á largura do filão; explorado até o terreno esteril, começa o trabalho d'entulho que deve tender quanto possivel a substituir o suporte preenchido pelo primitivo terreno. Findo este trabalho é aberta ao lado nova galeria, e, successivamente tantas, quantas as precisas para que todo o filão do pavimento fique exgotado.

De 30^m em 30^m ha uma *chaminé* que tem dois serviços a desempenhar: o de respirador e poço de baixada; ao bloco comprehendido entre dois d'estes poços dá-se o nome de *pilhastra*. Comprehende agora como com estes pontos de referencia é facil calcular sem grande erro qual é a massa total de minerio que existe na mina.

É singularmente simples, como vê, todo este trabalho.»

N'este momento da nossa instructiva conversa, ouve-se um ribombo fundo e longinquo que faz estremecer o pavimento e a massa que nos cerca; dir-se-hiam trovões sem resonancia, explosões seccas, repetidas. Parei, admirado, — para não dizer: apavorado —. O engenheiro comprehendeu im-

mediatamente o que eu pensava e não abusou do meu espanto, porque me satisfez logo, dizendo entre um leve sorriso:

— *Le déjeuner*.

Era um signal chamando os operarios ao almoço.

Chegados ao poço de Vianna — a 400^m de Eyben — o mais moderno, terminado no piso 80^m, deparámos com uma cubagem que até ali não haviamos encontrado, ampla, ventilada d'uma solidez de construcção evidente. Da abobada larga e negra, filtravam aguas de correntes subterraneas, que tendo atravessado a pyrite vinham corrosivas, azuladas. Emquanto observamos os trabalhos *d'intivação*, vêm chegando operarios que buscam o mais largo recinto da contramina para a frugal refeição. Dependuram os candis ao longo das paredes; sentam-se sobre grossos toros que estão ao longo da galeria; desdobram sobre os joelhos as vidualhas simples e convidam-nos modestamente.

Em breve, cessam as conversas n'aquelle extranho refeitório cheio de sombras; ha um momento de profundo silencio quebrado em seguida pelo ruido das mandibulas em movimento, singularmente animal e crú. E grandiosa e miseravel aquella refeição. As largas folhas das navalhas scintillam atacando o formidavel pão negro que mais parece um penedo, d'onde destacam grandes nacos que as boccas avidas acolhem n'um escancarado appetite, voltando em seguida, para picar uma lasca de sardinha, bacalhau ou linguça, que vae para a bocca na ponta d'aquella verdadeira arma de guerra. De quando em quando uma das mão mergulha entre os toros e arranca uma garrafa, cujo liquido lhes gurgulha em breve nas gargantas com aquelle ruido fresco, uberrimo, vital, que fazem as aguas correntes subterraneas. Alguns já começam de fazer o cigarro, recortando o busto largo na parede humida, emquanto se lhes abre a camisa no peito deixando ver a cabellugem brutalmente fertil d'aquellas terras á prova de todas as intemperies. As pernas distendem-se; retezam-se os braços n'um lampejo de fadiga e cavaqueia-se um pouco; offerece-se um cigarro ou o charuto e a navalha para o picar. Preferem em regra o charuto ao tabaco grosso, que é feito de *cacetes*, segundo a sua expressão pictoresca.

O minério

Na mina dos Algarres ha duas especies de producto: a pyrite cuprica e a chalcopyrite. A primeira quando contem mais de 4 % de cobre é exportada tal como é extrahida. A segunda, producto pobre, vae para a cimentação. Este departamento da mina que occupa a maior parte dos terrenos da sua superficie d'ella, e onde se encontram ainda escoriaes romanos accusando o processo da ustulação, é composto de planos sobrepostos, com regueiros, em ampla escadaria. E' ali que são lançados os productos pobres, que expostos á acção do ar e da agua, passam de sulfuretos ao estado de sulfatos solúveis. A agua corre incessantemente sobre esta larga superficie, que é tambem um enorme filtro; é bebida por meio de bombas nos confins da cimentação depois de ter cumprido a tarefa que volta a executar. A agua carregada vae por encaamentos para uma serie de poços longitudinaes e pouco profundos, cheios de ferro em barra onde o cobre se deposita. Sahido d'aqui é secco e pulverisado, podendo conter 65 a 80 % de cobre fino.

São horas de subir. Retomamos o caminho que trouxemos e dirigimo-nos ao poço Caiado. Sinto uma impressão inedita: saudades do sol. Finalmente pousamos no ascensor e a subida começa; os candis apagam-se com a corrente d'ar que vem de cima, como uma columna opaca de vida, sobre nós. Lá no alto, no quadrado d'azul avista-se a roda girante que ora governa o nosso destino. A 20^m da abertura do poço percebe-se o ceo encandeado; vê-se como que o clarão d'um incendio que chegasse do rubro branco.

O sol! Tudo me parece novo e confuso e só depois d'algum tempo consigo, achar os olhos, que me parecia haverem-se perdido na longa excursão subterranea.

Quando reparei na *flor da treva* que com tantos cuidados trouxe, apenas vi entre os dedos um caule secco; a luz do sol absorveu-a.

Uma noite de desastre

Dois dias depois da nossa visita subterranea, surpreendeu-nos — ás 9 horas da noite



A — M. VOM ZENICK, *guarda-livros*; B — M. EYBEN, *administrador em chefe*; C — M. HENRY BROON, *chimico*; D — M. VOLPELIERE, *director tecnico* E MAIS EMPREGADOS NAS MINAS

— a noticia d'um grande desastre na *galeria* por onde, justamente, haviamos andado depois da descida no poço Eyben. Comquanto o accidente houvesse ocorrido de tarde, ás 6 horas, a noticia só chegou á villa ás 9, alarmando principalmente a aldeia.

Estimulado por uma dolorosa curiosidade fui Algarres a fora, entre grupos negros, desconhecidos, que iam e vinham como sombras arrastadas por um redemoinho d'angustia n'aquella noite de janeiro fria e escurissima.

Junto do poço formigava uma multidão compacta, onde os lamentos das mulheres como que se misturavam, n'uma inexplicavel communhão, aos clarões funebres dos candis bruxuleantes. A vinte passos era uma

mancha negra, horrível de ver pela dor que deixava adivinhar na sua agitação macabra de larvas. A armação do guindaste, projectando entre as sombras os braços potentes, punha uma nota de supplicio no scenario, lembrando uma forca, um potro, um logar de expiação. No alto das Algarves, os eucalyptos balançavam ao vento rijo as copas altíssimas, como nuvens negras prezas subitamente na carreira, e os moinhos, bracejando sobre o combro que se debruça á *Manteira*, acompanhavam a tragedia com o *rum rum* de seus buzios presos do cordame. O scenario prestava-se a que a imaginação cavalgasse desenfreada apoz as mais extranhas e tenebrosas phantasias.

A' porta da casa da machina, unico espaço vedado á multidão, o machinista, attento, esperava ordens.

O borborinho augmentava; a anciedade crescia.

Rompemos a multidão que rodeava a abertura do poço, agora mais negra e mysteriosa, e falámos ao medico da mina, que aguardava a chegada dos feridos... dos mortos talvez.

Inquirimos, como toda a gente; sabia-se apenas que estavam dois operarios em perigo?! Mas é tão vago isso; e insistimos: como se dera o desastre? Em que situação se achavam os operarios attingidos? Houvera imprevidencia! Havia esperança de salvação?!... Uma série anciosa e tumultuaria de perguntas que nos accudiam á bocca.

— Desde as 6 horas da tarde ás 10 da noite nada se pudera saber?! perguntavam diversas boccas.

— Estão soterrados, respondiam outras; e nada mais se sabia.

A campainha do ascensor echoou como um dobre annunciando a subida d'alguns. A machina resfolegou. A maca do Hospital foi collocada á borda do poço. A onda de povo precipita-se, aperta-se para ver os feridos. E porém um engenheiro que sobe.

Dirige-se ao medico: — O Dr. tem que esperar ainda um pouco,

— Mas em que situação estão as victimas? Poderia prestar-lhes algum soccorro na contra-mina?

— Nenhum; mais um momento. Um está quasi livre, mas com as pernas trituradas; o outro está entaipado; não sei que tempo levará o trabalho de desatterro. A alluviação

de terras foi enorme. Ha pouco ouviram-no pedir agua.

Este dialogo é dito em francez, o que augmenta a anciedade de toda a pobre gente que espera noticias e que escuta o engenheiro com uma expressão de pasmo doloroso.

Não resistimos a perguntar-lhe qual foi a causa do desastre e se houve imprevidencia.

Responde-nos que de modo algum se deu imprevidencia.

— Nós, continua o engenheiro, não podemos prevenir nem remediar desastres d'esta natureza. É tudo quanto ha de mais imprevisto, de mais perigoso e... de mais simples.

— Então, são conhecidas as causas do desastre?!

— Perfeitamente. Ha, no seio d'esta grande massa de terra que vae da superficie ao ultimo piso, cavidades, vasios enormes, que estando fóra do campo explorado nos são completamente desconhecidas; quando a parte inferior da cavidade está a pequena distancia do tecto da galleria, o perigo é permanente; qualquer abalo, e, sobretudo as aguas que amollecem e desagregam as terras, determina avalanches subterraneas que se desprendem da parte superior da cavidade. O choque e o enorme peso d'estas alluviões sobre a crôsta, ás vezes delgadissima, que forma o tecto d'uma galeria, são as causas do desastre que hoje aconteceu.

— Os escoramentos das galerias deviam ser mais solidos.

— Não poderiam resistir por mais fortes que fossem.

— Quantos operarios trabalhavam na galeria?

— Quatro. (Era uma galeria d'exploração com oito metros de fundo.) Dois conseguiram fugir; um não poudes escapar-se porque estava ao fundo e os madeiros do tecto abatendo obstruíram-lhe a passagem deixando-o, comtudo, protegido da asphixia por algum tempo; o quarto já se julgava salvo, quando a derrocada de grandes pedras o prostrou ficando com as pernas esmagadas.

— E que fazem para os salvar?!

— Trabalha-se activamente... e afastou-se apressado.

Não pude deixar de estremecer ao visio-

nar a tragedia que se passava sob os meus pés, a 80^m de profundidade, na escuridão, tão proxima da morte, que a terra parecia ter aberto por si mesma as sepulturas d'aquelles. que um dia haviam lá descido. E toda aquella gente anciosa sentia a mesma oppressão; seguia *in mente* a angustia aturada das victimas; ouvia uma voz longinqua, suffocada, desfallecida, pedir o refrigerio d'uma gotta d'agua, sem que houvesse esforço no mundo capaz de lhe satisfazer o imperioso desejo. Entre elle e a vida mediava um muro compacto e tenebroso que parecia reconstruir-se á medida que o derrocavam. A ideia de salvar-os, porém, e de fazer o trabalho mais rapido impunha-se a todos os que estavam longe da terrivel galeria, como se os que lá estavam, na faina da salvação, não empregassem os maiores extremos.

Um capataz que n'este momento chegou á bocca do poço, veio com as noticias que trouxe acabar de desesperar os que esperavam.

O ferido que tinha as pernas esphaceladas não tardaria a subir; luctava-se agora com enormes difficuldades para o transportar á superficie.

A cada palavra do capataz as mulheres elevavam os clamores!

— E o outro? E o outro? perguntavam de todos os lados.

— Pediu agua até ás dez horas... parece que desmaiou.

— E falta ainda muita terra para o desenterrarem? perguntou uma mulher d'olhos brilhantes, com lagrimas, que avançou por entre a multidão toda de negro, no seu trage de viuva que a fazia mais alta e mais triste.

— Ha ainda uns cinco metros de terra a tirar.

Soou a campainha. Passados alguns minutos subia o primeiro ferido.

Amparado por tres operarios, vinha eno-

vellado, as pernas envoltas n'um casaco rôto, os braços pendentes, as mãos inertes, a cabeça maltratada, revolta, caída sobre o peito.

A multidão apinhou-se em volta da maca, inclinando alguns candis sobre a face roxa do ferido. A terra esfarellada mesclava-lhe as sobranceiras e o bigode.

N'um gesto rapido o medico abriu por instantes o casaco esfarrapado que envolvia as pernas do ferido. Tinha-as n'uma massa informe e sangrenta. Em seguida cobriram-n'o com uma manta e quatro homens carregaram com a maca, seguidos pelo medico e por grande parte da multidão. Ao que parece, não tinha familia proxima, mas toda a gente o chorava e muita gente o seguia.

Nós ficámos, pensando no outro que pedira agua, enquanto o negro cortejo se perdia no escuro da noite entre clamores.

Começaram então de passar interminaveis horas para aquelles que esperavam a saída da segunda victima; alguns sentaram-se no solo humido, outros encos-

tavam-se ás zorras, falando, commentando em voz baixa, e as mulheres arrastavam-se, procurando apoio, soltando ais, arrimando as tragicas figuras ao madeiramento do poço, com os olhos mergulhados na profundidade escura e mysteriosa.

Depois da meia noite o frio augmentou excessivamente com o vento que soprava do norte sobre a terra desabrigada.

A pobre gente que por alli esperava foi-se approximando instinctivamente da casa da machina d'onde irradiava um calor reconfortante.

A fadiga adormeceu alguns e calou outros, e n'aquelle extranho museu d'estatuas dolorosas, depois de derramadas as lagrimas, em attitudes lassas, resignadas, como arvores abatidas ao abandono sobre o campo que lhes deu a vida, havia um silencio de



PERFURAÇÃO DO POÇO EYDEN

morte apenas cortado pelo *rum, rum*, monotonos dos moinhos de vento.

Estas realidades tem qualquer coisa a mais ou a menos que as visionações infernaes da imaginação; talvez a menos a beleza que immortalisa estas, mas quantas eternidades se passam e repetem nas ephemerias horas das dores reaes?!

Duas horas da madrugada. O resfolegar metallico da machina vem chamar-nos á realidade.

A' bocca do poço aparece subitamente um grupo de mineiros amparando um homem desmaiado, . . . ou morto.

Tem o rosto congestionado, as mãos em sangue, a camisa aberta no peito cheio de terra.

D'entre a multidão que desperta estremunhada destaca-se a pobre mulher de trage negro, cuja magreza impetuosa, cheia de nervos, accusa os rudes trabalhos do casal camponio. Precipita-se de braços estendi-

dos, como que levada pelo grito que acaba de soltar, para o querido moribundo que agora parece dormir serenamente estendido sobre a maca do hospital. Ella tactea-lhe o corpo; ella chama-o; ella beija-o; ella chora baixinho e, ante a nossa compaixão pasmada, fala-lhe ao ouvido no murmurio intraduzivel mas eloquente do ultimo segredo que se confia a alguem.

Elle não podia ouvil-a; ella, talvez nem soubesse o que lhe dizia, mas todos pareciam tel-a comprehendido. As mães não necessitam de palavras.

Foi esta desgraçada mulher a unica pessoa, que na manhã seguinte o sol veio surprehender á porta do hospital, esperando a saída do morto para a egreja da misericórdia, com aquellas lagrimas que agora seriam eternas, com as mesmas torturas de sempre, quando elle se despedia dizendo-lhe essas palavras que a faziam estremecer:

— Vou para a mina . . .

João Gouveia.



A REPREZA

Ferraz de Macedo



pobre Ferraz de Macedo, o Ferraz de Macedo *dos crâneos* — morto!

A longa bicha dos idos, que os frios do inverno avolumam caminho á terra hian-te, n'um *miserere* de lastimas humanas... Todos os annos, na taboa de condemnados á pena ultima, o implacavel lapis vae riscando nomes que pareciam symbolos de virtude ou força imorredoiira, e á roda de cujos echos quinze dias depois não ha senão silencio e liquidações febris d'interesses e d'afectos!

Este pobre Ferraz de Macedo não seria um talento opiparo e fogoso, um genio perscrutante, um innovador de sciencia, original: pois já é muito em Portugal ter nos miolos a mediania lucida, a laboriosa constancia que impulsa a obra dos observadores serenos e dos obreiros mentaes equilibrados. Mas ambito adentro da sua intelligencia adestrada em estudos positivos, dentro da especialidade estreita, mechanica talvez, do ramo scientifico a que se votára, do methodo arido em que a antropometria immobilisa a gymnastica mental dos seus cultores, Ferraz de Macedo era um illustre e honrado obreiro das sciencias naturaes e positivas, um sacrificado tenaz dos creadores maiores da biologia contemporanea. E isto o furtou sempre aos contactos da contundente lucha fisica, isto enchia a sua vida de preocupações supraterrrestres, esquecendo-o de tudo, dos gozos materiaes, da vida de familia, da solidão e desconforto austero do seu *home*, da canalhice d'uns, da prozapia d'outros, a ponto de viver infantilmente n'uma especie d'Olympo de que fossem deuses o sr. Manouvrier, o sr. Cartailiac, o sr. Quatrefages, o sr. Wirchoff, *que elle vira, com quem elle*

fallára, e que ha muito tempo defuntos, todavia continuavam no sub-consciente do homem solitario, a lhe chamar collega, e a lhe abençoar de longe os asperos labores.

Esta aerostação espiritual por cima dos convencionalismos da vida palatina e citadina, séstro commum d'artistas e de sabios, dera-lhe o typo desprendido que Ferraz de Macedo havia em publico. Na *toilette*, mau grado o aceio escrupuloso do homem pulchro, sempre alguma peça errava a somma e parecia não ter chegado a tempo de brilhar no conjuncto ornamental. Uma vêz era o *plastron* sem gancho, a evolucionar do colarinho para os ocasos do collete, como quem mira estampar-se de bisma sobre as flatulencias do abdomen; outras, o collete desabotoado, deixando vêr pela camisa sem botões, a camizóla; ora um lenço encarnado, de grosseira chita portugueza, com que elle se abanava das moscas, e trazia na rua desfraldado como um *trapo* de toureiro, perturbando a solemnidade da labita e do penante; ora uma especie de chapeirão rouqueiro, á Bismark, cheio de teias d'aranha e folhas seccas, camarada d'uns chinellos rotos com que na abstração sahira á Baixa, estando a podar os cravos do quintal... Mesmo quando parecia que alguma mão familiar lhe corrigira a andaina e dera a ultima demão na *toilette*, era sina do homem faltar-lhe em cima sempre, alguma coisa: ou a gravata, ou os punhos, ou um tacão n'uma bota, ou o relógio, ou os botões... E tam pouco supónham que os seus ademanes sociaes, escolha de relações ou preferencias de habitos mundanos divergiam do *estou-me nas tintas* camponio que o vestuario e typo de Ferraz de Macedo acentuavam.

Em certas camadas portuguezas que se prézam de finas, e não sei se a si mesmas

dão titulo d'elevadas, uma das coisas que mais caricaturalmente trae a *meia tijella* d'origem, é essa especie de prepotencia cavalheiresca, d'altivez insultante com que *madamas* e *monsiús* usam d'em publico tra-

gonismo social vem desde o berço, onde qualquer pequerrucho rico que ainda mal póde ter-se nas pernas, a primeira coisa que faz, chegando a um camarada indigente, é puchar-lhe os cabellos e meter-lhe os dedos pelos olhos.

Esta desigualdade, a escola em vez de a derruir, educa-a e precisa-a no sentido de fazer inimigos de creaturas que deviam ser os forjadores do mesmo ferró e os architectos da mesma torre de marfim. Já não succede o mesmo alem na visinha Hespanha, cujas escólas primarias, seja do espirito christão, predominante, ou do character da raça, (em muitas provincias muito mais democratico do que o nosso) educam a puericia n'um sentimento d'egualdade admiravel, pois quantas vêzes tenho eu visto *en tierra de Campos*, Zamora, Salamanca, e nas provincias rissonhas do Cantabrico, sahirem das aulas rapasitos descalços e rolinhos, cingindo



FERRAZ DE MACEDO

tar os inferiores. Toda a pessoa intelligente ou bem nascida corre o dever de mostrar aos subalternos uma cordealidade e polidez que, sem ser familiaridade, todavia accentue esse espirito de democracia paterno que é conquista dos tempos, e estabelece laço affectivo entre os humanos. Entre nós o anta-

de braço e hombro camaradas vestidos de veludo e panno fino!

* * *

Ferraz de Macedo que da sua villória minhota sahira, imberbe, a trabalhar em

terras brazilenhas, lá encontrou essa bonhomia portugueza d'aldêa, esse affectivo respeito da egualdade ante o trabalho, essa candura moral e essa inteireza que o portuguez não tem na sua terra, e desterrado d'ella se lhe acendram na alma como lam-

se, n'um todo homogeneo de nação. Tornando á patria, doutor em medicina e homem d'estudos registrados e celebrados em revistas d'Europa, por nomes de criminalistas e antropologos, em vêz d'estofal-o a prosapia sabichona, a farófia conselheril

dos que por cá ficam a passear da Avenida para o Gremio, manteve todavia na compostura e no tracto, mau



CONVENTO -
QUARTEL
DA GRAÇA
E VERTENTE DA
MONTA-
NHA, VISI-
VEL DO
ADRO DO
MONTE.

padas,
pela ne-
cessida-
de de ser
forte e
resistir
em com-

mum ás represalias do meio hostil e estranho. Virtudes essas que levadas ao Brazil por timoratos e humildes emigrantes, nos primitivos tempos da colonia, ahi se aclimaram por guiza das consecutivas descendencias, já ricas e já cultas, contaram n'ellas o melhor dos seus componentes de character, mercê do qual uma população immensa vem conseguindo fundir-se sem maiores luctas de clas-



VISTA TIRADA DA JANELLA DO SOTAM DA CASA DE FERRAZ DE MACEDO

grado a gravitação superior d'estudos feitos, o cunho de simplicidade plebea e chã que, sobre já lhe estar na stirpe humilde, mais se alcandorou no democratico paiz onde estudára.

O que no Brazil era vislumbre d'uma virtude comum em povos simples, aqui, n'esta impertinente Lisboa tornou-se quasi uma rediculez provincial; e quando ao bom

Ferraz de Macedo sucedia, como a João de Deus, seguir á beira d'um homem do povo, com quem travara dialogo entretido, a trocatintice da terra ria-se d'elle e tratava de o apontar como um typo comico da rua, indifferente ao civismo candido do sabio que não conhece niveis sociaes. Algumas vezes eu o vi no adro da igrejóta do Monte, sobre cuja sachristia está edificada a casa onde viveu, e apar da qual muito tempo eu morei, com algumas estantes de livros e um gato maltez que lá ficou enterado no jardim do n.º 19 — algumas vezes o vi no meio do adro, em cabello, ensinando a deitar papagaios aos garotos, e a jogar com elles, entretidissimo, toda a sorte de jogos infantis.

*
*
*

... Vae a fazer 14 ou 15 annos: actualmente o burgozinho da ermida mudou muito, e tambem a montanha historica de S. Gens, que n'esse tempo só do lado direito da calçada tinha predios, correndo pela esquerda um parapeito baixo que desde o muro da cerca da Graça, té ao alto da ermida, permittia abranger como d'um pulpito, a Baixa toda, e as casarias d'alem valle, sobre a Estrella e as encostas longinquoas de Buenos Ayres, Ajuda e Boa Morte, e a facha despolida do rio, á Barra, e os m ntes seccos do Lazareto e Trafaria, por cima dos quaes, do adro, se vê soluçar nas noites pretas a luz intermitente do farol do Cabo Espichel.

A casa de Ferraz de Macedo era sobre a abobada da sacristia ou vestiaria da ermida do Monte, isolada das outras por um muro de jardim bastante alto, onde janellas verdes podriam em gonzos nunca corridos, contra o largo d'aldea que á pintoresca montanha serve de corôa, com seu obelisco mesquinho, seu parapeito d'assentos, e os quatro ulmeiros de trôncos varicosos...

Para traz era uma quintaróla, a do *Monteiro*, cintada de muralha, acessivel pelo portal azulejado do cantinho ou cotovelo da Travessa do Monte, e posta de vinha já em parte perdida, e oliveiras a esmo, pondo na terra, como pelas outras quebradas do Castello e Graça (que no seculo XVI se chamavam «sitios d'Almofala ou Almafala») uma nota de Calvario e Jardim das Oliveiras,

propicia á evocação de martyres e santos. Entre estas estancias soturnas e os borborinhos mundanaes dos vales da Baixa, um abysmo de tristeza medea, saturado pelas recordações plebeas e guerreiras de sete seculos. A mesma silhueta do Castello diademando a montanha, do convento cercano, esburacado, dos clarins do quartel vibrando tóques d'alarme, e o golpe de vista das prumadas resêcas e em certos sitios vertiginosas, dos trez montes alcandorados sobre as pinhas de cazas da Mouraria e Alfama, tudo isto dramatiza o lance panoramico, e propende nos crepusculos d'outono á evocação de golgothas sinistros, com emboscadas de soldados e ladrões, á luz de fachos. No adro do Monte que, como disse, abrange o pico do outeiro e desafóga sobre a cidade e o estuario do rio, seus parapeitos, tejadilhos de folhas vem das arvores, e vága uma paz de presbyterio, onde ao cahir da noite alguma alma anhelante vem comulgar seus devaneios.

A casa de Ferraz de Macedo, apendiculada á ermida, seria primitivamente moráda do capellão ou guarda do santuario. Sobre a porta da sachristia uma janella de varanda, com persianas miudinhas; logo na fachada lateral, para o jardim, nova janella de balcão com trez ou quatro outras de peitos, aplicado tudo de persianas hermeticas, dando ao cacifro um ar entre estudioso e romanesco. Entrava-se por uma portinha de jardim *cór de muralha*, derodeava-se por um caminhito curvo, uma sébe discreta de pitospóros, ao fim da qual uma especie d'escadóz guiava ao primeiro andar da residencia. E ahi, pequenos quartos, portitas baixas, papeis destinjidos, tectos vergando á lassidão ventral das taboas carunchentas, soalhos mólles, bichosos e gritantes, uma melancholia fosca de cazebre centenario, onde faz ampola o silencio e divaga como que um espirito malefico e antigo de defuntos. Tudo n'esta bicóca de sabio era sumario e pobresinho: o sofá de juta com signaes oleosos das cabeças, o espelho de botequim, cuja moldura dourada tinha uma gaze rosa contra as moscas, o tapete de leão, todo safado, as etagéres com cães de loiça e um licoreiro saloio de vidro furta-côres.

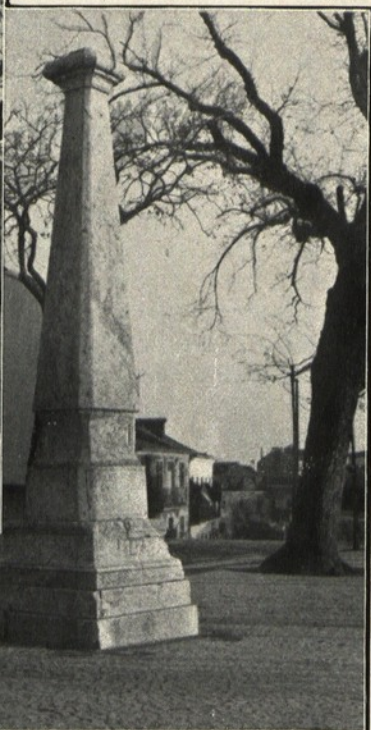
No primeiro andar a peça maior servia de quarto d'estudo e alcova de dormir: por cima da casa os tectos d'esconso, a quatro

aguas, abrigavam uma mansarda de janellinhas de zinco, d'onde se atalayava um panorama tão extenso, que com um oculo verieis, longe, sobre a mancha alvaça do mar do Tejo, a ponte de Santarem para Almeirim.

para deitar o gasnhol pela janella, ao açambarque da *vista* prodigiosa, que resplandecia ao sol, n'um paraíso d'aguas, arvores e montanhas, em tão diversos planos e transfiguradas perspectivas, que se diria o amphitheatro para offerecer os thesouros diabolicos da terra



EGREJA DE NOSSA SENHORA DO MONTE
NO PICO
DA MONTANHA S. GENS



OBELISCO NO ADRO

Ferraz de Macedo algumas vezes levava-me a esse esconso da mansarda, empilhada até ao tecto de sacos de serapilheira, numerados e catalogados com ordem, como n'um celleiro o grão que espera embarque: e subiamos a um banquinho



LARGO MIRANTE SERVINDO DE ADRO A NOSSA SENHORA DO MONTE

a algum alucinado eremita dos tempos da conquista de Lisboa...

Cada saco continha até vinte craneos humanos, que o persistente antropologo estudara e medira, registrando escrupulosamente nos livros as dimensões exactas, configurações, anomalias, angulos, espessamentos, cristas, apofyses, todas as differenciações subteis que ao oího scientifico revelam o psychismo mysterioso do carnívoro d'astucia e sedução que em nós dormita, á espreita do instante d'agir fóra das determinantes leaes da vida physiologica.

N'aquella cafurna de bruxo me referia elle, pela centesima vèz, todas as duras canceiras para haver de coveiros soturnos e administradores de cemiterio desconfiados, tantos inapreciaveis thesouros, *como não haveria talvez eguaes pela Peninsula* — algo como quatro a cinco mil craneos estudados por sexos, profissões, edades e districtos — branqueados e desinfectados a poder de fervuras e loções medicinaes, e antes trazidos das cóvas ás costas de gallegos, que á entrada das portas os fiscaes catrafilavam, pallidos d'espanto e remetendo á policia *o assassino e mal-os cumplices*.

Aquellas quatro a cinco mil cabouqueiras, pomos chóchos da morte, objecto d'estudos e perscrutas assim arduas, lhe haviam comido para mais de dois contos de reis d'exumações e resécções, sobre somarem approximadamente entre 9 a 10 annos de trabalho. O que o sr. Manouvrier e o sr. Wirchoff lhe haviam dito quanto á paciencia, á pericia e honestidade pulchra d'aquelle archivo fertil em sugestões, e imorredoiamente votado á gloria do benedictino humilde que o traçára!!...

Já os olhos do pobre homem se molhavam, enternecidos do favor da sciencia europea aos seus trabalhos, embora no veredicto magro e parcimoniosa uzura do elogio, sentissem todos, excepto elle, a orgulhosa distancia, a ponta de desdem vibrada d'alto pelos superhomens da sciencia, contra esse ferro-velho d'ossos colecionando factos banaes de paciencia para os Vulcanos forjarem depois syntheses eternas e scientificas leis de gladio refulgente.

A maior sala da casa era d'esquina, sobre a quintaróla e o horizonte de mar que ao largo se abre. Era, como disse, quarto de cama e quarto de trabalho, e nas duas faces

janellas de persianas meúdas faziam como um *ajouré* de gaiola, onde até tarde eu via brilhar uma luz estudiosa. Aqui o desapêgo ao confort, a nudez caserneira das paredes, a claudicante miseria da mobilia e do soallo, tudo dizia a abstracção sonhante do homem solitario cujo espirito se analgisa para as seduções corticaes da vida externa, votado todo ao destrinço da meada psychica que o trabalha.

Havia ao canto um leito com xergões e travesseiros cobertos por uma manta vermelha das mais pobres, estantes com livros, papeládas em mólhos por cima das cadeiras e das málas; e logo n'uma banca de jantar sem panno, um candieiro de baiuca, de luz verde, objectos d'escriptório, e alguns calháus rolados prendendo cartas e papeis de frequente consulta...

Dia e noite estavam os vidros das janellas abertos, cerradas as persianas, o que permittia arejar continuamente a peça, e alargar o carcere de trez prisioneiros gentis que, aparte uma creada velha, eram os unicos amigos intimos do sabio.

Prisioneiros gentis!—trez rouxinoes, creados por Ferraz de Macedo, de pequenos, e que havia dois annos sahiam das gaiolas de canna pendentes do tecto, voando por todo o quarto em liberdade.

O rouxinol mais velho era rheumatico: tinha um paxe d'opodeldoc no tornozelo, a primeira vez que o vi—e não foi esta uma das minhas menores surpresas de poeta, ante o contraste entre as sublimidades do genio, e os seus achaques comicos d'estafermo!

Ferraz de Macedo tivera a pachorra de escolher do ninho os trez cantores, defendel-os dos parasitas e doenças d'infancia, provendo-lhes a subsistencia com mil disvelos d'ama e d'enfermeira.

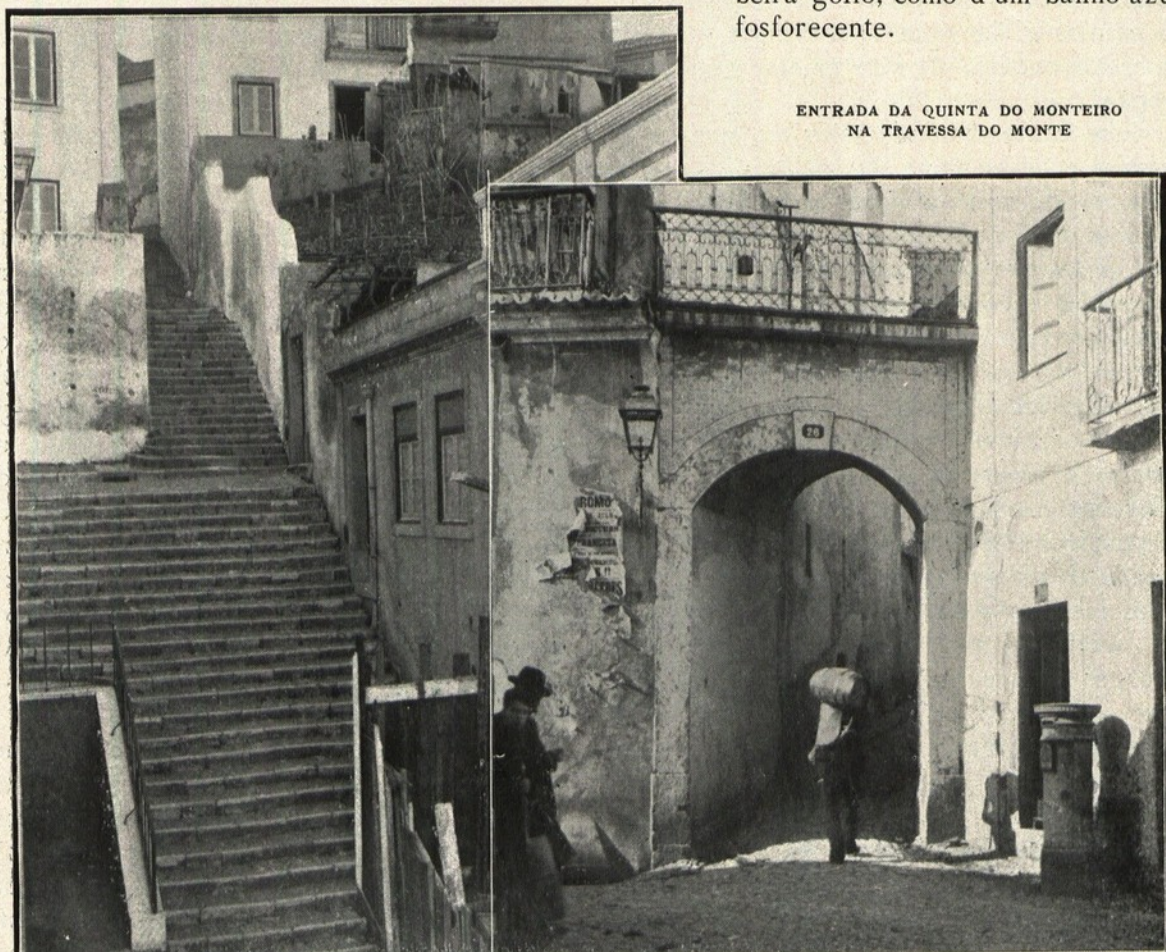
As aves tinham acabado por se familiarisar, comendo á mão; por brincadeira, ás vezes, parando de comer, entravam de lhe picar os dedos e as orelhas, pousando-lhe nos hombros quando elle estava trabalhando, e por instinct de nidificação vindo na primavera, logo de manhã, puxar-lhe as brancas da barba, suppondo-as palha ou tamugas vegetaes com que forrar de fôfo a camilha da gaiola.

Desde os primeiros dias bonitos de Março, quando todas as aves da Europa fazem

nupcia, os rouxinoes de Ferraz de Macedo eram a opera do bairro, n'aquellas explen-

que a viração do mar funde em orvalhos — n'aquellas noites bebedas de lua, em que, vista do adro, a cazaria imerge á beira golfo, como d'um banho azul fosforecente.

ENTRADA DA QUINTA DO MONTEIRO
NA TRAVESSA DO MONTE



ESCADAS DA
VERTENTE
NORTE DO
BAIRRO NOVO
DO MONTE,
OCCUPADA
SÓ DE OLI-
VAL, QUINTA-
ES E TER-
RAS AO TEM-
PO EM QUE
F. D'ALMEI-
DA ALI VI-
VEU.

dentes mã-
nhãs das
flores no-
vas em que
sobre a ci-
dade pai-
ram tules
rozeos,
lentos e
obliquos.



ENTRADA E PATEO DA QUINTA DO MONTEIRO

Agora lembro as madrugadas de Maio e Abril d'esses bons tempos: janellas abertas, fatigada a vista de garatujar e riscar verbetes brancos, quanta vez me ficava a ouvir o cantico divino que os rouxinoes soltavam sobre o outeiro, da sua gaiola posta á vi-
ração!

Esse canto me fazia sahir em mangas de camisa e penna atraz da orelha, té ao largo deserto da ermida onde muita vêz ainda Ferraz de Macedo, sósinho, fumava cigarros, em chinéios e gorra de velludo, sentado no parapeito e contemplando lá baixo a Baby-lonia em coma e farta de gozar.

Que avassaladora vóz de tenor o rouxi-nol mais velho tinha!

Era uma ave orgulhosa, de cachaço mui grosso e pluma farta, com o bico afiado e vibrante narina, cujos terriveis olhos, de Victor Hugo bandoleiro, faiscavam como lam-padas electricas no canto.

A inspiração da ave era pathetica, e mer-cê d'ella ganhava-nos uma abstração de monges centenarios, um torpor de nirvana que permitia ao espirito *odisar-se*, andar vo-lante, sem corpo; e assim parecia o adro, sob a grizalha d'alva, e deserto, como um pairante berço d'aerostato, a que fluidisa-das chegassem as belezas da vida, sem as contundentes lastimas e os prantos!

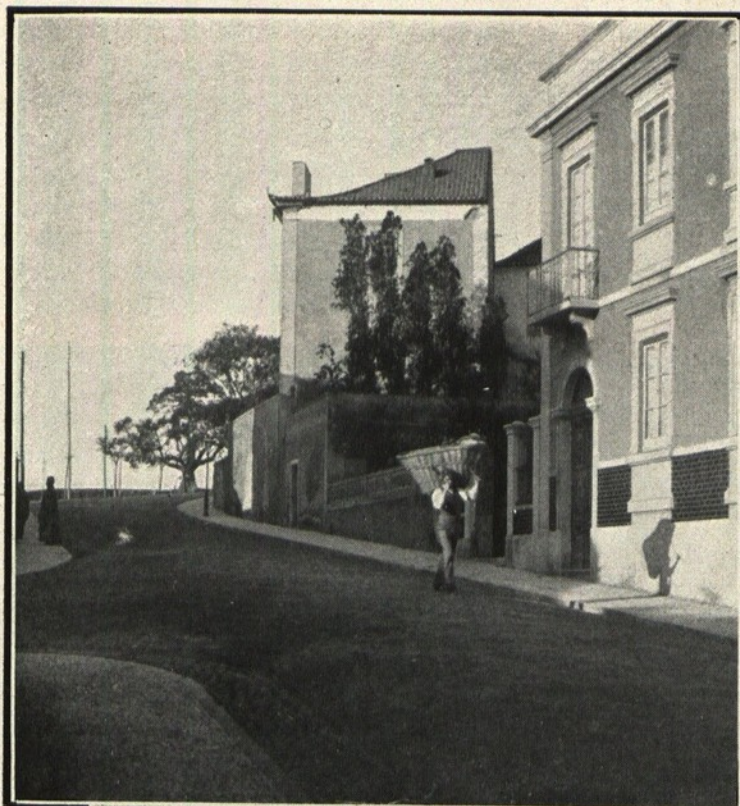
Em baixo, ao redor de nós, até ás mais dilatadas fimbrias do horisonte, Lisbôa tinha um arquejo de monstro agitado por maus sonhos, imensa, ladeirenta, grandiosa, eni-gmatica, cheia de hypocrisias e de lepras, com precipicios, com cerros, fossos de ruas, pelourinhos de campanarios, bastilhas de conventos — e toda enodoada de tectos, mu-ralhas, quinas e cafurnas... A luz do gaz a pontuava de nebulosas; d'entre lágos de sombra, pedaços de muro, illuminados de baixo, reverberavam como escudos; e a gri-taria dos galos era tragica, chegando áquella altura do outeiro n'uma exaltação de con-troversia. Vinha de todos os pontos da terra, desde o Poço do Bispo até Cascaes, onde-ava, formava centros, atalayas, sentinelas, — e furiosa, irrespeitosa, contava a vida intima dos predios, avisava dos estupros e dos rou-bos, barafustando, insultando, lançando um estridor de peleja em toda a parte. E en-tanto, do oriente, o ceu turbado esmaecia com um livor de roza sêcca; lentos vapores do rio passavam sobre os montes, como essas

gazes de theatro na transição d'um quadro para outro — e a luz subia batendo os olhos com uma pancada d'aza, como se no dealbar do dia invisiveis serafins saltassem a corda, com echarpas d'azul n'um fundo gris.

Esse acordar de cidade entre as nevoas do rio, sob um ceu de veinulações de ma-dreperola! que desmesurada choral d'espe-ranças e resvãos, que sinistros fócos de miseria, que ninhós d'infamia deliciosamente armados nos galhos dos palacios, que fer-mentações dramaticas nos cerebros, que lo-daçães d'amor nos corações! Os idyllios, os crimes — vícios que a plethora d'ouro traz comsigo, vícios que a falencia de pão logo acarreta, as juventudes por um lado que se exhaurem, as velhices decrepitas que que-rem rejuvenescer com excitantes — creanças precóces, pallidas d'estupro, Margaridas in-quietas cantando a aria das joias frente ao espelho lethal de Mefistofeles, decrepitos ladrões feitos pontifices, cynicos tabeticos mysticizados d'amor por credos gastos — a belleza traficada na arte e na justiça, a familia uma instituição prostibular onde a mu-lher prevarica nos paraizos d'amor a horas certas — logo as grandes palavras no tym-pano dos porticos, as grandes leis sapientes na lettra morta dos codigos, todos os aspectos fulgentes da civilização espetada no tridente da sciencia, da fraternidade e da justiça, que agitam demagogos gafados por todas as sífilis da besta irreductivel...

Na hora atonita, aquella grande cidade perdida em incertezas de crepusculo, como centuplicava d'ambito e enchia o mapa de suggestões babylicas de crimes e d'orgias. A voz dos gallos lhe pregoava a sentença final aos ventos d'alva, sacudindo a morri-nha dos leitos, e provocando nos bairros im-mundos já os primeiros exodos d'operarios. Esses exodos formigavam nas trevas, myste-riosos como na obra dos continentes o tra-balho dos polypos: as carroças da hortaliça e do lixo que pelos vales da Baixa reben-tavam em fracassos de rodas e ferragens, como lhe formavam os carros de bagagens. De cima, do adro, nós adivinhávamos o espe-ctaculo, mercê da imaginação hyperstesiada pelo isolamento e pela altura, em pleno fra-casso infernal de Lisboa extenuada, boce-jando, alongando os braços, para mais um dia de miseria.

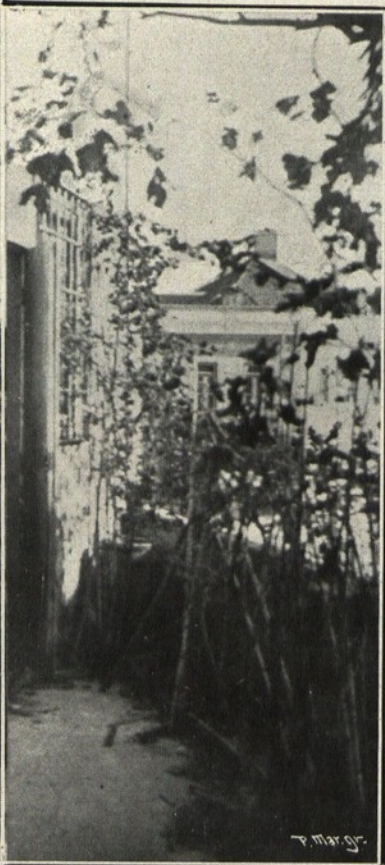
BAIRRO NOVO DO MONTE



Acontecia que ás noites, cansado de trabalhar, lhe ia bater á porta do tugurio, ou fosse elle quem, por sua vez, viesse olhar os livros modernos da minha estante, sempre renovada.

As nossas casas sitando perto (apenas dois ou trez pequenos predios medeavam) facil nos era estar em camaraderia continua de visitas.

Eu contrahira d'estudante o habito de dormir pouco de noite. Por seu lado Ferraz de Macedo, tendo vivido no Brazil bastantes annos, afizera-se a velar durante as horas frescas, sabendo como o calor esbodéga e deprime os



JARDIM DA CASA

CASA ONDE VIVEU FERRAZ DE MACEDO, APENSA Á EGREJA DO MONTE

que trabalham pelo cerebro. Esta calaceirice de visinhos me permitia vêr de perto a vida intima do sabio, que era uma creança lastimosamente armada para a vida, cheia de melindres pueris, facilmente murchados, e d'entusiasmos que muito rapido qualquer opinião falaz remetia ao estado indifferente.

Chegava a parecer incrivel que um homem tão amplamente gastado nos trabalhos da vida, em profissão que lhe haveria permit-

enxameam nas lettras e na imprensa. A sua candura moral enchia-me ás vezes de riso, pela sua absoluta inaptidão para a suspeita, que o levava a tudo julgar pelas hypocrisias facticias e compostura dulcerosa de mascara em que geralmente se especialisam os ma-landrins e os intrujões.

As cartas que elle ás vezes me mostrava, de conhecidos escriptores e nunca assaz chorados jornalistas, implorando o seu au-



SALA DE TRABALHO E QUARTO DE CAMA DE FERRAZ DE MACEDO

tido conhecer por milhares as variantes de condição, feitio e genio da corja humana, tivesse podido salvar d'essa prolongada le-xivia, uma alma tão simples, tão credula e puerilmente campezina respeito a juizos e noções da livre pratica social, de homem para homem. Ferraz de Macedo era no condizente ao pudor da honestidade alheia, á confiança credula no seu semelhante, d'uma imponderabilidade, d'uma delicadeza, d'uma lizura que facil lhe acarretariam desilusões e amargos dissabores, acaso privando em certos meios da classe dirigente, particularmente os rufões desabusados que

xilio financeiro! Que explicações, que frases, que elogios! e por baixo de tudo que nomes de prezidio imarcessivelmente votados á gloria de fazer luz nos cerebros humanos!...

A par d'esta tibieza ingenita de nervos, a sua sensibilidade esquisita e sem o parecer, feminina, susceptivel, privada quazi todo o tempo dos carinhos e achegos da familia, revertia a uma especie de culto entre religioso e pagão da natureza, a um pantheísmo poetico, confuso, trahido em repentes de conversa, em fetichismos por animaes, plantas e flores, em enthusiasmos calidos por paysagens, e que certo lhe ha-



— PANORAMA CIRCULAR DE LISBOA TIRADO DO ADRO DO MONTE, DESDE A GRAÇA ATÉ Á PENHA

veria acendrado a inspiração para obras d'arte, caso Ferraz de Macedo tivesse nascido homem de letras.

Elle era o patrono encartado de quantos gatos e cães topava no caminho de casa para a Baixa, e a que solicitamente ia dando os bons dias ou boas tardes. No Largo da Senhora do Monte ajuntavam-se a certas horas os bichanos bohemios do sitio, á côca dos bons bocados que elle, depois d'almoçar ou jantar, lhe ia lançando da janella, n'uma parlenda d'apêlo destinada (explicava) a reconstituir no espirito desconfiado dos gatos alguma opinião cordial respeito ao homem, tido e havido em geral como hostilisador perverso das especies animaes que lhe são uteis.

— Oh bicho, adeus, velho, já me não vens ver ha quatro dias... E tu, pardinho, andas d'amores pelo Largo das Olarias... Escusas de negar. Eu de manhã bem te vi com a gata amarella da taberna... Grande velhaco! Vê se os garotos te caçam, que assim é que um papái e uma mãe perdem filhos estroinas que não recatam a honra das donzellas. — Cahiam restos d'omelete, carne cozida, ou eram tarraçadas de sopa que a creada vinha trazer á porta, em mal-gas velhas.

— Agora tu, bicho do matto, dizia elle atirando carapaus a um gatarrão maltez que lá de longe o fitava de soslaio, com pupillas astutas, parecendo não ter pressa em se achegar. A' voz amiga, de todos os pontos do Largo onde já estavam á espera, quantidade de bicharocos corria a disputar com sapatadas e assopros os bocados melhores da refeição. Saltavam das amuras do adro, dos escaninhos das portas, de cima das arvores mesmo, onde de barriga ao

sol, fingindo-se dormidos, tinham um olho nos pardaes, e outro na janella do bodo, por onde o rancheiro Ferraz soía vir.

Por vezes o pic-nic não podia prolongar decorativamente os seus *agapes* pictoricos, pois os garotos varriam-no, frechando com elasticos, de longe, os focinhos e orelhas dos convivas, que davam saltos doridos, fugindo os mais velozes com pedaços na boca, e quasi todos deixando no bivac as tarraçadas de sopa e os apetitosos carapaus dos pratos extra.

Ferraz de Macedo, da janella de peitos não podia vêr os arbaleteiros barbaros acolhidos aos troncos das arvores e quinas dos predios. e por isso, na sua encerebração complicada de sabio, referia sempre os pulos e a debandada dos bichos a algum fenomeno sismico terrivel, presentido pelos animaes antes do homem, e que o fazia andar noites e noites de naris no ar e ouvido á escuta. Subitamente, um dia, quando graças aos seus persistentes cuidados filantropicos já a mór parte dos gatos vadios da vizinhança, andava nédia, eis que os melhores começam a não vir ás praticas do largo.

Agora um, outro mais tarde, assim mingúa o rancho e se faz raro, a ponto de começar a inquietar-se o bom filosofo, que resolve informar-se metendo nas indagações o guarda nocturno.

Passaram tempos, cada vêz mais as fileiras de gatos clareavam — que será? que não será? — quando uma noite Ferraz de Macedo entra-me em casa, exausto, de braços em semaforico e fisionomia espavorida, a revelar a descoberta tragica que fizera.

Um latoeiro da Calçada do Monte, que elle cobrira de liberalidades, e a quem abrira



II — PANORAMA CIRCULAR DE LISBOA, TIRADO DO ADRO DO MONTE, DESE A GRAÇA ATÉ Á PENHA

a alma d'amigo, quando lhe apanhava os gatos gordos, havia um mês ia-se a elies, e era um deróche de fricassés que até o porprio guarda nocturno umas vêzes por outras lá ia sopetear, pagando o vinho.

* * *

O que arrancou de pintasilgos e pardaes das mãos hereticas do rapazio da Graça e Monte, bairros da Penha e Bruges, Cruz dos Quatro Caminhos e adjacencias de terras ca-

çadias!... Positivamente a ideia d'um animal maltratado ou morrendo no captiveiro, de nostalgia, dava-lhe uma energia de sentimento que coisas da vida, graves, não conseguiam acordar jamais n'essa alma morosa de brasileiro alquebrado do clima tropical.

A dôr universal, a dôr anonyma dos infinitamente humildes da vida, desarmados para a perseguição dos fortes, e expostos, sem queixa nem defesa, á brutalidade das forças cegas, bretoejava-lhe uma angustia lyrica á flôr dos nervos, punha-lhe o cora-



CASA ONDE VIVEU FIALHO D'ALMEIDA, NA CALÇADA DO MONTE

Tem hoje o n.º 19. Era no 1.º andar, do lado direito. No rez do chão da casita de platibanda que se vê em baixo, viveu muito tempo Gomes Leal



III — PANORAMA CIRCULAR DE LISBOA, TIRADO DO ADRO DO MONTE, DESDE A GRACA ATÉ Á PENHA

ção palpitante nos lábios, subitamente secos de colera justiceira.

Nô tracto para casa achava sempre algum pilho que parecendo brincar distraído com algum pobre passaro caçado nas oliveiras e terras livres dos arredores, todavia pelo canto do olho lhe espiava os movimentos, metendo bem a victima á cara do filantropo, na mira do pataquinho sorna que era o preço obrigado do resgate. Chegava a patifaria a lhe levarem pardaes co'as azas córtas, e que uma vez libertos, facil outra vez se deixavam cahir nas alçapremas dos déstros caçadores, que lh'os vendiam seis vezes, sem que a sua credulidade jamais se apercebesse.

D'inverno, as janeliculas respiros que davam luz ao desvão dos forros do predio, ficavam abertas, para que os passaros do sitio podessem passar a noite em confortavel; mas davam os gatos com elles, e pela manhã estavam os sacos de craneos cobertos de pennas e restos de patas, mau grado as objurgatorias do S. Francisco aos manos tigres, a que poupassem os manos passaros, em preito á lei da fraternidade e do amôr universaes.

Havia no jardinzête da casa um cão domestico, já mui caduco, e a mais cego, que uma noite morreu d'apoplexia, ou quer que fosse. Foi um desgosto terrivel; Ferraz de Macedo não cessava de carpir a recordação do seu velho amigo e companheiro, cujo cadaver fui achar estendido sobre uma mēsa do piso baixo, e duas velas alumando em castiças, como se o pobre cão, pelo facto da morte, tivesse sido elevado á categoria de parente.

Com os carroceiros era outra engalfinhação quotidiana. Ferraz de Macedo pelo facto

do seu diploma da Sociedade Protectora dos animaes, entendia fiscalisar com rigorosa disciplina não só as cargas das carroças, como tambem o systema de trato imposto aos quadrupedes pacificos que as tiravam. Já de longe, do alto d'alguma calçada ingreme por onde vinha subindo uma alimaria, em zig-zags para aguentar o pezo do carro, sem resvalar com elle ao precipicio: já de longe Ferraz de Macedo parava a examinar de sobrolho carregado, os esforços da besta, calvario arriba, e a comparar se era em porporção das suas forças o volume da carga que trazia. Se do exame provinha coisa d'onde por deshumano podesse increpar-se o carroceiro, se fervia o azorrague, ou o animal resfolegava embarrancado sem poder sacar o vehiculo das sobrerodas do caminho, Ferraz de Macedo com a voz forte, o sobrecenho decidido, um tremor d'impaciencia nos dedos — elle que nas situações communs era um sentimental conciliante e timorato — ia direito ao homem, e em tom de predica espirrava uma fala sobre os deveres do primate em comandita com os bichos: uma fala pathetica, empenachada das verdades de chafariz que a Protectora faz escrever nos bebedoiros, á guiza d'evangelhos.

Logo um povileu meúdo coalhava a ouvir o sotáque americano do orador, que gesticulava com enfase, luzindo no mendinho esquerdo um brilhante estridente, um pedregulho precioso, talhado em roza, e que apesar da sua agua amarella, todavia synthetisava para os boca-abertas da rua, a fortuna inutil d'alguns contos.

Na encerebração da plebe, o efeito d'estas predicas moraes era diverso, supondo uns que elle pretendesse no fim vender-lhes drogas, entreolhando-se estes a buscar no au-



A Sombra de Astréa

*Jam venit ultima aetas carminis Cumeis.
Magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.
Jam redit et Virgo....
Jam nova progenies coelo demittitur alto.*

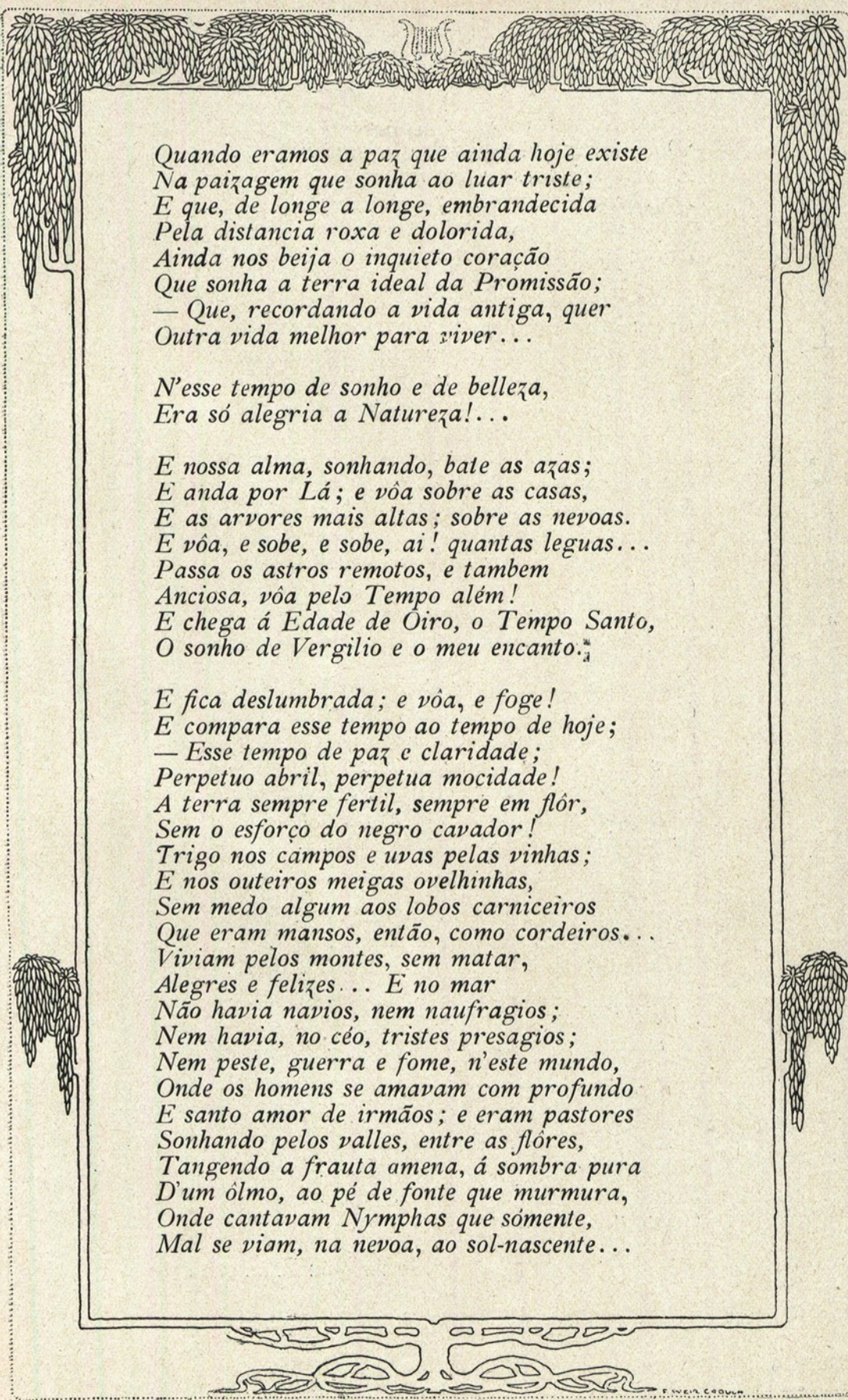
VERGILIO (*Ecloga IV*).

Quando esta paz do mundo exterior
Formava nossa alma, e não a dor,
O sobresalto de hoje!

E o nosso olhar
Era esta branda luz crepuscular
Que ainda mal allumia, e unicamente
As cousas entrevê; a luz nascente,
Esse esboço de luz e de visão
Que só nos mostra o que ha na Creação
De mais longinquo e vago e mais profundo,
— O sempiterno espirito do Mundo.

Quando era nossa alma etherea bruma,
E nossa carne flocos de alva espuma,
E os ossos pedra bruta, e nossa vida
Agoa sempre gelada e derretida
Pelo fogo do Amor que tudo abraça...

Quando eramos saudade, e nevoa, e aza,
E perfume de flor, e melodia...
E ao pé do tigre a pomba adormecia;
E o rochedo era terno, e o doido vento
Era meditação e esquecimento...
E o mar baixinho e verde e transparente,
Como as agoas das fontes, innocente...
E era luz de alegria a luz da Lua;
E a Mulher, como a terra, andava nua,
Fecunda, alegre e bella, sem peccado,
Nos braços amparando o filho amado,
— Creança secular que só Jesus,
Crucificado e preso á negra cruz,
Para nossa alegria e desventura,
Fez sensivel e viva creatura.



*Quando eramos a paz que ainda hoje existe
Na paizagem que sonha ao luar triste;
E que, de longe a longe, embrandecida
Pela distancia roxa e dolorida,
Ainda nos beija o inquieto coração
Que sonha a terra ideal da Promissão;
— Que, recordando a vida antiga, quer
Outra vida melhor para viver...*

*N'esse tempo de sonho e de belleza,
Era só alegria a Natureza!...*

*E nossa alma, sonhando, bate as azas;
E anda por Lá; e vôa sobre as casas,
E as arvores mais altas; sobre as nevoas.
E vôa, e sobe, e sobe, ai! quantas leguas...
Passa os astros remotos, e tambem
Anciosa, vôa pelo Tempo além!
E chega á Edade de Ouro, o Tempo Santo,
O sonho de Vergilio e o meu encanto.*

*E fica deslumbrada; e vôa, e foge!
E compara esse tempo ao tempo de hoje;
— Esse tempo de paz e claridade;
Perpetuo abril, perpetua mocidade!
A terra sempre fértil, sempre em flôr,
Sem o esforço do negro cavador!
Trigo nos campos e uvas pelas vinhas;
E nos outeiros meigas ovelhinhas,
Sem medo algum aos lobos carniceiros
Que eram mansos, então, como cordeiros...
Viviam pelos montes, sem matar,
Alegres e felizes... E no mar
Não havia navios, nem naufragios;
Nem havia, no céu, tristes presagios;
Nem peste, guerra e fome, n'este mundo,
Onde os homens se amavam com profundo
E santo amor de irmãos; e eram pastores
Sonhando pelos valles, entre as flôres,
Tangendo a frauta amena, á sombra pura
D'um ôlmo, ao pé de fonte que murmura,
Onde cantavam Nymphas que sómente,
Mal se viam, na nevoa, ao sol-nascente...*

*E nos longes, ás vezes, perpassavam
Divindades que o mundo allumiavam...
E subitos luars se accendiam
De Deusas amorosas, que fugiam
Para uma Ilha distante, situada
Entre as ondas, de nuvens aureolada...*

*E os Faunos a cantar, libidinosos,
Olhos a arder, cravam nos formosos
Flancos de alguma Nympha distrahida,
Entre os lyrios sonhando adormecida...
E ao pé, um manso rio prateado,
Em seu leito de areia, ao sol deitado,
Confiava as grandes barbas de alva espuma,
Na volupia somnambula da bruma...
E Pan, entre o arvoredor, noite e dia,
Era um canto de amor e de alegria,
As proprias brutas pedras comovendo,
Que em boa terra se iam convertendo...
E a terra, por sua vez, desabrochava
Em flôr... E Astréa, placida, reinava...*

*E nossa alma ficou triste e saudosa,
Comparando essa Edade Venturosa
Com esta edade tragica e funerea
De sobresalto, e dor, e de miseria!
Em que os homens se odeiam, como fêras!
E são lavas sangrentas de cratéras
As invejas, os odios e as paixões!..*

.....

*E em que os lobos devoram cordeirinhos;
E os milhafres os meigos passarinhos!...
E ha naufragios e fome e guerra e peste!
E em que a terra madrastra, dura e agreste,
Só dá frouxas seáras, tristes flôres,
A' custa de trabalhos e de dôres!*

*E nossa alma ficou triste e sombria
Deante d'esta tragica agonía...
E não perde da ideia aquella Edade
De paz, amor e vida e claridade!
E por isso, deseja, e sonha, e quer
Outra vida melhor para viver!*

TEIXEIRA DE PASCOAES.



A Architectura da Renascença em Portugal

Por ALBRECHT HAUPT

Parte II—O PAIZ

IV

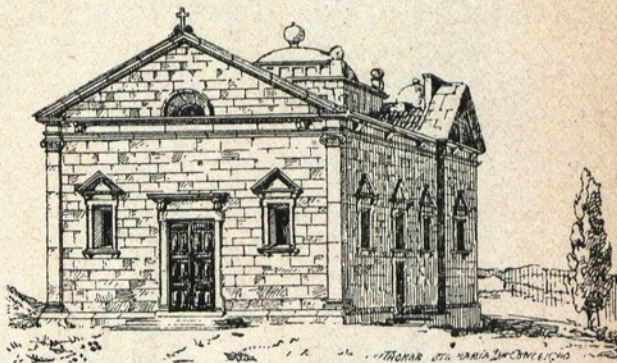
THOMAR

Ao claustro do cemiterio nas trazeiras da egreja adhire ainda uma quadra magnifica da mesma era, a sacristia. Nos lados mais estreitos abrem-se as janellas, adornadas de couraças e quatro hermétas; nos mais largos dois possantes arcos, como alargamento,

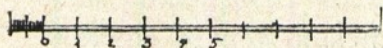
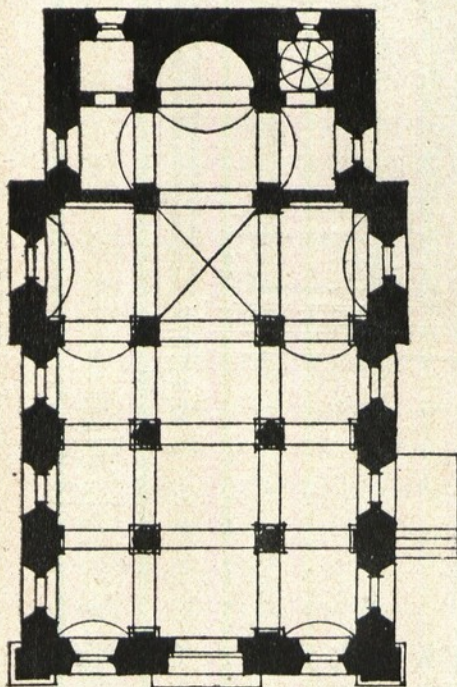
aguentados por finas pilastras. O lanço principal do recinto ostenta uma

abobada de berço e caixotões. O conjunto da architectura, de pedra de côr clara, realçada de oiro por toda a parte. Por cima da entrada principal, um portico formoso a par de singêlo, sobre columnas doricas acantonadas, da éra de 1620, e como tal, coevo de Felipe III. A architectura é nimia-mente portugueza, pertencente ao cyclo dos Alvares, que a essa data funcionavam em Coimbra.

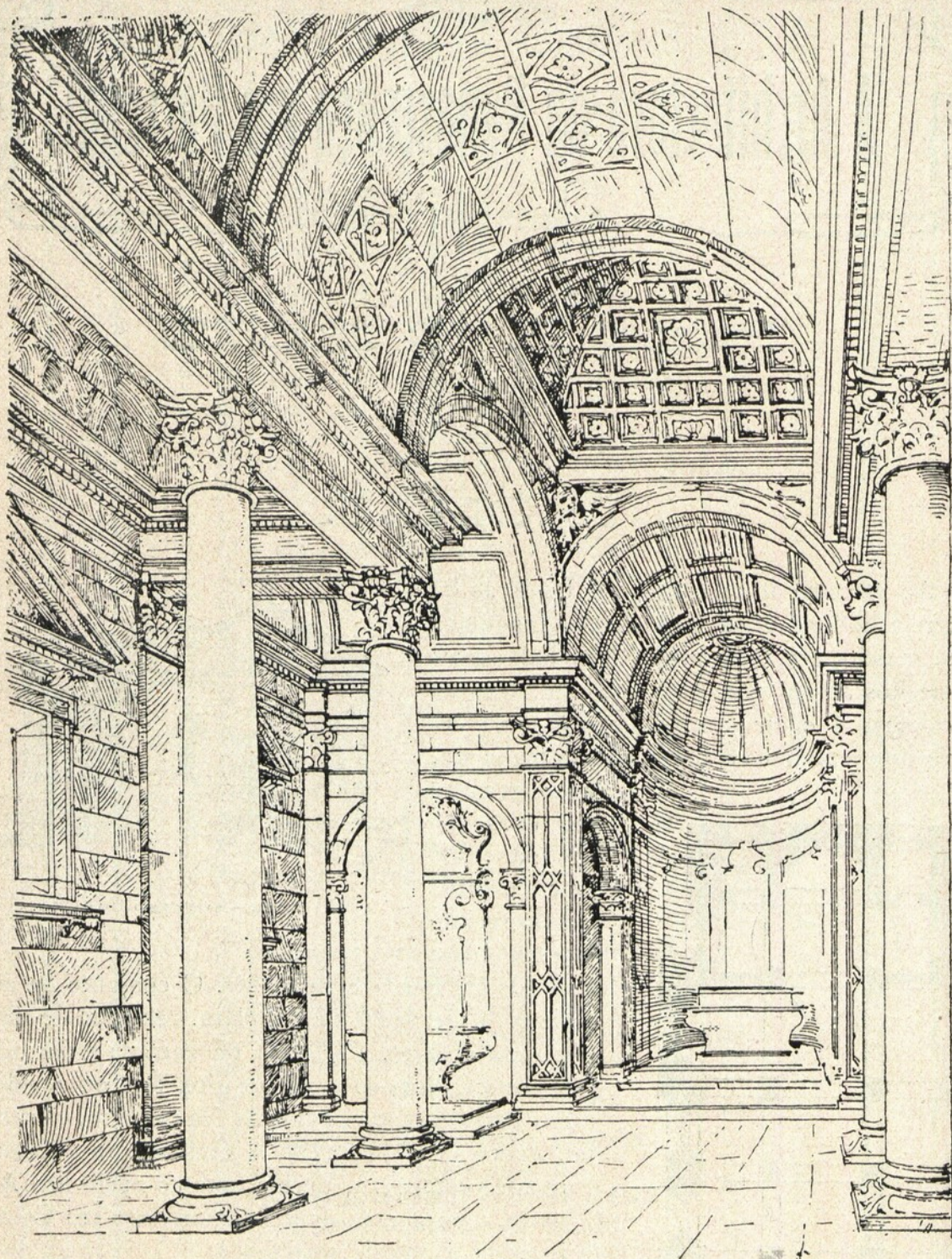
Obra monumental é, sem contestação, o ingente aqueducto, levando agua a distancia de cinco kilometros, galgando, por duas vezes, sobre soberbos arcos, uns valles, fundos. Vem por fim cingir-se directamente aos muros do mosteiro, decorando-o com as suas profundas arcadas, nas quaes se inscrevem as janellas das cellas. Coroam os pilares



THOMAR — SANTA MARIA DA CONCEIÇÃO



PLANTA DE SANTA MARIA DA CONCEIÇÃO



INTERIOR DE SANTA MARIA DA CONCEIÇÃO

uns corucheus e pyramides rematadas com a cruz de Christo.

Esta magnifica obra de cantaria, uma das mais perfeitas em todo o paiz, foi, segundo reza a inscripção, principiada

em 1595 por Felippe II de Castella e concluida em 1613 por Felippe III.

O mosteiro, em 1834, como aliás quasi tudo do mesmo genero em Portugal, foi votado sistematicamente ao

desamparo, salvo, porém, parcialmente, mercê dos esforços do fallecido marquez de Thomar, que adquiriu uma parte, comquanto pouco mais restasse do que as paredes nuas, roubada a ornamentação, as pinturas da igreja desaparecidas, o maximo numero, e um montão de ruínas por todos os lados.

Abaixo da immensa móle do mosteiro, para a banda da cidade, campeia insulada, n'uma chan do desladeiro, uma bonita egrejinha, Nossa Senhora da Conceição, oriunda, igualmente, do tempo de João III. E' severa, tambem, a sua construção, e approxima-se do estylo classico; muito singela exteriormente, de cantaria, com um frontão liso, pilastras jonicas, nos angulos, e uma cupula, baixa, no encruzamento das naves. As janellas, coroadas por frontões, descansam sobre misulas, as quaes se acham dispostas de mui notavel maneira, obliquando para o lado de fóra, lucubração perspectivica, com a qual topamos tambem em Evora (egreja da Graça).

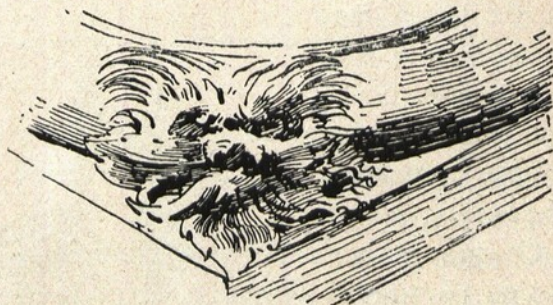
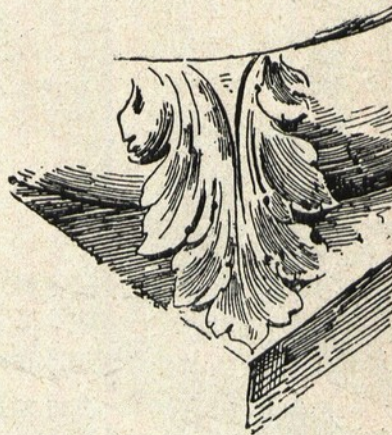
A formosura do interior excede, em muito, a do exterior.

E' de trez naves a igreja, a abobada de berço estribando sobre primorosas columnas corinthias com abacos rectilineos; por cima do cruzeiro ergue-se um tecto esconso, a modo de cupula, sombrio, mais parecendo a abobada de um claustro, adornado de caixotões, por forma algum tanto confusa.

As janellas apresentam feição iden-

tica ás do exterior, e com as mesmas misulas em perspectiva.

O interior, não muito espaçoso, ostenta, porém, graças á formosura dos materiaes de construção e nobreza das formas, aspecto puro e aprimorado. Paira sobre elle um reflexo da primitiva Renascença italiana; o conjunto evoca involutariamente o nome de Brunellesco,

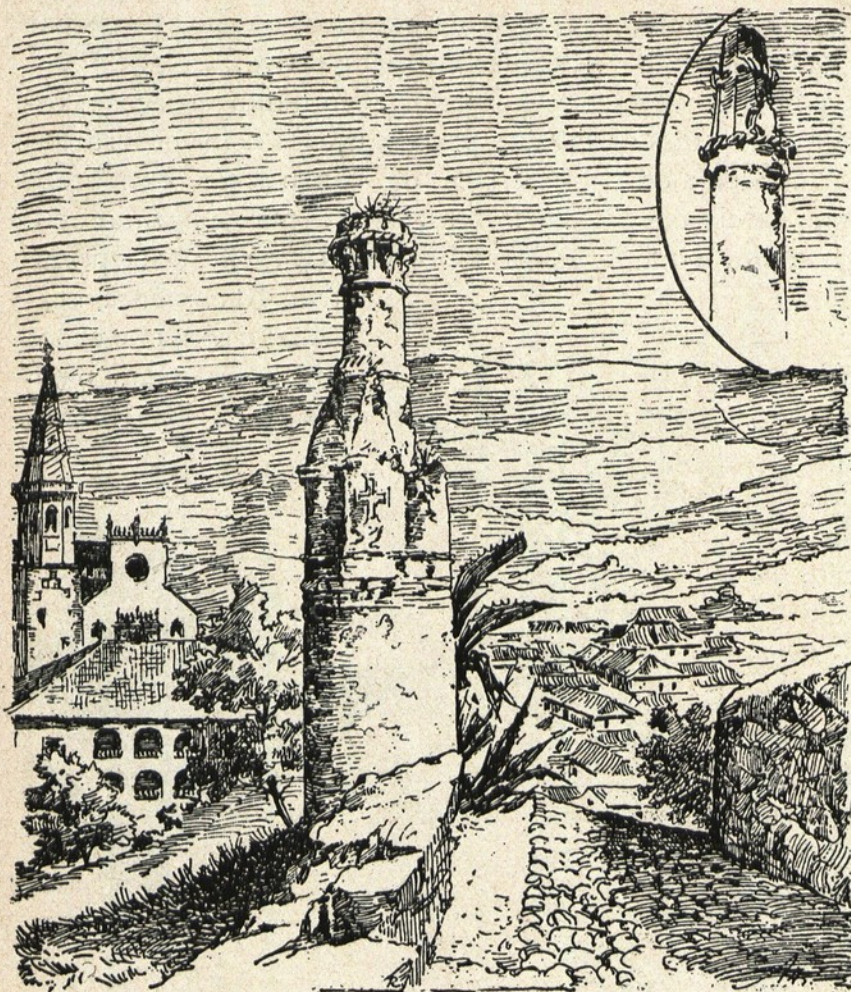


PORMENORES DAS COLUMNAS DO INTERIOR DE SANTA MARIA DA CONCEIÇÃO

supposto permeie entre a época deste artista e da construção da igreja.

As minudencias, sobre tudo, ostentam por toda a parte elegancia e finura; as bases das columnas gracilmente enfeitadas com ornatos correspondendo aos angulos de plintho, a folhagem ornamental tenue e com pouco relevo.

A igreja apresenta a data de 1579. E não obstante, contando ainda pela



THOMAR — PADRÕES NO CAMINHO DA CIDADE

era cesarea, o seu character geral denuncia com mais probabilidade a de 1541 (1).

O que mais concorre a confirmar-me na persuasão de que a egreja pertencerá á mesma época a que pertencem as construcções de D. João, no

(1) O computo da era cesarea e o da era de Christo correm amiude parelhas n'este paiz, nos tempos da Renascença, induzindo por vezes a mendazes interpretações. Por via de regra, devemos considerar que, desde o principio do seculo xvi, a era antiga cahiu geralmente em desuso. E não obstante, fui ainda encontrá-la n'um trabalho correspondendo ao anno de 1587.

mosteiro, é a particularissima decoração dos fustes das pilastras com molduras entrecruzadas, as quaes se acham repetidas, já no intradorso dos arcos no encruzamento dos corredores do mosteiro já por baixo do varandim, na Batalha. Revela-se aqui, portanto, entre a época de Castilho e a vinda de Terzi, e respectivamente a dos Alvares, successores d'estes, a actividade ainda de outros habeis mestres da Renascença. As obras d'esta época intermedia, com quanto se resintam no ornato

da influencia dos mestres francezes de Coimbra, e ainda dos trabalhos hespanhoes, não deixam porém de apresentar um cunho de character nacional.

Descendo para a cidade, seguimos pela estrada velha, que em tempos remotos ligava a povoação com a fortaleza. A' beira da vereda empedrada, deparam-se amiude uns padrões de pedra, ostentando o emblema de ordem de Christo, o dragão de D. João II e quejandas esculpturas, adornados á feição do gothico terceario com cornijas ornatadas e ameias.

Na praça do mercado da cidade ergue-se a egreja de S. João Baptista, edificação de el-rei D. Manuel, ainda

em gothico terceario, toda ella, e com o character pinturesco manuelino estampado nos minimos pormenores da construcção. O soberbo portico, a rendilhada platibanda com que é coroada, a torre lateral constituem as bases das edificações religiosas de D. Manuel. Esta ultima apresenta singular impo-nencia com a macissa pyramide que a remata.

O interior corresponde ao systema já descripto (volume 1.^o), extensivo ás construcções d'egrejas manuelinas de menor lotação. O côro é abobadado, de base octogonal, decorado com ricos artezãos; o recinto de trez naves com arcadas singelas de ponto subido, tecto inclinado, de madeira, acompanhando a linha do telhado, e ao centro, interrompido, a meia nave, por um plano horizontal.

Este systema abrange basto numero de egrejas da época alludida, não sómente em Portugal mas ainda por todas as colonias (como se verá na do Funchal), pelo territorio africano e pela propria India, até. Com relativa singularidade de meios facilitava a rapida cons-

trucção de egrejas de umas certas dimensões.

Se acaso se pretendia opulentá-las, abriam-lhe para ahi uns trez nichos abobadados e com tal qual profundidade, no lado do nascente raras vezes uma nave transversal: esta, em casos especiaes, era tambem abobadada.

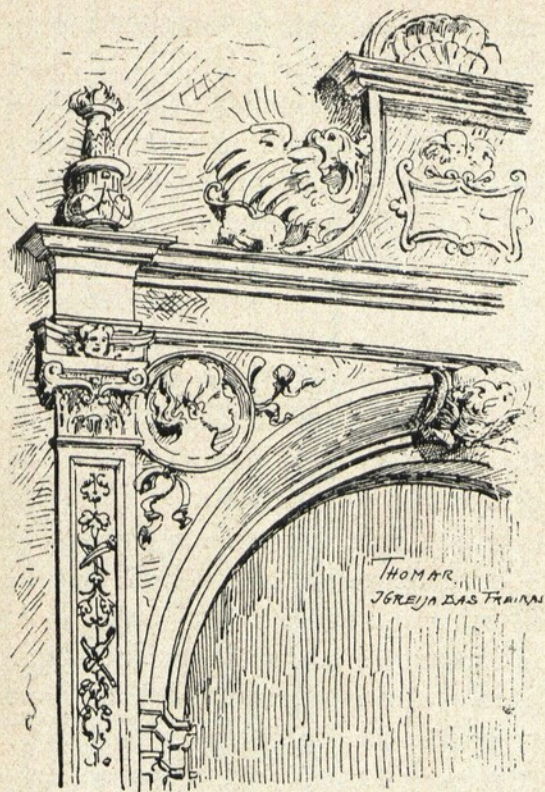
N'este caso, o tecto é repartido em tabellas por molduras. A singeleza do interior recebe o seu adorno mais efficaç das primorosas pinturas da escola portugueza, que enfeitam o côro, em derredor; este, actualmente, todo elle de obra de talha, muito rica mas de gosto barroquênho.

O pulpito é o proprio encanto, uma das mais aprimoradas obras de lavrante em pedra, do derradeiro e mais decorativo periodo do gothico terceario, com uma abundancia de ramaria, intersecções, e quejandos meios, apresentando singular afinidade com os nossos trabalhos saxonios da mesma era.

Na cidade, a dois passos da ponte, topamos ainda com uns restos da Renascença primordial, de admiravel finura, na capella de um convento de freiras, hoje derruido; são estes a portada e uma janelinha, encimando-a. Ambas com pilas-tras molduradas, a primeira com um coroa-mento flexuado, ostenta, já nas pilastras já



THOMAR — S. JOÃO BAPTISTA



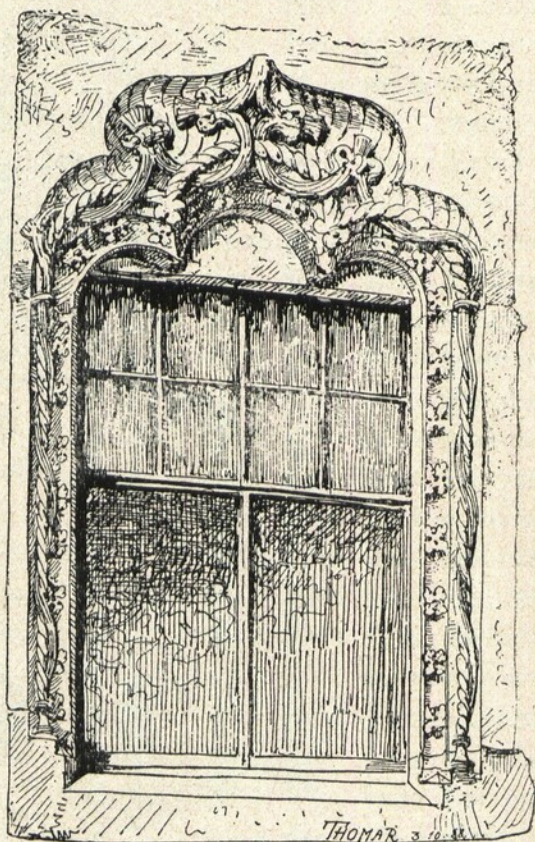
THOMAR — PORTICO DA EGREJA DO CONVENTO DAS FREIRAS

nos frisos, o mais delicado ornato; tudo primoroso e com o mais fino acabamento. Apesar de reunirem ainda as características de anteriores trabalhos como os que se vêem, lá em cima, no mosteiro, no claustro dos Felipes, mercê da sua descommunal elegancia e delicadeza inclinam-se estes mais para os da época posterior, existentes em Coimbra, estabelecendo, digamo-lo assim, um intermedio entre uns e outros. O interior da capella, arruinada, achava-se em 1888 inacessivel; pareceu-me ser muito pequena e de forma rectangular, com uma abobada de artezãos elegantemente perfilada; tanto esta como as paredes com pintura decorativa, de grutescos dourados sobre fundo branco.

Encontra-se aliás pela cidade, além de algumas janellas manuelinas dos primeiros tempos muita coisa ainda do mencionado periodo posterior e com

a mesma feição; motivos de janellas com esbeltos columnélos, medalhões, e outros adornos, bem como umas certas janellas duplas, em esquinas de predios, de modo que o cunhal descansa apenas sobre uma delgada columna; motivo este, que eu encontrei por mais de uma vez em Hespanha, e em Cordova, muito em especial.

A egreja de S. Francisco corresponde a uma época posterior (1628) e diverge na esquipação. Com uma só nave, abobada hemispherica, um côro estreito e abobada do teôr da primeira mas com caixotões, encerra no prolongamento dos lados trez capellas com pouco fundo; no lado oriental, sobre trez abobadas de arestas uma soberba tribuna; a abobada principal com grutescos pintados e dourados. E' pesado e austero o conjunto, do typo da



THOMAR — JANELLA DE UMA CASA

egreja do collegio em Coimbra. Os botareus que reforçam as paredes lateraes acham-se reproduzidos na estampa annexa.

A igreja de Santa Maria do Olival, para além do rio, merece ainda attenção. Pertence ao typo já descripto a proposito da igreja matriz, da invocação de S. João Baptista, supposto que vindo substituir a antiga igreja dos Templarios, da qual resta ainda a frente do lado occidental com a ro-

sacea e o adro. A sua construcção não irá além de 1450. Devemos pois ver n'ella o proto-tipo da generalidade das egrejas provinciaes manuelinas, apoiando-nos no facto de haver sido esta igreja a matriz de quantas pertenciam á Ordem de Christo.

Além do formosissimo pulpito da Renascença, coévo de D. João III, encerra ainda no côro o mais primoroso monumento sepulcral da mais pura

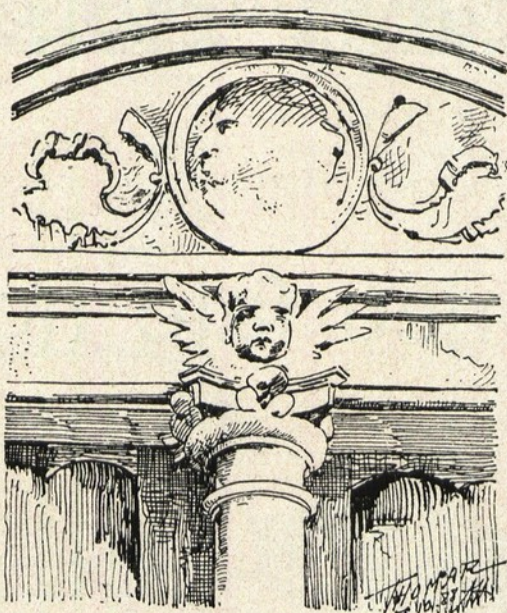
Renascença primitiva em todo o paiz, supposto que de accentuado typo francez,

o tumulto do primeiro bispo do Funchal, D. Diogo Pinheiro da era de 1525.

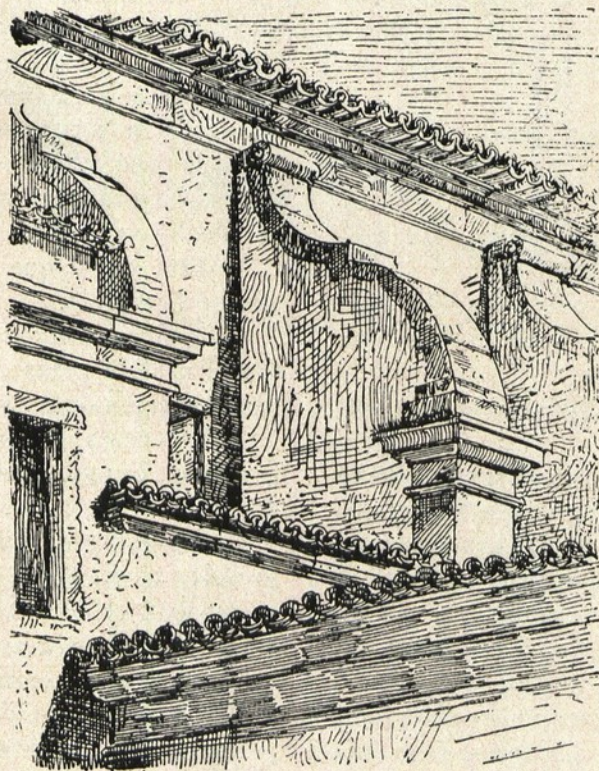
Este D. Diogo Pinheiro foi vigario episcopal em Thomar, e elevado por D. Manuel á dignidade de bispo do Funchal; e comtudo, detido na mãe-patria por diversos negocios, nunca veio a pisar solo madeirense.

O seu tumulo é um monumento magnifico, não apresentando avultadas dimensões, disposto á feição de nicho, emoldurado por columnas abalaustradas, coroadas por um frontão liso; e a dentro do arco encerrando um como que sarcophago.

A data supracitada e as minudencias decorativas patenteiam acharmos em presença de um trabalho dos francezes conimbricenses. O conjunto é um modelo de primor de composição.



THOMAR — DE UMA JANELLA DE UMA CASA



THOMAR — BOTAREU DE S. FRANCISCO



O meu fato novo

Fomos ao estabelecimento do Ferraz, algibebe, escolher um fato para mim. Diz o papá que é onde o servem melhor. O proprio Ferraz é visita lá da casa.

Assim que nos bispou á porta, fez um espalhafato por ahi além, e todo elle zumbaias, apertós de mão ao papá e á mamã: que era um alegrão a nossa presença, que não nos punha a vista em cima havia um seculo, que até lhe ia dando cuidado a nossa ausencia e estava pensando em mandar saber da nossa saude.

— Isto é o que se chama um alegrão, insistiu. E então como vae cá o nosso morgado?

— Está um latagão, pois não acha? perguntou o papá.

— Eu referia-me ao outro, áquelle diabrete do Joãozito, para quem costumavam comprar fato cá em casa.

— Essa, agora! O Joãozito é este que aqui vê.

— Isso sim! O amigo está-me a disfrutar. Este rapagão como uma torre pode lá ser aquelle migalho de gente a quem eu fui provar aquelle fatito, o verão passado? E eu a dizer com os meus botões, que seria, talvez, para ahi algum seu irmão mais novo! Estou pasmado!

E a dar-me palmadas no hombro e a apertar-me a mão com uns ares de consideração, e eu a perceber que era chalaça e que estava farto de me conhecer.

— E d'ahi, desta vez que é que vae?

— Não vinhamos com tenção de fazer compras, senhor Ferraz; passámos pela porta, batemos no ferrolho, e de caminho, lembrou-nos que iríamos vendo se havia alguma novidade para a estação.

São favas contadas, a mamã impinge aquillo toda a vez que sahimos a fazer compras.

— Fizeram muito bem, respondeu o algibebe. Esta casa está sempre ás suas ordens. Vejam tudo muito de seu vagar, e se não encontrarem coisa que lhes convenha, manda-se vir de fóra, pois então!

— Já que cá estou, não se me dava de ver se haverá para ahi um fato que me sirva, declarou o papá.

— Está claro que ha de haver, amigo e senhor Lampreia.

O senhor Ferraz desenrolou o metro, tomou medida pelas costas e pela frente ao papá, e assentou os numeros.

— Quarenta, exclamou. O meu amigo está gordinho, benza o Deus! Bem se vê que vende saude.

Levou-nos para junto de uma mesa, muito grande, ajoujada de fato para homem, offereceu uma cadeira á mamã, e pôz-se a remover a fatiota a ver se encontrava coisa que correspondesse á medida.

— Uma andaina de bater, já se vê? perguntou. Um cheviotezinho de fantasia, jaquetão assertoado... ou então, uma ingleza larga, á vontade, com uma abotoadura só!?

— Pouco mais ou menos o que eu desejava, respondeu o papá, mas a mamã foi-lhe á mão:

— A mim parecia-me que talvez te conviesse melhor um fraque redondo, de fazenda preta entransada, que te servisse para alguma visita, e para ir á egreja, ao domingo...

O fato de ver a Deus do papá é sempre um fraque redondo, servindo-lhe para as visitas e para ir á egreja, mas, é balda certa, em elle indo comprar fato, apetece-lhe sempre um jaquetão assertoado ou uma ingleza.

— Vamos lá a ver alguns d'esses de ingleza, só com uma ordem de botões, se o encontrar a geito, disse elle, e deitou o olho para a mamã.

O senhor Ferraz escolheu um casaco, e o papá despiu o que trazia vestido e enfiou o outro que elle lhe apresentou. Assentava-lhe bem, mas eu, não sei porquê, estranhei a falta das abas. E caso é que o papá até parecia mais novo. Era um cheviote de xadrez, da ultima moda, afirmava o senhor Ferraz.

O papá foi direito ao espelho, e torceu-se todo para ver se fazia algum fole, nas costas.

— Não assenta mal, declarou.

— Está muito largo em cima ao pé da gola, observou a mamã. Não tens figura para usar casacos curtos, estás farto de o saber.

— Tem muitissima razão, senhora D.Olaia, concordou o algibebe. Não faz ideia da quantidade de individuos a quem assentam bem casacos curtos, e a que ponto são raros aquelles que sabem vestir um fraque redondo. E se quer a opinião de um tolo, o corpo do meu amigo e senhor Lampreia

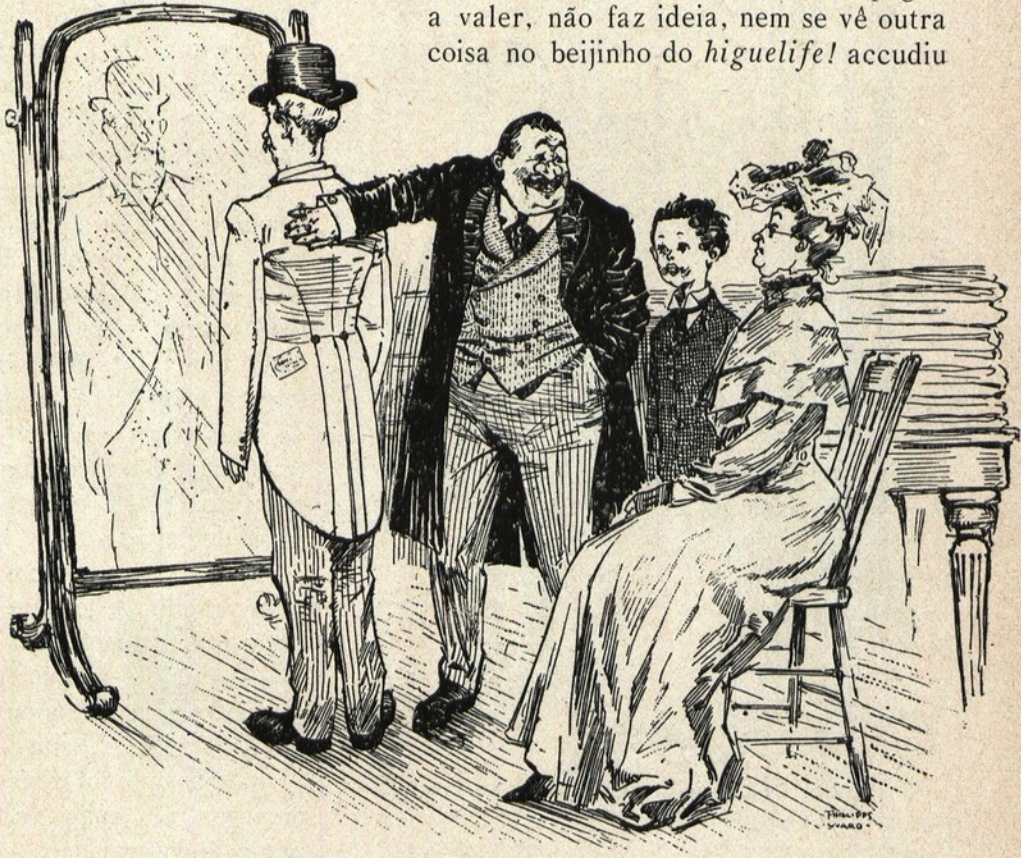
parece até que foi feito de proposito para fraques redondos.

— Pois é isso mesmo que eu lhe estou sempre a prégar. Mas por que não has de tu experimentar um d'esse feitio?

Percebi que ao papá se lhe iam os olhos na ingleza de cheviote, mas quando o senhor Ferraz lhe apresentou o fraque, não teve outro remedio senão vestil-o. Ficava-lhe melhor; isto é, parecia mais proprio para elle.

— E' o fato que te convem, confirmou a mamã. E a fazenda, que tal, será coisa que ature?

— Firme como uma rocha! E pegou a valer, não faz ideia, nem se vê outra coisa no beijinho do *higuelife!* accudiu



ESTÁ TÃO ASSENTE QUE NEM O PAPEL, ALI, DA PAREDE

mestre Ferraz, sorrindo com uns ares de piedade.

— Com licença, disse a mamã.

Ajudou o papá a despir o casaco, mirou-o e remirou-o do direito e do avêso, expól-o d'encontro á luz, examinou as costuras e verificou se os botões estavam bem pregados.

— Não terá algodão? suggeriu.

— Dou um dóce a quem for capaz de lhe encontrar um fio que não tenha crescido em lombo de ovelha ou de carneiro, sem me referir ao retroz com que foram cosidos os botões, — está claro!

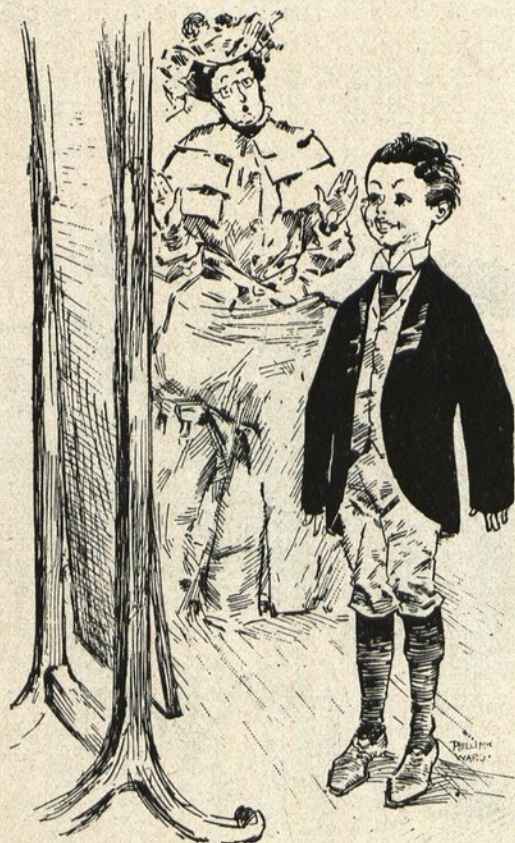
A mamã virou do avesso uma das abas, arrancou um fio da fazenda e poz-se a trincal-o.

— Não me parece que seja tudo lã; insistiui.

— Aposto a cabeça contra seja o que fôr, accudiu mestre Ferraz.

— Resta saber se haverá quem se tente com a aposta, insinuou o papá, a rir.

— Já cá tardava! Se o amigo não havia de vir com a sua piadinha, explodiu o se-



E A MIM, A LUZIR-ME O OLHO PARA UM SMOKING

nhor Ferraz, a fingir-se encavacado. Sempre a duvidar da minha palavra honrada! Quem tem casa aberta atura cada uma! Vá, enfie este casaco, faça favor. Está tão assente que nem o papel ali da parede. Erga o braço assim... Que me diz ao comprimento da manga? — certinha que é um regalo! Volte-se de frente.

Passou-lhe a mão pelos hombros e pelas costas abaixo, a assentar o casaco no seu lugar.

— Está que nem uma luva, aqui tem a sua senhora que me não deixará ficar por mentiroso. Pois não tenho razão, excellentissima senhora?

— Não assenta mal, lá isso é verdade, concedeu a mamã.

— Ora va lá, vista a calça e o colete, meu nobre amigo, e se precisar de alguma emenda, faz-se, passa-se a ferro, n'um rufo, e quando o amigo chegar a casa já lá o encontra.

O papá dispunha-se a dizer que sim, vae senão quando, sae-se d'ali a mamã:

— Não terá por ahi mais algum do mesmo genero?

— Ora essa! duzias de duzias.

Mestre Ferraz apresentou para ali um montão de casacos, e fêl-os provar ao papá, um atrás do outro. Estavam n'aquella faina, eis que diz a mamã:

— Visto que está com a mão na massa, não se me daria de yer alguma coisa que fizesse conta ao Joãozinho.

Foi logo d'ali como um foguete um caixeiro e voltou ajoujado com um rôr de fatos para os provar. E a mim a luzir-me o olho para um *smoking* de bandas de setim todo catita, e para o calção e colete que dizia com elle. Mas, isso sim, a mamã saiu logo a pôr-lhe a pécha de que era janota de mais para a minha idade. E para ali me teve mais de meia hora, a aparar a machada dos vestes e despes, até que por fim o papá declarou:

— E' bastante; com esse fato que o João tem vestido, e o que eu escolhi primeiro, creio que ficamos bem servidos.

— Aquelle fraque preto, redondo, que-rias tu dizer, emendou a mamã.

— S... s... sim... largou o papá.

— Em todo o caso, não será mau irmos dar por ahi uma volta, a ver se n'outra parte encontraremos coisa que melhor nos c nvenha. Por quanto me fica um d'estes fatos, senhor Ferraz?

— Dezoito mil réis o do amigo Lampreia, e dez o do nosso morgado.

— Que horror! E' um dinheirão! O senhor, a ultima vez que nos serviu, deu-nos coisa muito melhor e só levou quinze mil réis por um e oito por outro.

— Não digo que não, mas que quer, hoje em dia anda tudo na mão dos syndicatos!

— Menos nós, salvo seja! Em summa, vamos deitar por ahi a nossa olhadela, e se não encontrarmos melhor cá lhe vimos bater á porta.

— Se ha de ir perder o seu tempo, o

mais sensato é eu mandar já embrulhar estes, acudiu mestre Ferraz.

— Parecia-me que com estes não iríamos mal servidos, aventurou o papá.

— Nada, nada! Podendo-se poupar dinheiro... E quando mais não seja, sempre ficamos sabendo com que é que por ahí se pode contar.

— Como quiserem, replicou mestre Ferraz. Estimei immenso a honra da sua visita, excellentissima senhora; e se não encontrar o que deseja, bem sabe que esta casa está sempre ás suas ordens, e que a hei de servir como merece.

E lá fomos nós por ali fora correr a coxia, entrámos n'um estabelecimento, repetiu-se a mesma scena, mas não conseguimos encontrar coisa que contentasse a mamã. Entrámos n'outro: a mesma estopada, para variar. E' o costume, já não estranho. Quando iam a sair da ultima loja, e a mamã se fazia de vela para entrar n'outra, o papá não aguentou a maçada.

— Por hoje basta. Estou que nem posso com as pernas, e o João zito já vae a arrastar s pés. D'esta maneira é andarmos a perder tempo.

— Tudo isso assim será, mas debes concordar que o unico mei de uma pessoa saber se a esfola no preço é indagar o que ha pelos outros estabelecimentos.

— Lá para vocês, mulheres, que têm vagar para entreter horas e horas primeiro

que comprem dois carrinhos de linha e meio metro de percal, mas eu, para emprazador, nunca tive geito. Quando vou comprar qualquer coisa, já sei o que quero, vou aonde tenho a certeza de a encontrar, e venho servido, respingou o papá encaminhando para o Ferraz.

— Já aqui não está quem falou, disse a mamã, e visto que vens com ella ferrada, vamos lá, e acabou-se; mas ao depois, desde já te previno, se vires o casaco feito um trapo, ao primeiro aguaceiro que apanhares, não te voltes contra mim.

Parám s um bocado n'uma l ja de fanqueiro, onde a mamã comprou umas guarnições para um vestido. O papá entreteve-se a falar de politica com o dono da casa, em quanto a mamã apreciava a trapalhada e uns biscates para aproveitar a ocasião, já se deixa ver. Mestre Ferraz recebeu-nos com tanto es-

palhafato como se nos não tivesse visto havia um anno.

— Elles cá estão, embrulhadinhos e promptos á sua espera, desfech u.

— Não se me dava de os ver outra vez, disse a mamã.

Impingiu-nos a estopada de os tornarmos a vestir e mestre Ferraz, com a calça, calção e coletes, dobrados, no braço, levou-nos para o gabinete de prova e tivemos que provar tudo junto outra vez. O meu fato de xadrez, côr de burro quando foge, era feio como a breca, mas a mamã ateimou que



FUME ESTE CHARUTINHO, LOGO Á NOITE...

era de lavar e durar. O do papá assentava-lhe menos mal. Os meus calções é que tiveram que ser encurtados, uns centímetros.

— Veja lá nã fiquem curtos, observou o papá. Fiquem lá como ficarem, ainda as pernas lhe hão de crescer um palmo, primeiro que apanhe outros.

Mestre Ferraz encostou-se a uma rima de fato e escangalhou-se com riso ao ouvir o papá dizer aquillo.

— Já cá tardava! esganiçou algibebe, a rir a ponto de se lhe arrazarem os olhos de agua. «Ainda as pernas lhe hão crescer um palmo, primeiro que... Veja lá não fiquem curtos! Ainda não vi patusco com mais graça! palavra de honra! Chegue aqui, ó Thiago!

Accudiu á chamada um caixeiro:

— Você não ouviu a piada aqui do amigo Lampreia? Que lhe não deixasse os calções do pequerrucho muito curtos, e que as pernas lhe haviam de crescer um palmo primeiro que apanhasse outros!

— Boa piada! sim, senhor! cacarejou senhor Thiago, a rir como um possesso e ás palmadas no lombo de mestre Ferraz, e mestre Ferraz a estorcer-se e a esticar-se, e a arfar sem poder tomar folego, e a clamar que não havia outro como o papá para se sahir com cada piada que era de empanzinhar uma pessoa, — para desfechar á queima roupa uns ditos da gente se escangalhar a rir. E o papá a gostar.

— Não ouvem isto? perguntava mestre Ferraz á humanidade ausente. — Os cal-

ções muito compridos, e que lhos não deixemos muito curtos. Que as pernas lhe hão de crescer um palmo primeiro que... ho! ho! ho! ha! ha! ha! hi! hi! hi! Ai! que eu morro! não posso mais!

E tanto elle como o caixeiro desataram outra vez á gargalhada, e d'ali a um bom pedaço, quando conseguiram tomar folego outra vez, e enxugaram as faces encharcadas de lagrimas, o sr. Ferraz sacou um charuto da algibeira, apresentou-o ao papá e disse:

— Fume este charutinho logo á noite, á sobremesa, e lembre-se de mim. E acredite que eu, a essa hora, ainda hei de estar a rir, tão certo!...

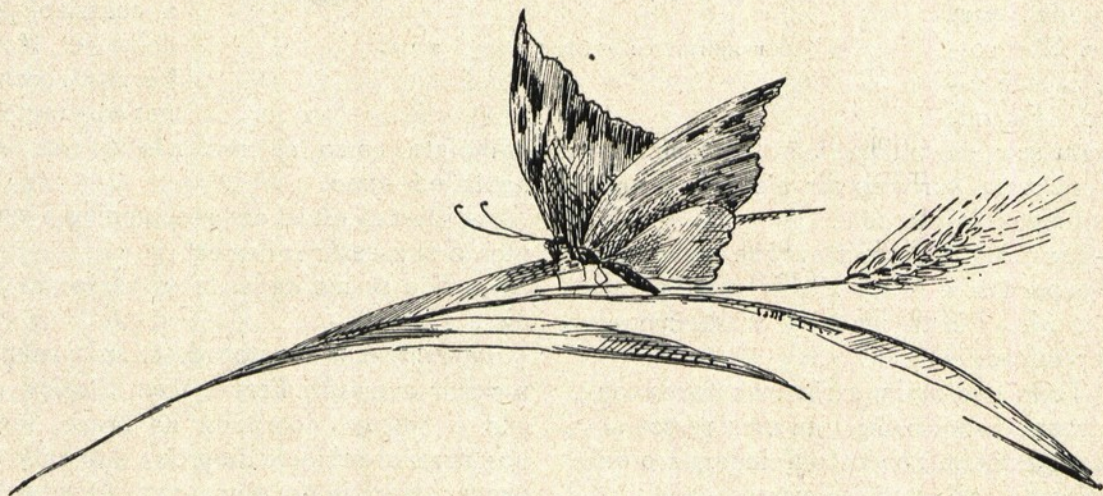
— Que estão s senhores para ahi a rir, n'esse desatino? indagou a mamã, vindo ter comnosco.

— Que ha de ser? Uma das chalacinhas d'este maganão do seu servo de Deus, minha senhora, disse mestre Ferraz com a barriga ainda a tremer.

— Ainda bem, estimo saber que haja alguem a quem ellas façam rir.

Dito isto, mestre Ferraz fez-nos tornar a despir os fatos, para lhes mandar fazer as emendas e passal-os a ferro. Desde ali até á casa da costura ainda o ouvimos rir a bom rir, e sempre a repetir o dito ao caixeiro, e este ás gargalhadas como quem não saboreava menos a piada.

O que eu achei ratão foi mestre Ferraz não se lembrar da piada. E' a mesma que o papá larga sempre que me vae comprar um fato.





O GATO DAS BOTAS



RA uma vez no Reino Azul um moleiro muito pobre, tão pobre que só tinha de seu o moinho, um burro e trez filhos.

Uma manhã foi ao mercado, á cidade mais proxima, vender dois saccos de farinha de trigo, e de tarde voltou para casa, tomando atravez da Matta Escura.

Quando vinha no meio do arvoredado mais cerrado, sentiu uma voz a gritar desesperadamente:

— Quem me acode! Quem me acode! Ai! Que eu morro!... Estão-me a espremer... debaixo d'estes cardos!...

O moleiro olhou para os cardos e viu um gato, com uma cobra muito comprida enrolada em volta do corpo. Compadecido do bichano, deu com o bordão uma pancada forte na cabeça da cobra, que ainda assim não desaperitou o gato. E vae então deitou a mão direita á cobra, e com a esquerda puxou o gato com força, até que afinal o soltou.

Depois deu outra bordoadá na cabeça da cobra, que se enroscou toda e ficou morta em cima da erva, lembrando um saca-rolhas.

— Muito obrigado, disse o gato ao moleiro, fazendo-lhe uma mesura.

— Não ha de quê, respondeu-lhe o moleiro.

E, de boca muito aberta, disse-lhe mais:

— É a primeira vez que ouço um gato falar, e fala melhor ainda que muitas almas christãs.

— Minha mãe já dizia o mesmo, tornou-lhe o bichano. O que eu agora lhe peço é que me leve quanto antes para sua casa. Ainda não estou em mim do grande susto.

Foi assim que o moleiro levou o gato para casa e o apresentou aos trez filhos.

Gabriel, o mais novo, era muito amigo de animaes e fez muitas festas ao pobre do bicho, porém os mais velhos principiaram logo a arrelial-o, puxando-lhe pelo rabo, atirando-lhe farinha ás ventas, para elle espirrar, mettendo-lhe carqueja nos ouvidos, e ladrando-lhe como cães, para o assustarem.

As coisas continuaram assim, e por isso o gato ganhou quesilia aos dois filhos mais velhos do moleiro e ficou sendo muito amigo do Gabriel.

Passados cinco annos, o moleiro morreu, deixando o moinho ao filho mais

velho, o burro ao filho segundo e o gato ao filho mais novo.

No dia seguinte ao do enterro, Gabriel estava a chorar muito no seu quarto, quando de repente o gato deu um salto pela janella dentro e foi cahir em cima da meza, ao pé d'elle, dizendo:

— Animo!

Ora é bom saber que, em todo o tempo que elle tinha passado no moinho, nunca tinha dado uma palavra a não ser as que dissera no principio ao moleiro, de modo que só este sabia que o gato falava.

O Gabriel muito pasmado, disse:

— É a primeira vez que ouço um gato falar, e fala melhor ainda que muitas almas christãs.

— Minha mãe já dizia o mesmo, tornou o gato, e teu pae tambem m'o disse.

se. Mas tratemos do que importa. Amanhã abalamos d'esta casa e vamos por esse mundo tentar fortuna. Quanto mais cedo fôrmos, tanto melhor.

— Pois vamos, sim, meu caro bichano. Em todo o caso não nos podemos metter a caminho, sem ter feito alguns preparativos.

— Certamente. Dize-me uma coisa: tens dinheiro?

— Nem raça... Quero dizer tenho uma moeda de oiro, com um furo por onde se enfia um cordão. Pendurou-m'a ao pescoço meu avô, no dia em que me baptisaram.



DEITOU A MÃO DIREITA Á COBRA, E COM A ESQUERDA PUXOU O GATO COM FORÇA, ATÉ QUE AFINAL O SOLTOU

— Bom! Bom! respondeu o gato. Já chega para comprar um par de botas para mim, e um sacco de couro. Não preciso de mais nada.

— Um par de botas! exclamou o Gabriel, muito espantado, mas lembrou-se logo de que ainda era mais para admirar que um gato falasse do que usasse botas, e foram n'aquelle mesmo dia comprar ambas as coisas, e no seguinte abalaram, levando o Gabriel o seu fato embrulhado n'um grande lenço vermelho.

O gato ia muito satisfeito com as botas de canhão, que lhe serviam perfeitamente e dizia de instante a instante:

— Quem me dera que minha mãe agora me visse! Havia de ficar toda inchada com o seu filho.

Ao cabo do primeiro dia de jornada foram ter a uma choupana muito velha e abandonada, que ficava ao pé das terras de um temível papão.

O gato pousou á porta da choupana o sacco de couro, e deixou-o aberto com a ajuda de uma forquilha. A boca fechava-se com argolas de latão e um cordel. No fundo poz o bichano trez ramos de salsa e uma mão cheia de farello, que para isso tinha trazido do moinho. Fez tambem com farello um carreirinho até junto do sacco. Depois sentou-se a distancia, escondido atraz de uma moita de carqueja, e ficou á espreita, com as mãos nas pontas do cordel. Esperou pouco tempo. Logo appareceu um coelho, que farejou o carreiro de farello e correu para dentro do sacco.

Que fez então o gato? Esticou o cordel e tate! Emquanto o diabo esfrega um olho, deitou o sacco para cima do hombro, com o coelho a espernear lá dentro, mas sem poder escapar-se.

— Aquieta-te, menino, gritou-lhe elle. Comtigo faz-se um petisco digno da meza de um rei.

Teve de repente uma ideia e disse comsigo:

— Mesmo para um rei é que has de ser!

E desatou logo a correr direito ao palacio do rei d'aquella nação.

Quando chegou á entrada, as sentinellas, que estavam com umas vestimentas muito cheias de alamares dourados, mandaram-n'o á presença do camareiro-mór, que tambem vestia um traje muito vistoso e forrado de arminho.

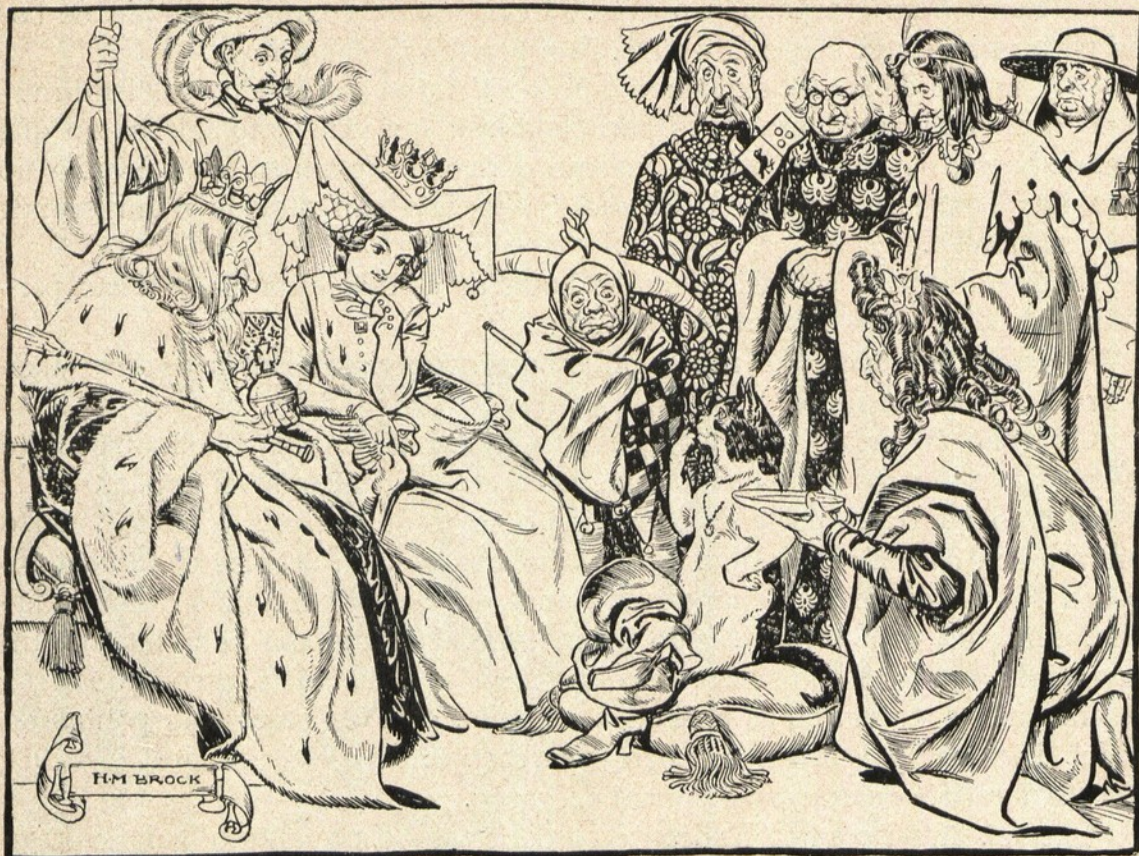
E vae o camareiro-mór conduziu-o á presença do rei, que estava sentado no throno e de corôa na cabeça.

O gato não se atrapalhou. Levou uma das mãos ao toutiço e fez muitos rapapés e uma grande mesura, curvando-se tanto que chegou a tocar com os bigodes no sobrado da sala, que era todo marchetado de pedrarias.

— Real senhor, disse elle, venho aqui saudar Vossa Majestade e pedir licença para vos offerecer um admiravel coelho, da parte do poderosissimo fidalgo o marquez de Carabaz.

— Espantoso gato! exclamou o rei. Fala e, o que é mais, fala melhor, que muitas almas christãs.

— Isso mesmo, real senhor, já dizia minha mãe, e o mesmo dizia o moleiro velho... quero dizer, o pae do marquez, e diz tambem o marquez seu



A PRINCEZA MANDOU VIR PELO CAMAREIRO-MÓR, PARA O GATO, UMA TIGELA DE PRATA CHEIA DE LEITE

filho, de quem tenho a honra de ser escudeiro. Ora, como Vossa Majestade agora o diz, é porque certamente é verdade.

Ficou o rei tão satisfeito, que acceitou o presente do marquez de Carabaz, a quem mandou os seus reaes agradecimentos. Tambem deitou uma fita es-carlate ao pescoço do bichano, como prova do seu real apreço.

Na manhã seguinte, ainda o sereno gotejava nas folhinhas da erva, quando duas perdizes foram cahir no sacco de coiro, armado do mesmo modo pelo gato ao pé da cabana, onde elle e o Gabriel tinham passado a noite.

Antes do meio dia foi o bichano novamente ao palacio, mas d'esta vez não teve que pedir licença para entrar, porque as sentinellas e o proprio camareiro-mór, o mandaram logo ir á presença do rei, apenas lhe viram ao pescoço a fita es-carlate, fazendo-lhe ao mesmo tempo grandes medidas á moda da côrte.

Quando o rei viu as duas bellas perdizes gordas e anafadas, ficou ainda mais contente que na vespera e mandou chamar a princeza, para lhe apresenter o gato de botas.

E a princeza, que se chamava Elina, e que fazia espanto pela sua boniteza, tambem gostou muito do bichano e mandou vir pelo camareiro-mór, para elle, uma tigela de prata cheia de leite. E tambem lhe deu uma cadeia de ouro, que tirou do seu pescoço e poz ao pescoço do gato, junto da fita es-carlate.

— Porque não vem á côrte o vosso amo, o nobre e poderoso marquez de Carabaz? perguntou o rei. Prazer-me-hia vel-o no lugar que lhe compete entre os fidalgos que me rodeiam.

— Saberá Vossa Majestade que elle é muito modesto, respondeu o gato, dando uma marradinha nos joelhos do rei. Prefere a tudo viver entregue á meditação. Que lindas obras meu amo podia compôr, se quizesse escrever os seus pensamentos!

O rei, a princeza, o camareiro-mór e toda a côrte ficaram ainda com maior desejo de ver o marquez de Carabaz, de modo que o gato, quando foi ter com o Gabriel, participou-lhe o caso.

— Posso lá apresentar-me assim deante de pessoas que usam vestes de ouro, veludo e pedras preciosas! tornou-lhe o rapaz. Lembra-te de que o meu fatinho de ver a Deus foi feito com um sacco de linhagem, em que meu pae levava farinha para a cidade.

(Conclue no proximo numero).

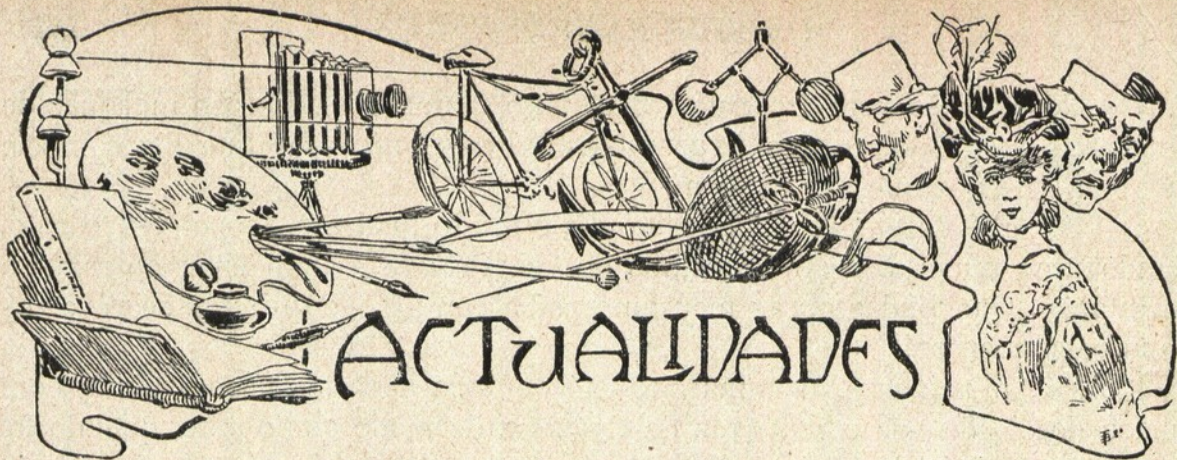
Quinto concurso photographico dos “Serões”

MENÇÃO HONROSA



AZENHA DO RIO HOMEM (CALDELLAS)

Photographia do Sr. Antonio Manuel Lopes, Villa Verde (S. Pedro de Goães)



Grandes topicos

A Belgica e o Congo **F**or finalmente apresentado ao parlamento belga o projecto da lei de anexação do Congo ou, mais propriamente, da cedencia d'aquelle paiz. pois, pelo seu primeiro artigo, «Sua majestade o rei soberano declara ceder á Belgica a soberania dos territorios que compõem o Estado independente do Congo, com todos os direitos e obrigações que lhe são inherentes.»

Por seu turno, a Belgica declara aceitar essa cedencia, fazendo seus os compromissos tomados pelo Estado independente, e comprometendo-se a respeitar todos os direitos adquiridos.

A cedencia comprehende todos os valores moveis e immoveis, e principalmente:

A propriedade de todas as terras pertencentes ao dominio publico ou privado do Estado;

Todas as acções e obrigações emitidas;

Todos os edificios, construções e instalações feitas ou adquiridas na Africa ou na Belgica pelo governo do Estado independente; o gado que elle possui, assim como os seus navios; o marfim, a borraça e outros productos africanos, que são propriedade do Estado independente; e todo o seu passivo.

A data em que a Belgica deve assumir o exercicio do seu direito de soberania será fixada por decreto, e as receitas e despesas do Estado independente ficarão a cargo da Belgica a partir do dia 1 de janeiro de 1908.

No relatorio que precede o projecto descreve-se a situação financeira

seja um excedente de 6 milhões. Quanto ao orçamento, foi fechado em 1905 com um saldo de trez milhões e em 1906 de dois, prevenindo-se que seja mais elevado no anno corrente.

A questão do Congo entrou assim na sua ultima phase, que será, porventura, a mais interessante. Já dissemos que na Belgica ha uma grande corrente contraria a esta solução, mas como o governo conta com a maioria no parlamento, não resta duvida de que será ella a adoptada.



BEIJOS DE INIMIGOS

Ha beijos que são principalmente amargos.

Do «Cri de Paris»

e economica do Estado independente. O seu activo é de 120 milhões, sendo 14 em productos naturaes, 15 em navios e armamento, 29 em propriedades na Belgica e 60 em valores em carteira. O passivo, comprehendendo a divida publica e outros debitos, eleva-se a 114 milhões, ou

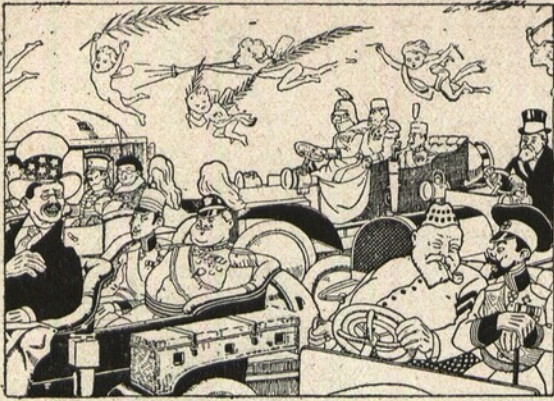
Novo Estado americano **O** presidente Roosevelt assignou

ultimamente o decreto elevando o territorio d'Oklahoma á cathegoria de Estado. Só, porem, em julho de 1908 a nova estrella que o hade representar será collocada junto das 45 que constelam o pavilhão americano.

Como a disposição d'ellas tem de ser modificada. o presidente nomeou já

para se occupar do assumpto uma comissão composta de officaes de terra e mar, presidida pelo almirante Dewey.

O Oklahoma é uma parte do territorio indiano, cedida pelos Pelles Vermelhas aos Estados Unidos em 1866, sendo aberta á colonisação



O ENCERRAMENTO DA CONFERENCIA DA HAYA

Do «Ulke»

dos brancos em 1889. Muitos milhares de individuos haviam-se então instalado no limite do territorio, á espera do momento de tomar posse d'elle. E foi assim que se fundou, em um dia, a cidade de Oklahoma com 50.000 habitantes.

Morte
do rei Oscar

Após trinta e cinco annos de reinado, faleceu em Stockolmo, no dia 8 de dezembro, o rei Oscar da Suecia.

Filho segundo do rei Oscar I e tendo nascido em 1829, era o sobe-

nascido em 1858; Oscar Carlos Augusto, duque de Gothia, nascido em 1859; e Oscar Carlos Guilherme, duque de Westrogothia, nascido em 1861.

Tendo succedido em 1872 a seu irmão Carlos XV, salientou-se logo que subiu ao throno promovendo reformas de grande alcance para os dois paizes, a Suecia e a Noruega. N'essa orientação seguiu pela vida fóra, o que fazia com que os seus subditos tivessem por elle uma grande veneração.

Em 1905, quando já a idade e a doença o haviam alquebrado bastante, sofreu um golpe profundo: a separação da Noruega. Foi isso certamente que lhe abreviou a existência.

Sucedeu-lhe no throno seu filho primogenito que adoptou o nome de Gustavo V. O novo soberano nasceu em 16 de junho de 1858, e casou em 1881 com a princeza Victoria de Bade, que lhe deu trez filhos. Oscar Gustavo Adolpho, Carlos Guilherme e Eric Gustavo. O primeiro conta 25 annos, o segundo 23, e o terceiro 18. Fica, portanto, sendo o principe Oscar o herdeiro.



CORDEALIDADE AMÉRICO-JAPONESA

Do «Pasquino»

rano mais velho da Europa, que lhe consagrava uma certa sympathia, graças á sua bondade e ás suas apreciaveis qualidades de intelligen-

cia, devido ás quaes, a literatura sueca conta, firmadas com o seu nome, numerosas obras de historia, sciencias e artes.

Oscar II, que casara em 1857 com a princeza Sophia de Nassau, teve d'ella trez filhos: Oscar Gustavo Adolpho, duque de Vermeland,

A terceira Duma **C**omo previramos, o terceiro escrutinio das eleições russas deu a maioria aos octobristas, mas onde as nossas previsões falharam foi na attitude que estes tomariam na futura assembléa. Com effeito, tendo elles as mais pu-

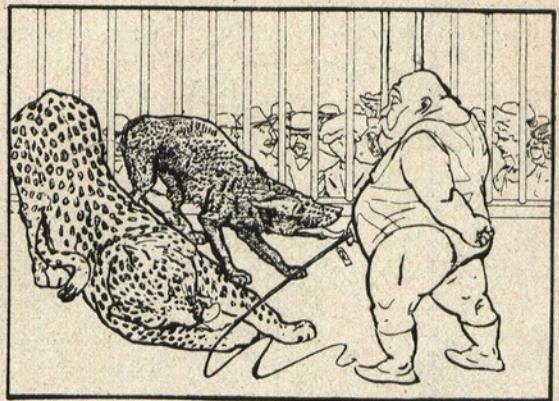


O PACTO ANGLO-RUSSO

O ouro de John Bull dá ao assassino russo força para novas empresas.

Do «Nebelspalter»

ras tradições democraticas, era de esperar que no parlamento occupassem a esquerda, ou, pelo menos, o centro, acompanhando as oposições no que julgassem não ir muito além do razoavel, visto não se lhes



IDEIA JAPONESA DA HABILIDADE DIPLOMATICA DO REI EDUARDO

O Rei Eduardo, domador de feras, andou pela Europa a mostrar as suas habilidades. Ate o leopardo e o tobo não poderam resistir á sua prodigiosa destreza. O mundo está transportado de admiração.

Do «Tokyo Punch»



DEPOIS DA CONFERENCIA

Novo modelo para a estatua da Paz, agora que a conferencia acabou.

Do «Wahre Jacob»

poder exigir um programma retintamente radical.

Mas essa esperança, abrigada por quasi toda a opinião européa, desvaneceu-se completamente. Logo na primeira sessão da Duma, os partidos da direita fizeram um pacto com os octobristas, segundo o qual apoiariam a candidatura á presidencia de um dos seus, se este, no discurso de abertura, não se referisse á questão constitucional. Assim se fez. Komiakof foi eleito e os octobristas passaram logo a fazer causa commum com os reaccionistas, formando assim um bloco



A COSINHA INTERNACIONAL DE STUTTGART

Allusão ao congresso socialista, com o allemão Bebel e os francezes Jaurès e Hervé.

De «La Silhouette»

governamental de 295 deputados que, mesmo sem o concurso dos 53 do Centro, o qual, de resto, lhes está assegurado, podem bem fazer face aos partidos avançados e aos independentes que contam apenas com 194 representantes.

Razão têm, portanto, os jornaes de S. Petersburgo quando dizem que não existe laço algum entre a nação e a Duma, que d'esta foi excluída pela ultima reforma eleitoral, tendente a fazer prevalecer a vontade de uma infima minoria conservadora sobre a da immensa maioria liberal. A primeira e a segunda Duma eram a expressão da opinião publica; a terceira não é senão a expressão exacta do que a côrte, o governo e a policia quizeram que fosse.

Nada ha, portanto, a esperar d'ella.

Em Marrocos

QUANDO uma em falso e outra em cheio, Muley-Hafid lá continua a combater as tropas de seu irmão, sem que a situação se modifique por fôrma a merecer registo especial. Entretanto, a situação aggravou-se consideravelmente, do lado da fronteira argelina. Em fins de novembro a tribu dos Beni-Snassem atacou as tropas francezas que guardavam a fronteira e, passando-a, fez uma verdadeira razzia no territorio da colonia. E' claro que foram logo mandados reforços contra os arabes, mas não em numero suficiente para os conter, pois a breve trecho se reconheceu que não se tratava apenas de um acto de violencia de algumas centenas de individuos, mas da execução de um plano longamente premeditado e executado por muitos milhares de fanaticos guerreiros. O fim dos Beni-Snassem é provocar um levantamento geral contra os francezes e arrastar á revolta as tribus argelinas por fôrma que o poderio da França seja abalado na propria Argelia.

Evidentemente, a França saberá aparar o golpe e responder a elle com um castigo exemplar nos Beni-Snassem, mas o peor é que o acto d'estes vem crear-lhe serias difi-



A AERONAVE DE GUERRA

«O' camarada! Aquillo são ganços brancos ou um corpo do exercito francez?»

Do «Wahre Jacob»

culdades no desempenho da missão que ella se impoz em Marrocos.

O Orange autonomo

COMO já em tempos dissemos, a Inglaterra, á imitação do que fez com o Transvaal, concedeu a autonomia á colonia do Orange. Em consequencia d'isso, constituiu-se ultimamente um governo e fizeram-se as primeiras eleições.

Dos trez partidos que luctaram



LINDA PERSPECTIVA!

O Czar ordenou que o secretario Taft (dos Estados Unidos) fosse tratado como um fidalgo russo, logo que chegasse a Russia.

Do «International Syndicate»

nas urnas, os orangistas unidos, representando o elemento holandez; os constitucionaes, ou elemento inglez, e os independentes, triumpharam completamente os primeiros. Os orangistas, com efeito, conseguiram eleger 30 deputados, enquanto cada um dos dois outros partidos não poudo obter mais de quatro.

Quanto ao ministerio, apparecem n'elle homens que crearam um grande nome na Historia: Fischer occupa o logar de presidente do conselho; o general Herzog o de *attorney general*; Wessels sobraça a pasta das obras publicas, e, emfim, o general Dewet, o prodigioso heroe do *veldt*, é o ministro da agricultura.



AS COSTAS DO TIO SARSO

A attitude do tio Sam para com o Japão animou a China a desejar a agressão japoneza.

Do «International Syndicate»

gadas a ir em soccorro da Noruega. Alem d'isso, o tratado, que vigorará durante o periodo de vinte annos, permite áquelle paiz fazer convenções espeziaes com a Suecia e com a Dinamarca, para o salvaguarda da sua integridade, assim como entrar na Federação dos Estados scandinavos no dia em que ella se constitua.

A Suecia manifesta o desejo de entrar tambem no accôrdo, desejo que foi apoiado pela França, pela Russia e pela Allemanha. Mas a Inglaterra opoz-se, não se sabe bem porque, e o plano falhou. A opinião publica na Suecia ficou com isso profundamente irritada. Mas o governo de Christiania deu a esse respeito todas as explicações devidas e o

incidente ficou por ahí.

A integridade da Noruega **A** Noruega acaba de tomar a elementar precaução que se impõe a toda e qualquer pequena potencia nas suas condições. Como a sua separação da Suecia fizesse caducar o tratado franco-inglez de 1855 que protegia os dois paizes unidos no equilibrio internacional, a Noruega entablara ha mezes negociações com a França, a Inglaterra, a Russia e a Allemanha para fazer garantir a sua integridade por essas potencias.

Para conseguir a sua pretensão não podia ella, é claro, nas actuaes circumstancias, dirigir-se apenas á França e á Inglaterra, porque isso seria manifestar que desconfiava de certas ambições suspeitas d'outras potencias. Visinhas immediatas da Noruega, a Russia e a Allemanha deviam, portanto,

entrar n'esse accôrdo. Assim o comprehendem os estadistas noruegueses, e foi talvez em resultado d'esse inteligente acto politico, que as potencias responderam á solicitação estabelecendo a garantia pedida nas bases mais solidas que era possivel conceder: o territorio noruegues é posto ao abrigo de todo e qualquer conflicto armado, não podendo em caso algum servir de base de operações militares, e bastará uma simples communicação do governo de Christiania para que as potencias contractantes sejam obri-

Terremoto na Italia

A 24 de outubro devastou a Calabria um terrivel terremoto. Os desastres foram quasi tão importantes como os do abalo sismico ocorrido ha dois annos. Ferruzzano, povoação de 2111 habitantes, foi quasi inteiramente destruida, e desabaram metade das casas em Brancaleone. Em Ferruzzano morreram cerca de 200 pessoas e ficaram feridas umas 400. Ao todo ficaram mortas cerca de 600 pessoas, principalmente mulheres e creanças. As casas, edificadas nas encostas de montes, cahiram umas sobre as outras, deixando montões de escombros. A toda a pressa foram mandados para o local do sinistro engenheiros militares e tropa para socorrer os feridos e recolher os cadáveres.



TERREMOTO NA ITALIA—RUINAS DA POVOAÇÃO DE FERRUZZANO

Vida na sciencia e na industria

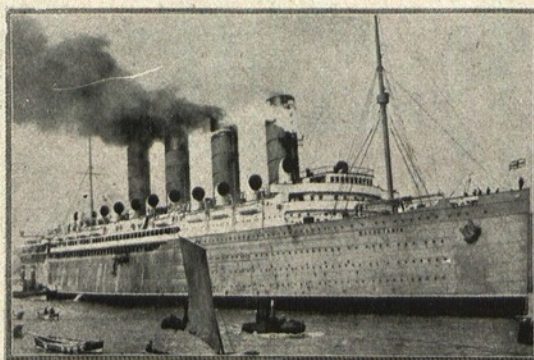
O maior
transatlantico

O paquete *Mauretania*, da companhia Cunard, que devia ser igual ao *Lusitania*, vence-o ainda em tamanho, tendo mais 5 ou 6 polegadas de fundo, e portanto mais umas 300 toneladas de peso. A sua tonelagem é 32:000. A sua boca anda por 29 a 30 metros, e o calado de agua por 12 a 13 metros. Duas enfiadas de ventiladores gigantescos tornam a apparencia externa do *Mauretania* um pouco differente do navio gêmeo. As disposições interiores, com a maxima commodidade e luxuosas decorações, dão ao passageiro a impressão de estar n'algum opulento palacio. É em summa a ultima palavra em construção naval. Artistas eminentes contribuíram para os primores da decoração.

A pedra
philosophal

O professor Otto Witt, de Charlottenburg, affiança que as ultimas experiencias do professor Ramsay mostram que sob a influencia da energia contida nas emanações do radium, elemen-

tos conhecidos como o cobre podem converter-se n'outros igualmente conhecidos. Prova isto que os antigos alchimistas estavam na pista



O PAQUETE MAURETANIA

correcta. Ha quatro annos o professor Ramsay descobriu que as emanações do radium transformavam-se em helium, e depois que isto é origem de todos os elementos inactivos. Ultimamente o professor Boltwood, de Yale, provou que existe um novo elemento nos mineraes de uranium, onde se encontra o radium, o qual é parente do radium. Este novo elemento produz radiações alpha e beta, não produz emanações, e parece-se com o thorium. A esta substancia propoz-se o nome de ionium.

Corte dos metaes
pelo oxyge-
nio

É um processo recente, que consiste em aquecer o objecto, segundo a linha por onde se deseja recortar, com um maçarico, e em dirigir immediatamente sobre essa linha um jacto de oxygenio sob pressão que effectue o corte queimando o metal. Obtem-se uma secção nitida em condições de rapidez e economias fabulosas. O aparelho pesa 1,kg-700, e corta em dez minutos por metro uma chapa de 16 centimetros, ao preço de 30 francos. Com as machinas existentes, que custam pelo menos uns 30.000 francos de installação, cortavam-se 2 metros

em 12 horas. Imagine-se a facilidade que dá esta invenção para o aproveitamento de enormes peças de metal, que o custo do transporte ou do corte impedia até hoje de mandar fundir. Este novo maçarico, que deve prestar tão importantes serviços na industria metallurgica, constitue um instrumento terrivel nas mãos dos gatunos. As suas pequenas dimensões tornam facil o dissimular-o, e em poucos minutos pode cortar sem ruido a porta do cofre mais solido. Com

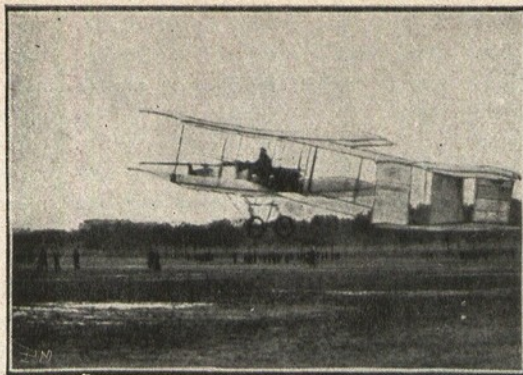


RELAMPAGOS DURANTE A TROVOADA DE SETEMBRO EM LISBOA

Interessantes photographias do nosso collaborador A. Lima.

effeito, esses cavalheiros de industria, ao corrente de todos os progressos, já o tem aproveitado principalmente em Marselha e Anvers.

O aeroplano Farman **H**A cerca de um anno que Santos Dumont ganhou o *record*, pelo menos no Velho Mundo, voando pelos ares n'um aeroplano, ou machina mais pesada que o ar, n'uma distancia de 220 metros. Esse *record* foi agora batido por Mr. Henri Farman, o qual a 26 de outubro, n'um aeroplano de



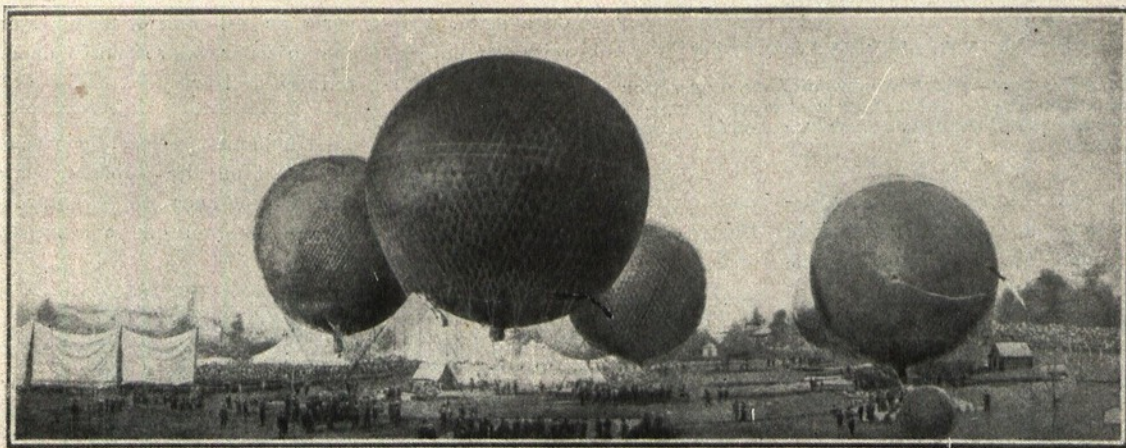
AEROPLANO FARMAN

a qual partiu de S. Luiz (Estados Unidos da America) com intervalo de cinco minutos entre a largada de cada um dos concorrentes. O tempo

Contra a mordedura da serpente

antes de aterrar em Ashbury Park, New Jersey. Os outros resultados foram: o francez Le Blanc, que percorreu 855 milhas; o allemão Von Abercron, 825; o americano Hawley, 730; o francez Garnier, 700; o allemão Meckel, 680; o americano Hersey, 650; o inglez Brewer, 365.

HA tempos, um americano foi mordido por uma cobra cascavel, e perdeu toda a esperança. Mas um companheiro



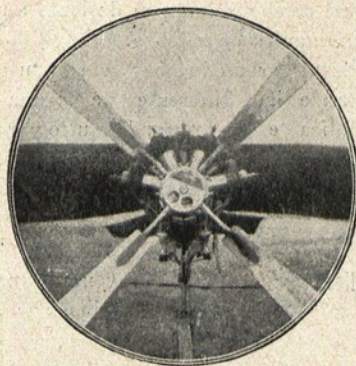
REGATA INTERNACIONAL DE BALÕES EM S. LUIZ—PROMPTOS PARA A PARTIDA

typo identico ao dos irmãos Wright, voou cerca de 400 metros em trinta e um segundos sobre o campo de Issy, fóra dos muros de Paris. A machina seguiu em linha recta, á altura de 3 a 8 metros acima do solo. O aeronauta ganhou pois o premio de 60 libras offerecido pelo Aero Club ao inventor do aeroplano que vençesse mais de 300 metros n'um só voo, e agora tenciona concorrer ao premio Deutsch-Archdeacon de 2:000 libras para a primeira machina mais pesada que o ar, que voo um kilometro em circuito fechado.

Regata Internacional de balões **H**OUVE nove concorrentes á segunda regata internacional da Taça Aeronautica,

estava magnifico, soprando o vento com a velocidade de cerca de cinco milhas por hora. O allemão Oscar Erbsloh, no *Pommern*, ganhou por 25 milhas, percorrendo 880 milhas

escangalhou um cartucho, cobriu a ferida de polvora, e deitou fogo a esta, cauterisando efficazmente a ferida. Na manhã seguinte o ferido não sentia outra impressão a não ser a perna um pouco rigida.



AEROPLANO ESNALT-PELTERIE

Mais outro aeroplano **M**ULTIPLICAM-SE as invenções da aeronautica. Em Bue, perto de Versailles, fez-se com excellent resultado uma experiencia com a machina Esnalt-Pelterie, a qual é impulsionada por um motor de sete cylindros de plano absolutamente novo. Ergueuse a uma altura de seis a sete metros, e continuou o voo percorrendo perto de 140 metros.

A peçonha
das serpentes

O methodo de Pasteur para curar mordeduras da serpente, por injeções do soro preparado da propria peçonha do animal, é conhecido em forma mais primitiva pelos indigenas da Africa, que ingerem a peçonha como preventivo contra as mordeduras. Ficam um pouco atordoados, mas



METHODO DE TIRAR A PEÇONHA A UMA SERPENTE

Depois de reduzir o reptil á immobilidade, o operador colloca-lhe entre as maxillas uma placa de porcelana, exprime as duas glandulas e expelle a peçonha.

immunes. O professor Fraser, especialista no assumpto, descobriu que uma dose de peçonha de serpente tomada internamente é prophylatico contra os effeitos de uma injeção sub-cutanea. Multiplicada por mil, a peçonha necessaria para causar a morte, quando injectada sob a pelle, pode engulir-se impunemente. Suppõe o alludido sabio que isto é devido ao effeito neutralizador da bilis, e, misturando a bilis da serpente com peçonha, descobriu que se removiam os effeitos mortiferos. Poderia dar a immuidade a uma pessoa com doses cautelosamente graduadas. Este facto era conhecido por Mithridates, que se tornou immune por identico processo. Os fascinadores de serpentes tambem usam d'este methodo.



NOVO BARCO DE REMOS

A peçonha, depois de expellida, secca rapidamente em pelliculas, que a conservam durante muitos annos.

Camara photographica natural

É curioso o modelo, que em gravura apresentamos, do olho humano reconstituído em ponto grande, como se vê á esquerda. O ponto negro é a pupilla, a parte annular escura é a cornea que protege o aparelho. Na gravura da direita a iris vê-se um pouco á esquerda, e a meio está o crystallino ou a lente. Á direita está um globo grande de vidro representando o humor vitreo, substancia gelati-

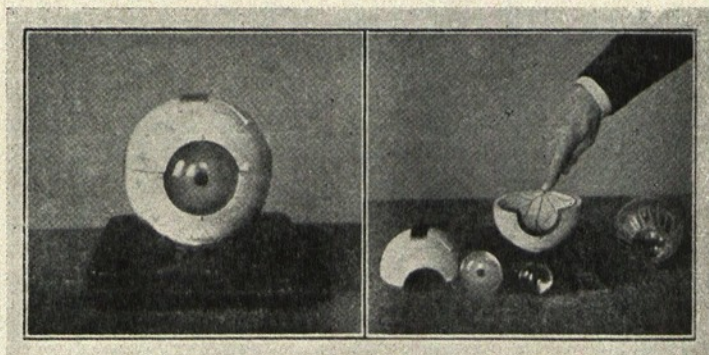
nosa que enche o interior do olho. Dentro do modelo aberto vêem-se

paço central contem o machinismo impulsor, e os remos, que funccionam como alavancas, estão ligados com as pás por meio de discos e correntes que actuaem n'um aparelho especial. Pode conseguir-se n'este barco uma grande velocidade.

A pesca marítima na Grã-Bretanha

HA uns vinte annos a esta parte, tem tomado um desenvolvimento extraordinario a industria da pesca marítima na Grã-Bretanha. O augmento é de 72 por cento sobre o peso dos peixes desembarcados nos portos britannicos, e de 93 1/2 por cento sobre o valor d'estes desembarques, abstrahindo da pesca das ostras, mariscos, crustaceos, etc. Actualmente as pescas representam um peso de perto de mil milhões de toneladas com o valor approximado de dez milhões de libras.

QUANTAS pessoas, padecendo de uma bronchite chronica, perderam a esperanza de se curar! É porque ignoram que o *xarope de*



UM MODELO DO OLHO HUMANO

linhas que representam a retina, a qual recebe a imagem da lente e a communica ao cerebro.

Estas reproducções em ponto grande das diferentes peças anatomicas estão-se nsando muito para estudo em varios paizes do mundo, especialmente na Allemanha.

Novo barco
de remos

Foi inventado na Allemanha. Consiste em dois botes conjugados, de fundo chato, unidos por travessas solidas. O es-

hypophosphito de soda de Swann (Dr. Churchill) é o melhor remedio para aquella enfermidade e que produz effeito ainda nos casos em que todos os outros se maillogram. Experiencia de larguissimos annos tem-n'o indicado como gozando da immensa vantagem de impedir que a doença degenerem em tuberculose. É o unico medicamento do genero que offerece estes beneficios.

O seu deposito é na pharmacia Swann, 13, rue Castiglione, Paris, e encontra-se á venda em todas as pharmacias.